



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE -
PPGREC**

JULIA BORBA CAETITÉ ALGARRA

**VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE MEDICINA: A BRANQUITUDE
NAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

JEQUIÉ

2019



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE -
PPGREC**

JULIA BORBA CAETITÉ ALGARRA

**VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE MEDICINA: A BRANQUITUDE
NAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade. – Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Orientadora: Prof^a Dra. Regina Marques de Souza Oliveira

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO****VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE MEDICINA: A BRANQUITUDE
NAS RELAÇÕES ÉTNICAS**

Autora: Julia Borba Caetité Algarra

Orientadora: Prof^ª. Dra. Regina Marques de Souza Oliveira

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por *Julia Borba Caetité
Algarra* e aprovada pela Comissão Julgadora.

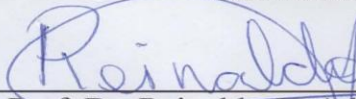
Aprovada em: 23 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Regina Marques de Souza Oliveira- UFRB
Presidente da Banca/Orientadora



Prof^ª. Dra. Marise de Santana- UESB
Examinadora



Prof. Dr. Reinaldo José de Oliveira - UEFS
Examinador

A394v Algarra, Julia Borba Caetité.
Vivências de estudantes de medicina: a branquitude nas relações étnicas / Julia Borba Caetité Algarra.- Jequié, 2019.
148f.

Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Orientadora: Profa. Dra. Regina Marques de Souza Oliveira.

1. Relações Étnicas - 2. Estudantes de Medicina - 3. Branquitude -
I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - II.Título.

CDD – 305.89608161

À minha mãe, que é a minha maior motivação e inspiração diária, por todo apoio e amor dedicados a mim. Essa conquista também é sua!

AGRADECIMENTOS

À Deus, porque nada acontece sem a sua permissão e luz divina em nossas vidas.

À minha mãe, por toda dedicação, amor e incentivo nessa árdua caminhada.

À minha irmã, por sempre me apoiar e acreditar em mim.

Ao meu padrasto, por ter sido como um pai, ter me educado e me mostrado os reais valores da vida, contribuindo assim, para que eu me tornasse a pessoa que hoje sou.

Ao meu namorado, por todo incentivo, companheirismo e por acreditar em mim até mesmo quando eu mesma não acreditava.

Ao meu avô (*in memorian*), por ter me dado todo amor de pai, ter contribuído com a minha criação e sempre se mostrar feliz diante das minhas conquistas.

À toda minha família: avó, tias, tios, primos e primas.

À minha amiga, Yasmin, por todo companheirismo e amizade durante todos esses anos, e por vibrar sempre comigo durante as minhas conquistas.

À minha orientadora, prof^a Dra. Regina Marques, por todos os ensinamentos e pela caminhada que trilhamos juntas durante esses dois anos.

Aos meus colegas de turma, Camila, Danilo e Caio, em especial à minha querida amiga Isadora, por todo companheirismo, desabafos e apoio nos momentos mais difíceis.

Ao meu amigo Lucas Colangeli, por todo apoio a amizade antes e durante essa fase da minha vida.

À professora Dra. Marise de Santana, por suas contribuições em aula e também com a pesquisa, que me permitiram fazer reflexões importantíssimas para o desenvolvimento da mesma.

Ao professor Dr. Reinaldo José de Oliveira, por todas as contribuições para a minha pesquisa, que foram essenciais para que eu pudesse (re)pensar o meu texto.

Aos professores do mestrado, por todos os conhecimentos, discussões e contribuições durante as aulas, favorecendo a qualidade da minha pesquisa.

Aos estudantes do 4º ano de Medicina da Uesb por toda disponibilidade e colaboração com a pesquisa, pois sem vocês não seria possível a realização da mesma.

À CAPES, pela bolsa de estudo que me possibilitou cursar o mestrado com tranquilidade e melhor empenho no desenvolvimento da pesquisa.

Meu muito obrigada a todos e todas!

RESUMO

Neste trabalho, teve-se como objetivo central compreender como se dão as vivências dos estudantes brancos e negros – pretos e pardos – (IBGE, 2010) do curso de Medicina da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, tendo em vista a branquitude nas relações étnicas. Os dados foram construídos por meio de entrevistas de História de Vida, a partir dos estudos da Psicologia Social, com os estudantes do 4º ano do curso de Medicina da Uesb, através de observações participantes e caderno de campo. A presente proposta de pesquisa ancora-se numa perspectiva qualitativa, em que é possível (re)pensar, (re)refletir e (re)analisar hipóteses e investigações, a partir do contato com o que se propôs investigar. Os resultados revelaram que os estudantes carregam consigo os marcadores étnicos de suas histórias de pertencimentos, porém, para a maioria deles, o fato de cursar medicina tem mais relação com o *status* social que o curso tem e/ou proporciona. Os estudos realizados nos permitem ainda, compreender a importância de se discutir e problematizar as relações étnicas entre estudantes negros e brancos em nossa sociedade, problematizando ainda sobre a questão dos privilégios da população branca, através do conceito de branquitude, que contribui para a manutenção da pobreza, da segregação, do racismo e das desigualdades.

Palavras-chave: Relações Étnicas. Estudantes de Medicina. Branquitude.

ABSTRACT

In this work, the central objective was to understand how was the experiences of white and black students - blacks and browns - (IBGE, 2010) of the Medicine course of the State University of the Southwest of Bahia - UESB, in view of the whiteness in ethnic relations. The data were constructed through interviews of Life History, from the studies of Social Psychology, with the students of the 4th year of the Uesb Medicine course, through participant observations and field notebook. The present research proposal is anchored in a qualitative perspective, in which it is possible to (re) think, (re) reflect and (re) analyze hypotheses and investigations, from the contact with what it was proposed to investigate. The results revealed that students carry with them the ethnic markers of their stories of belonging, but for most of them, the fact of taking medicine is more related to the social status than the course has and/or provides. The studies carried out also allow us to understand the importance of discussing and problematizing the ethnic relations between black and white students in our society, as well as the question of the privileges of the white population, through the concept of whiteness, which contributes to the maintenance of poverty, segregation, racism, and inequality.

Keywords: Ethnic Relations. Medical students. Whiteness.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

FIGURA 01 - Gráfico por gênero	54
FIGURA 02 - Gráfico: idade dos estudantes	54
FIGURA 03 – Gráfico: autodeclaração (cor/raça) dos estudantes	55
FIGURA 04 – Gráfico: Estados de origem dos estudantes	55
FIGURA 05 – Gráfico: IDH das cidades de origem dos estudantes	56
FIGURA 06 – Gráfico: Renda	56
FIGURA 07 – Tabela: Curso de bacharelado em medicina: Total de ingressantes por curso, ano letivo e forma de ingresso	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO 1	19
1.1. Relações étnicas e o estudo sobre branquitude	19
1.2 Noções gerais e a origem dos estudos sobre branquitude	19
1.3 Após mais de uma década dos estudos clássicos no Brasil sobre branquitude, novos olhares se apresentam sobre o tema	25
2. CAPÍTULO II	30
2.1 CONTEXTO BRASILEIRO: RELAÇÕES ÉTNICAS E SOCIEDADE	30
2.2 O conceito de “raça” e as discussões sobre o “racismo” na sociedade brasileira	35
3. CAPÍTULO III	41
3.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS	41
4. CAPÍTULO IV	46
4.1 A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE MEDICINA: REFLEXOS DE UMA BRANQUITUDE	46
4.2 Aspectos gerais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb	49
4.3 O curso de medicina da Uesb	50
4.4 Perfil dos sujeitos de pesquisa	54
4.5 Branquitude e a relação com a classe econômica: um obstáculo a ser superado	57
4.6 Relações étnicas entre estudantes de medicina negros e brancos	59
4.7 Uma busca por compreender as relações étnicas no contexto das vivências de estudantes do curso de medicina	61
5. CAPÍTULO V	62
5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	62
5.2 OS SUJEITOS	63
5.3 Pardo, negro ou indígena? As relações com a branquitude	63
5.4 Branquitude e o desejo da branca	69
5.5 A presença dos avós como marcador de identidade étnica	73
5.6 Etnicidades: embates e impasses entre os sujeitos	77
5.7 As etnicidades dos sujeitos étnicos em diálogo com a branquitude do curso de medicina a partir de suas interações sociais	82
5.8 Autodeclaração e pertença negra: refletindo sobre os dados quantitativos e qualitativos numa relação de fronteiras étnicas	96
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
7. REFERÊNCIAS	105
8. APÊNDICE	111

INTRODUÇÃO

Algo importante do qual discute Ciampa (1984, p. 59), é que “a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele”, e ainda dá o exemplo de que para se descobrir a identidade de um criminoso precisa-se saber não somente quem cometeu o crime, mas como essa pessoa se tornou criminosa (CIAMPA, 1984, p. 59), e para entender isso é preciso compreender que a identidade, seja ela no campo da Psicologia Social ou Identidade Étnica, se dá através de uma interação social (indivíduo-sociedade), que abarca uma dimensão de valores e concepções.

Se é difícil nos definirmos e pensarmos sobre a nossa identidade enquanto seres humanos que somos, imagina nos percebermos etnicamente? Por isso a importância de discutirmos relações étnicas e observarmos as questões que esbarram nas vivências de estudantes de medicina.

Neste estudo, observamos que a medicina caracteriza-se como uma profissão de poder, portanto, tendo em vista as relações étnicas em contextos sócio-históricos os quais estamos inseridos, principalmente no Brasil, em que é possível haver uma “negociação” e/ou “manipulação” da identidade, para manutenção ou ascensão de privilégios, ou a tentativa de “escape da exclusão” através de fronteiras étnicas, é importante pensarmos em relações étnicas, uma vez que a etnicidade implica numa organização social definida através de fronteiras, que definem os grupos.

Inicialmente não imaginava quão difícil seria trabalhar com este objeto de estudo (a branquitude nas relações étnicas), pois pelo fato de ter cabelos lisos, olhos claros e estar imersa em um ambiente em que a branquitude está presente, nunca me havia questionado sobre “ser branca”. Quando me refiro ao fato de ser branca não se trata somente de uma questão de fenótipo, mas o fato de ocupar um lugar de privilégio na sociedade, através de uma “incorporação” da branquitude, que se dá através de elementos étnicos brancos que sempre foram valorizados em detrimento dos demais.

Pensando nisso, buscamos refletir sobre a identidade da pesquisadora (de como me identifique), e sobre como os estudantes de medicina me vêem a partir da relação estabelecida com eles durante a pesquisa (não significando, porém, que todos me identifiquem da mesma forma), e mais que isso, durante as trocas, a socialização, o vínculo, entre pesquisadora e estudantes de medicina, buscando melhor compreender os sentidos das vivências entre esses estudantes tendo em vista a branquitude nas relações étnicas.

Lembrando que, ao me identificar, automaticamente identifico “o outro” como diferente ou igual a mim, e isso influencia no sentimento de pertencer ou não a um determinado grupo através das fronteiras que são estabelecidas com os sentimentos de pertença, e elementos simbólicos que definem os grupos, fazendo com que as pessoas estabeleçam vínculos maiores com pessoas do mesmo grupo, apesar do contato, interação e atravessamento de fronteiras, que é importante nas relações étnicas.

Podemos pensar sobre uma identidade pautada na “diferença”, em que segundo Silva (2000, p. 82), ao afirmar uma identidade, marca-se a diferença, ou seja, o que somos em detrimento dos que não são, ou o que eu não sou, mas o outro é, numa complexa relação entre o eu e o outro, portanto, “A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído” (SILVA, 2000, p. 82), indicando, de acordo com Silva (2000), posições e relações de poder.

Quando fala-se em poder, pode-se pensar, por exemplo, no critério que esses estudantes utilizam para se identificar, e como me vêem, uma vez que diante da afirmação da identidade e identidade étnica de cada um deles, torno-me “marcada pela diferença” de não pertencer ao grupo de estudantes de medicina (que possui subgrupos), e pertencer a esse grupo significa possuir certo poder simbólico, social e econômico.

Além disso, há um não questionamento sobre o lugar que eles (brancos) ocupam na sociedade, sobre “ser branco”, obviamente por ser uma posição confortável e “inquestionável”. Talvez tenham pensado: “Ela está do nosso lado”, quando na verdade, eu faço parte dessa branquitude, porém, agora que tenho consciência disso, busco desconstruí-la em mim e por onde eu passo, sempre me questionando e refletindo sobre diversas situações, reconhecendo os meus privilégios.

Como disse, ao me identificar como “branca”, que estuda a branquitude, busco diariamente (des)construir a minha identidade - como parte de um processo que Ciampa (2005) entende enquanto movimento, transformação, *metamorfose* (CIAMPA, 2005, p. 146) -, me posicionando tanto na pesquisa quanto na minha realidade, no âmbito familiar e social, e acima de tudo reconhecendo os meus privilégios, como quando alguém elogia o meu cabelo (liso): “*Nossa! Seu cabelo é muito lindo!*” ou diz “*Mas você tem o cabelo bom*”. Essas são coisas que só comecei a perceber e a me questionar recentemente, após me envolver com esta pesquisa e começar a refletir sobre a minha identidade e sobre o quanto as pessoas de fenótipo branco são privilegiadas pelo “simples” fato de serem brancas.

Diante disso, entende-se que a identidade envolve não somente o subjetivo, o psíquico, mas também o real, através de uma historicidade de pertencer a uma sociedade que lhe

permite estabelecer relações com outros sujeitos e culturas, possibilitando que eu (sujeito) esteja em constante processo de transformação, na busca por *vir a ser*.

Nas palavras de Oliveira (2013, p. 174), a identidade nada mais é que:

[...] o substrato que comporta totalidade e especificidade, singular e plural, individual e coletivo, estabelecendo a ordem do não congelamento do ser na perspectiva de sua existência. Possibilidade de ser, pensar e agir, em constante processo de produção, reapropriação da cultura e da ordem social. [...] criando caminhos e mecanismos de diálogos, linguagens e intermediações capazes de fazer frente à condição de sujeito (OLIVEIRA, 2013, p. 174).

Portanto, considero que a minha identidade está inserida num processo de *metamorfose*: hoje sou mestranda, amanhã não serei mais. Para os estudantes de medicina me posiciono não somente como pesquisadora, mas também como estudante, assim como eles, na busca por tentar uma maior proximidade, e assim vou me transformando através de processos e vivências sociais.

Partindo disso, é importante pensar: qual o olhar que eles (estudantes de medicina) tiveram sobre mim (neste caso, pesquisadora)? Pensando não somente nas questões estéticas, mas eu com praticamente a mesma idade que a maioria deles, e fazendo mestrado. Só que, ao mesmo tempo, há outra questão: eles são estudantes de medicina, de um curso considerado “elitizado”, que os faz ocupar um lugar/espço de “poder”. É uma profissão que não é considerada “pra qualquer um”, e possui um retorno financeiro muito bom, ou seja, neste contexto, para esses estudantes de medicina, eu (Julia) seria apenas uma simples pedagoga, que faz mestrado (o que é muito bom), mas que ainda assim é pedagoga, que é uma profissão desvalorizada.

O curso de medicina talvez os faz sentir-se “superiores” a mim, tendo em vista que não faço parte do grupo de estudantes de medicina? Neste caso, estaríamos levando em consideração o olhar de estudantes de medicina sobre uma pedagoga e mestranda, porém, fatores como a cor, o cabelo, os traços, ou seja, o fenótipo, que são levados em consideração e podem ou não contribuir para que exista um sentimento de superioridade: mesmo tendo a pele clara e cabelos lisos, o fato deles cursarem medicina, já os permite sentirem-se superiores, ou talvez alguns deles “reletem” por eu me enquadrar num “padrão” de fenótipo do grupo étnico branco.

Digo isso até mesmo pela experiência que tive dentro da própria universidade quando cursava pedagogia, e via o olhar das pessoas e a desvalorização das mesmas em relação aos

cursos de licenciatura e, a “super” valorização do curso de medicina, por exemplo, que além de tudo, tem um “módulo exclusivo” para o curso, no *campus* de Vitória da Conquista, em que dificilmente esses estudantes são vistos “circulando” pela universidade. No *campus* de Jequié o módulo engloba cursos da área da saúde, como medicina, odontologia, fisioterapia e enfermagem.

Será que os estudantes do curso de medicina me vêem/identificam como branca ou como parda? Seria uma questão importante para pensar tendo em vista o meu contato com eles, e percebendo também que obtive maior “aceitabilidade”, se podemos assim chamar, entre os estudantes homens da turma, pois as meninas se retraíam mais. Um homem teria maior aceitabilidade por parte das mulheres da turma?

Talvez a forma como eu me visto, a maneira como eu converso e como me aproximei deles, tenha transparecido a eles uma mulher branca, não somente em relação à pele mais clara, mas em termos étnicos, e conseqüentemente culturais, apesar de não me conhecerem afundo, afinal, eu é quem estava buscando conhecê-los através das suas histórias de vida.

Considero que houve um árduo processo de “desconstrução” em mim, que foi acontecendo durante o mestrado, em que me abri para o mundo, para novas descobertas e contatos com “o outro” e, acabo “redescobrimo” a minha identidade, que carrega marcadores étnicos de um pertencimento negro, apesar dos meus privilégios por ser fenotipicamente branca.

Fui criada em uma família de religião católica, e cresci acreditando que ser e/ou pertencer a uma religião de matriz afro estaria conseqüentemente atrelado à “macumba”, à coisas “sombrias” e ruins. Hoje percebo que nunca precisei questionar sobre isso por pertencer a uma religião considerada “correta” diante da sociedade, uma religião que sempre esteve atrelada a um poder simbólico, principalmente no contexto brasileiro. Refletindo sobre isso, entendo que questões como essa contribuíram para a constituição da minha etnicidade, uma vez que, como nos diz Cunha (2009) (2014), as questões raciais, de identidade, de cultura, etc., constituem a etnicidade, principalmente através de uma “transmissão” cultural, psíquica e ancestral, que me permitem hoje, enxergar marcadores étnicos negros na minha etnicidade (OLIVEIRA, 2016).

Apesar de, hoje, conseguir enxergar tais marcadores na constituição da minha etnicidade, percebo os privilégios que obtive ao longo da minha vida, em função da minha branquitude, como o acesso a meios sociais privilegiados, a maior facilidade de acesso à universidade, ao “aceitamento” social por parte daqueles que também compactuam com uma branquitude, permanecendo numa posição “confortável” e inquestionável.

É muito complicado, porém, mais difícil ainda é “abrir mão” desses privilégios e assumir-se privilegiada pelo “simples” fato de ter a pele clara.

O filme *“Vista minha pele”* retrata a “inversão” de papéis, em que os brancos passam a ser a minoria na escola, e sofrem preconceito por conta da sua cor, cabelo, etc. É importante, pois nos faz refletir e nos colocarmos no lugar do outro, já que “a norma” e os padrões de beleza na sociedade são as pessoas brancas, de pele clara e cabelos lisos. E como seria se fosse ao contrário? Se os negros tivessem escravizado os brancos? Esse é um vídeo que nos permite fazer um exercício diário sobre como estamos nos colocando frente aos problemas sociais, de desigualdade e preconceito, e o que estamos fazendo para mudar isso em nós, já que é difícil imaginar o quanto a população negra sofreu e ainda sofre nos dias atuais para conseguir ascender social e economicamente, sem que sejam vistos como “inferiores”.

Perceber-se enquanto sujeito “branco” num mundo em que a identidade racial branca é a “norma”, é difícil. Envolve processos subjetivos que são construídos e estruturados durante toda uma vida, a partir dos primeiros contatos que temos e também das relações que vamos construindo ao longo de nossas vidas, principalmente através de uma transmissão sociocultural que é “herdada” de geração em geração, compondo o quadro psíquico do ser humano em formação.

Ao abordar sobre os processos de genocídio do negro africano e massacres dos povos indígenas das Américas, e suas consequências (marcas históricas) para a saúde mental humana, Oliveira (2016) considera tais processos como primordiais para o desenvolvimento da sociedade, uma vez que a construção da identidade humana se dá desde as primeiras trocas afetivas do bebê, e na infância, que impactarão fortemente na vida dos sujeitos humanos, sejam eles brancos, negros, amarelos, indígenas, e em uma “transmissão” psíquica e cultural que se perpetuará pelas futuras gerações.

Entende-se, portanto, que a construção da identidade se dá a partir dessas “trocas” e “contatos” do sujeito com a sociedade. Uma sociedade que é estruturada por relações de etnicidade, uma vez que a mesma é considerada como um aspecto de organização social, através das “diferenças” étnicas. Contudo, devido a um ideal de superioridade, que permeia a subjetividade e socialização dos sujeitos considerados “brancos” em nossa sociedade, há uma preocupação em manter as “hierarquias raciais” através de privilégios, sendo, portanto, o ideal de branquitude, prejudicial às relações étnicas.

Aqui, no Brasil, a segregação mantém vantagens materiais e simbólicas aos segmentos sociais brancos. Aos negros, sobretudo aos subproletários, são

destinados os últimos lugares das cidades no Brasil, em condições de precariedade ou de ausência de infraestrutura urbana (OLIVEIRA, 2013, p. 45).

Tendo em vista que a segregação racial é algo que beneficiou a população branca, inclusive atualmente nota-se isso em relação às desigualdades urbanas, como discute Oliveira (2013), em que os centros periféricos das grandes cidades, por exemplo, são áreas compostas em sua maioria pela população negra, já os bairros mais “nobres” a maior presença é da população branca.

Como pesquisadora e sujeito humano, me percebo dentro deste universo estruturante em que estou cercada por pessoas e discursos que insistem em serem “naturalizados”, mas que ao estudar e me aprofundar nas leituras e no campo de estudo, começo a me preocupar com o que as pessoas estão dizendo, e até mesmo com o que eu não faço (ou faço), mas penso, e tento negar a mim mesma.

Esta circunstância acontece no cotidiano do brasileiro. Em geral, o branco não percebe-se como detentor de privilégios e isso faz com que adquiram um discurso de “mérito”, justificando assim uma situação de privilégio (material ou simbólico), em que muito dificilmente as pessoas brancas querem enfrentar, ocasionando com isso um silenciamento, que se perpetua para a manutenção dos mesmos, uma vez que, “[...] os estudos silenciam sobre o branco e não abordam a herança branca da escravidão, nem tampouco a interferência da branquitude como uma guardiã silenciosa de privilégios” (BENTO, 2009, p. 41).

Pensando nisso, acredita-se que a presente pesquisa apresenta-se como relevante cientificamente e socialmente, tendo em vista que são poucos os estudos que estão voltados para a compreensão das relações étnicas, a partir das vivências de estudantes do curso de medicina. Além de refletir sobre a presença da branquitude nestas vivências.

Acreditamos que esta será uma pesquisa importante para as diversas áreas de conhecimento e para a população de um modo geral, tendo em vista que é um trabalho sobre relações étnicas.

O conceito de branquitude foi cunhado pela Psicologia Social, e por isso as pesquisas e estudos sobre o tema serão de estudiosos no campo da Psicologia, pois na pesquisa, este aspecto apresentou-se muito evidente nas vivências entre os estudantes. E neste estudo sobre relações étnicas, necessitamos considerar que:

A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil

constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado (BENTO, 2009, p. 26).

Além disso, utilizamos autores que abordam as questões étnicas e raciais para melhor compreensão das vivências dos estudantes de medicina.

Portanto, tendo em vista o contexto das relações étnicas, nos questionamos como se dão as vivências dos estudantes brancos e negros – pretos e pardos – (IBGE, 2010) do curso de Medicina da Uesb, tendo em vista o contexto das relações étnicas na contemporaneidade e as discussões sobre branquitude? Consideramos que tais vivências foram uma “entrada” para a observação das relações étnicas entre esses sujeitos no referido curso.

O curso de Medicina foi escolhido por ser o de maior prestígio tanto na UESB, quanto em outras universidades do país, tendo em vista que é considerada uma profissão que promove ascensão social e garante aos sujeitos um futuro promissor e uma rentabilidade financeira.

Além disso, notamos durante a pesquisa que o curso de medicina anuncia elementos da branquitude que se fazem presentes na vida dos estudantes brancos e negros do grupo estudado.

Observamos na pesquisa que conhecimentos eurocêntricos presentes no currículo dos estudantes são pensados para manutenção dos privilégios das elites sociais e brancas. Além de haver grande disputa epistemológica e hierarquização profissional do campo do saber. Assim, a pesquisa demonstrou que é fundamental o estudo da branquitude nas relações étnicas, pois o curso de medicina, geralmente, é o mais concorrido das Universidades brasileiras, e esse também é um dos motivos da escolha. A pesquisa buscou discutir as vivências entre os estudantes do curso de medicina a partir de suas histórias de vida, a fim de compreender como se dão as relações étnicas entre esses estudantes.

No primeiro capítulo, buscamos trazer inicialmente o estudo da arte sobre a origem das pesquisas/discussões sobre branquitude, e os novos olhares que se apresentam sobre o tema, após mais de uma década dos estudos clássicos sobre o tema no Brasil.

O capítulo II procurou abordar as relações étnicas no contexto brasileiro, tendo em vista as questões históricas de colonização/escravização de indígenas e africanos pelo branco europeu, refletindo assim, sobre uma branquitude que se perpetua até os dias atuais.

Os percursos metodológicos, que semeiam as relações étnicas e o estudo sobre branquitude, é tratado no capítulo III, para que posteriormente, no capítulo IV, pudéssemos adentrar mais especificamente nas discussões sobre a pesquisa, focalizando a implantação do

curso de medicina através de uma reflexão da branquitude, e logo em seguida, mais especificamente, adentrando ao campo de pesquisa, trazendo os aspectos gerais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e o curso de medicina da mesma, buscando compreender as relações étnicas no contexto das vivências dos estudantes do curso de medicina da Uesb.

No capítulo V, trazemos algumas considerações iniciais para enfim, adentrarmos nas análises das entrevistas de história de vida dos estudantes, refletindo sobre os embates e impasses entre os mesmos, tendo em vista a branquitude nas relações étnicas, para que, por fim, pudéssemos trazer algumas considerações finais que foram obtidas com esta pesquisa.

1. CAPÍTULO I

1.1 Relações étnicas e o estudo sobre branquitude

Tendo em vista a supervalorização de elementos étnicos brancos, através de uma branquitude que se perpetua desde o período histórico da colonização de indígenas e africanos pelo branco europeu e, as consequências disso para a sociedade brasileira, através do sofrimento do grupo étnico e social negro nos dias atuais, é que, organizamos neste primeiro capítulo, um levantamento sobre os estudos/pesquisas que já se tem sobre a discussão da branquitude, com enfoque no contexto brasileiro.

Os mesmos visam problematizar a identidade branca, tendo em vista que as inúmeras produções no campo das relações raciais são sobre a população negra. A identidade branca é tida enquanto “norma”, que não precisa ser problematizada, pois sempre teve seus elementos étnicos considerados “superiores”, além da própria representação da “brancura” enquanto um símbolo de superioridade.

Por isso a importância dos estudos que visam discutir sobre o privilégio de ser branco, que buscam problematizar a identidade branca, como uma ferramenta de combate ao racismo e à falsa “ideia” de Democracia Racial brasileira, além de nos permitir compreender “o encontro” entre colonizadores (brancos) e os povos que se tornaram objetos do colonialismo (a população negra), e entender como estas relações influenciaram no contexto atual brasileiro.

Partindo disso, trazemos aqui, o estado da arte sobre as discussões voltadas para o entendimento da branquitude e as dimensões no que se refere à ideologia do “branqueamento” e, a partir disso, lançar as discussões sobre o que é a branquitude e como ela atua nos sujeitos e na sociedade. Por isso, o estado da arte sobre branquitude é importante para que possamos melhor compreender as discussões desta pesquisa em relações étnicas, tendo em vista que a medicina é um curso que representa a branquitude, pois possui certo poder social e esse poder está sempre aliado à questão de um pertencimento étnico de pessoas de origem branca.

1.2 Noções gerais e a origem dos estudos sobre branquitude

As primeiras discussões sobre branquitude se deram por volta dos anos 90, no contexto dos Estados Unidos com os “*critical whiteness studies*”, que foi o centro de pesquisas sobre a identidade racial branca (a branquitude), enquanto que no Brasil as discussões sobre a

branquitude são recentes no campo de investigação científica, a partir da Psicologia Social em 2000, com os estudos da Dra. Maria Aparecida Silva Bento, no livro clássico de referência: *Psicologia Social do Racismo*.

No contexto europeu, Frantz Fanon foi um dos pioneiros a problematizar sobre a identidade racial branca, em 1952, em seu livro *“Pele negra, máscaras brancas”*. Fanon (2008) critica fortemente a violência colonial, e aborda inicialmente sobre a libertação e “desalienação” do negro das condições as quais lhes foram impostas, pensando o social, o econômico e o psíquico, em que, tendo a identidade negada, o negro tenta se embranquecer-se para ascender ao privilégio da branquitude, uma vez que a sua identidade sempre estava atrelada a uma “negação” de si mesmo. Porém, mais adiante, Fanon (2008) fala sobre os esforços desesperados de um negro que luta para descobrir o sentido da sua identidade negra, uma vez que, segundo ele, “A civilização branca, a cultura européia, impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, p. 30).

Em 1995, no Brasil, Guerreiro Ramos vai problematizar o fato de somente “o oprimido” ser pesquisado (a população negra), enquanto “os opressores” (brancos) são esquecidos, uma vez que estavam preocupados somente em falar sobre “o problema do negro brasileiro”. Ramos (1995) vai falar sobre uma *“Patologia Social do branco brasileiro”*, discutindo sobre os problemas do uso desta terminologia, já que a patologia se refere à doença. Pensando nisso, o autor problematiza: “Pode a sociedade ficar doente? Existem enfermidades coletivas?” (RAMOS, 1995, p. 217), e faz uma reflexão sobre essa patologia no contexto do Norte e Nordeste:

Essa patologia consiste em que, no Brasil, principalmente naquelas regiões, as pessoas de pigmentação mais clara tendem a manifestar, em sua auto-avaliação estética, um protesto contra si próprias, contra a sua condição étnica objetiva. E é este desequilíbrio na auto-estimação, verdadeiramente coletivo no Brasil, que considero patológico. Na verdade, afeta a brasileiros escuros e claros, mas, para obter alguns resultados terapêuticos, considere aqui, especialmente, os brasileiros claros (RAMOS, 1995, p. 222).

Ou seja, a desvalorização social coletiva da identidade negra acaba fazendo com que haja um sentimento de inferioridade por parte desses sujeitos que buscam assim, “camuflar” as suas origens étnicas e raciais. Mas posteriormente entenderemos que essa discussão refere-se ao que se denominou embranquecimento, que foi utilizado justamente para dizer que o problema é do negro, porém, os termos “branquitude” e “braqueamento” se diferem, apesar de que a branquitude se origina a partir das ideias sobre branqueamento. Porém, vale ressaltar

que esses estudos sobre a branquitude visam problematizar a identidade racial branca que até então não estava em discussão, por ser considerada “a norma”.

Mesmo que alguns estudiosos como os já mencionados acima, tenham realizado pesquisas e discutido sobre a questão da identidade branca, foi somente a partir do livro “*Psicologia Social do Racismo*”, organizado por Maria Aparecida Silva Bento e Iray Carone, em 2000 (1ª edição), como já dissemos, é que houve um avanço e uma retomada nas discussões sobre a branquitude e o privilégio de ser branco no contexto brasileiro. É a partir desse livro, que conta com 9 artigos de diversos pesquisadores e estudiosos, que surgiram outras pessoas dispostas e interessadas em estudar sobre o tema, através de artigos, dissertações e teses, os quais foram encontrados pela pesquisadora, e serão mencionados em seguida.

São 16 anos desde a 1ª edição do livro *Psicologia Social do Racismo*, mas ainda assim, são poucos os estudos voltados para a população branca, sendo a maioria sobre a população negra, como já havia problematizado Guerreiro Ramos (1995).

No primeiro capítulo deste livro, Iray Carone fala sobre questões históricas pensadas a partir da temática racial brasileira, bem como sobre as primeiras ideias de embranquecer o povo brasileiro no pós-abolição da escravatura em 1888. No que se refere à ideologia do branqueamento, diferente do período pré e pós-abolição, que falava em um darwinismo social através de uma “purificação étnica”, Carone (2009) considera que, atualmente a ideologia do branqueamento “[...] é um tipo de discurso que atribui aos negros o desejo de embranquecer ou de alcançar os privilégios da branquitude por inveja, imitação e falta de identidade étnica positiva” (CARONE, 2009, p. 17).

No segundo capítulo, Aparecida Bento aborda sobre o branqueamento e a branquitude no Brasil. De acordo com Bento (2009, p. 25), consideram-se as dimensões da branquitude a partir dos traços da identidade racial do branco brasileiro e das ideias sobre o branqueamento, sendo este último considerado um “problema do negro”, que busca-se embranquecer para ocultar a sua identidade. Porém, de acordo com a autora, o branqueamento foi algo inventado pela elite branca brasileira para culpabilizar o negro e justificar toda discriminação sofrida por ele.

Sobre a importância de problematizar o que não é problematizado, Bento (2009) diz que: “A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado” (BENTO, 2009, p. 26), por isso o nosso interesse em trabalhar com a categoria “branquitude”, pois ao estudar

as relações étnicas, compreender os significados da representação do que é pertencer ao grupo étnico branco, podemos melhor reconhecer as formas de relacionamentos entre brancos e negros nos contextos sociais e as implicações disto para a contemporaneidade.

Há o silenciamento constatado quando o assunto é o grupo étnico branco, pois não se reconhecem como sendo perpassáveis pela permanência das desigualdades sociais e econômicas no Brasil entre os grupos étnicos branco e negro.

No capítulo III, *“Porta de vidro: entrada para a branquitude”*, Edith Piza aborda a branquitude enquanto invisível. É um ensaio baseado no seu texto do relatório final da pesquisa sobre a percepção de mulheres negras por mulheres brancas, no espaço da escola e do lazer, numa cidade do interior de SP, entre a década de 60 e 70. Mas por que “porta de vidro”? A autora questiona sobre a neutralidade branca, bem como onde se situavam os brancos nos estudos e pesquisas. Por isso, este termo seria uma metáfora, da qual afirma que:

[...] bater contra uma porta de vidro aparentemente inexistente é um impacto fortíssimo e, depois do susto e da dor, a surpresa de não ter percebido o contorno do vidro, a fechadura, os gonzos de metal que mantinham a porta de vidro. Isto resume, em parte, o descobrir-se racializado, quando tudo o que se fez, leu ou informou (e formou) atitudes e comportamentos diante das experiências sociais, públicas e principalmente privadas, não incluiu explicitamente nem a mínima parcela da própria racialidade, diante da imensa racialidade atribuída ao outro (PIZA, 2009, p. 61).

Ou seja, o branco não se percebe enquanto racializado, mas na realidade há uma “fronteira invisível”, em que sabe-se muito sobre o outro e quase nada sobre si mesmo.

No capítulo IV, *“Cor nos sentidos brasileiros”*, Edith Piza e Fúlvia Rosemberg discutem justamente sobre o “padrão contemporâneo” de classificação de raça no Brasil, uma vez que as pessoas se pautam mais no fenótipo para se identificarem, fazendo com que façamos uma reflexão sobre a questão da cor brasileira como “estratégia” para encobrimento do racismo, principalmente através dos discursos de que: “o dinheiro embranquece”. As autoras fazem ainda, críticas às pesquisas censitárias brasileiras, uma vez que as mesmas estariam interessadas numa resposta do entrevistado a partir de critérios estabelecidos pela própria instituição responsável pela coleta, uma vez que, segundo Piza e Rosemberg (2009, p. 93), “Poucos estudos têm se ocupado da formulação e mudança dos conceitos raciais e das decorrências dessas mudanças para os dados censitários”.

O capítulo V, *“De café e de leite”*, Rosa Maria Rodrigues dos Santos discute a pesquisa a partir de um contato que teve com uma garota, que chamou de “L.”, durante um estágio de 9 meses numa instituição de tratamento para crianças com dificuldades emocionais graves. L

apresentava sintomas relacionados à um conflito de origem étnica. Ela era negra, filha de pai loiro e mãe negra, presenciou diversas situações conturbadas na sua família, sendo uma delas o abandono do pai para ficar com uma mulher também loira, o enfrentamento da fome, etc, comprometendo, portanto, o seu desenvolvimento psicoafetivo. Ela não conseguia se enxergar enquanto menina negra, associando sempre a sua cor à coisas negativas.

Já no capítulo VI: “*À flor da pele*”, Lia Maria Perez B. Baraúna traz a discussão de uma pesquisa intitulada “A força psicológica do legado social do branqueamento: um estudo sobre a negritude em São Paulo”, que tem como foco os efeitos psicossociais das ideologias racistas sobre o próprio negro (BARAÚNA, 2009, p. 131), tendo em vista as representações que o negro tem de si numa cultura como a nossa, marcada por um ideal de embranquecimento. Realizaram-se entrevistas (feitas por duas pesquisadoras da equipe, e não pela autora do texto), sendo duas delas trazidas para a discussão e análise. As entrevistas irão trazer aspectos da vida das entrevistadas sobre a questão racial e o sofrimento psíquico atrelado ao ideal de branqueamento, que mesmo ascendendo socialmente, carregam consigo o “estigma da cor”, ocasionando um sofrimento que se perpetua durante toda a vida dos sujeitos.

O capítulo VII é da Maria Aparecida Bento: “*Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro*”. A autora traz, neste artigo, uma abordagem psicossocial do processo de formação sobre relações raciais no Centro de Estudos das relações de trabalho e desigualdades (Ceert).

Bento (2009) afirma que o legado da discriminação faz com que se mantenha o sistema de privilégios para a branquitude, e que mesmo que os impactos do racismo se manifestem de diversas formas tanto em negros quanto em brancos, não é nada incomum a tentativa de “fugir” da condição tanto de discriminado tanto de discriminador, ou seja, os brancos não admitem que são privilegiados e os negros não assumem sua identidade, uma vez que está atrelada ao insucesso, inferioridade. É a partir disso que surgem os discursos que buscam culpabilizar os negros por não assumirem sua identidade. É pensando nisso que a autora aborda sobre a importância do Ceert, que promove cursos que visam promover ao sujeito uma formação política no contexto das relações raciais, permitindo-o vivenciar uma experiência libertadora, despertando uma consciência crítica nos participantes, através de uma abordagem que “enfoca o processo de naturalização do preconceito e do estereótipo em nossa subjetividade, que torna a todos, voluntária ou involuntariamente, cúmplices de sua perpetuação” (BENTO, 2009, p. 153).

O capítulo VIII: “*Faíscas elétricas na imprensa brasileira: a questão racial em foco*”, de Iray Carone e Isildinha Baptista Nogueira. Neste artigo as autoras fizeram um álbum de

recortes de notícias, artigos e comentários da imprensa brasileira sobre a questão racial na década de 90, para investigar o que diziam a respeito dos negros. Mas deixam claro que tiveram apenas o objetivo analisar as opiniões emitidas no cotidiano jornalístico, tendo em vista a pretensão de informar o grau de elaboração da questão racial a partir das pessoas que possuem o poder de informação.

Dentre essas notícias, as autoras trazem o caso do artista Michael Jackson, que ficou conhecido mundialmente por conta da questão do branqueamento físico intencional, que perdeu a sua identidade étnica (diluição de cor e traços negros), e a partir disso, foram discutindo e fazendo críticas ao conteúdo que essas notícias de imprensa trouxeram sobre a questão racial.

No capítulo IX, “*A flama surda de um olhar*”, Iray Carone discutirá sobre um volume intitulado “Inventário analítico da Coleção Eduardo de Oliveira e Oliveira (1984)”, do Arquivo de história contemporânea da Universidade Federal de São Carlos, recebido pelo militante Jurandir Nogueira. Nas palavras de Iray (2009):

Eduardo Oliveira e Oliveira conquistou o mundo com a sua inteligência – ou melhor, com a sua enorme coragem intelectual -, recusando, ao mesmo tempo, o prêmio da “brancura honorária”, não aceitando passar pelo contágio social brasileiro que costuma selecionar os gênios da negritude, os eleitos, para “o lado de cá da barreira” (CARONE, 2009, p. 182).

De acordo com Carone (2009), os escritos de Eduardo de Oliveira e Oliveira mostram a militância negra, sobre o fato do negro não ser portador de uma ideologia racial, mas sim de “modelos” e comportamentos sociais que mostram a eles que precisam se incluir nesse meio, ou seja, fazer parte desse “padrão branco”, pensando, portanto, mecanismos para defesa desse sujeito negro ao branqueamento, sendo ele um importante autor sobre as discussões raciais no Brasil.

Após as discussões mencionadas acima sobre branquitude, no livro *Psicologia Social do Racismo*, através de diversos pesquisadores e estudiosos da temática racial, eis que surge outro livro, em 2004: “*Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo*”, organizado por Vron Ware, uma britânica que busca reunir artigos de diversos estudiosos, das diversas áreas do conhecimento, pensando em discutir a identidade branca nos diversos contextos mundiais, apesar de apenas um deles se tratar do contexto brasileiro, discutido por Liv Sovik: “*Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e media no Brasil*”.

O livro reúne estudos principalmente sobre o contexto dos Estados Unidos, e as discussões dos artigos contidos nele são muito importantes para que haja uma melhor

compreensão sobre a identidade racial branca, pois não deixa de ser uma referência para problematizar a branquitude em diferentes lugares do mundo.

1.3 Após mais de uma década dos estudos clássicos no Brasil sobre branquitude, novos olhares se apresentam sobre o tema

Tendo em vista a investigação das relações étnicas nesta pesquisa, é de suma importância compreendermos os estudos sobre branquitude principalmente no contexto brasileiro, já que estamos investigando as vivências de estudantes do curso de medicina, que se anuncia enquanto um curso imperialista desde a sua implementação.

Em 2014, a Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) preparou um Dossiê Temático sobre branquitude reunindo artigos de autores que, em sua maioria, já possuíam pesquisas que abordavam sobre os sentidos da branquitude a partir de diversos contextos, seja através de dissertações de mestrado e/ou teses de doutorado. A revista contou com a organização de Lourenço Cardoso e Lia Vainer Schucman, dois pesquisadores que abordam em seus estudos sobre a temática/problemática proposta pelo dossiê, e foram muito utilizadas como referências teóricas em nossa pesquisa.

Cardoso e Schucman (2014) trazem na apresentação da Revista da ABPN uma breve descrição do que seria a branquitude a partir do que discutem em seus trabalhos:

A branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais (SCHUCMAN; CARDOSO, 2014, p. 5).

Pensando nisso, este Dossiê tem o objetivo de discutir e problematizar “o racismo a branquitude”, ou seja, o branco é que passa a ser pesquisado, havendo uma “inversão” epistemológica, já que a maioria dos estudos falam sobre os negros, e não abordam o privilégio da branquitude no contexto social brasileiro. O mesmo reúne treze artigos, com pesquisadores das várias áreas do conhecimento.

O primeiro artigo intitulado “*Contribuições aos estudos da branquitude no Brasil: e ensino superior*” de Priscila Elisabete da Silva, traz o seguinte questionamento em seu texto: “*A baixa representação percentual de docentes negros em*

instituições públicas de ensino superior no Brasil pode ser pensada pela perspectiva da branquidade/branquitude?”. Partindo disso, Silva (2014) problematiza a baixa representação de docentes negros nas instituições negras, mais especificamente duas instituições criadas no século XX: a Escola Livre de Sociologia e Política e a Universidade de São Paulo.

No artigo de Lúcio Otávio Alves, denominado “*Representações sociais de branquitude em Salvador: um estudo psicossocial exploratório da racialização de pessoas brancas*”, o autor faz uma discussão a partir da sua dissertação de mestrado, defendida em março de 2007, que tem como título: “*Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos*”. Alves (2007) (2014) discute a branquitude a partir de depoimentos de oito estudantes dos cursos de Psicologia e Ciências Sociais da UFBA (auto-identificados como brancos), em que buscou-se investigar como se constituem as representações sociais de brancos sobre si mesmos e os significados associados à branquitude, tendo em vista o contexto de Salvador – Ba. De acordo com Alves (2014), foi possível identificar através de uma análise do discurso, que existe um não reconhecimento de privilégios oriundos das desigualdades raciais e da representação do branco como “normal”.

O artigo intitulado “*Branco(a)-mestiço(a): problematizações sobre a construção de uma localização racial intermediária*” de Joyce Souza Lopes, busca abordar a temática racial branca (branquitude/branquidade) através de uma “localização” racial intermediária, ou seja, o sujeito “*branco(a)-mestiço(a)*”, que segundo a autora, seria aquele sujeito que se aproxima, sobretudo fenotipicamente, a branquitude, mas carrega outros símbolos e significados raciais.

Para o desenvolvimento da discussão e problematização da pesquisa, Lopes (2014) aborda sobre elementos como *mestiço*, *mestiçagem* e *miscigenação*, porém se afasta da ideia de mestiçagem como “paraíso racial”, através de um posicionamento político a partir da sua própria identidade e da prática militante no Núcleo Akofena, apoiando-se politicamente no Movimento Negro como essencial na luta antirracista e (re)afirmação da identidade negra.

Com base na sua pesquisa de mestrado, Camila Moreira, no artigo “*Branquitude é branquidade? Uma reflexão teórica da aplicação dos termos no cenário brasileiro*” discute sobre a distinção entre “branquitude e branquidade” a partir de uma revisão teórica da utilização de ambos os termos. Para a autora, a *branquidade* estaria associada ao termo “negridade”, que teve o objetivo, nas décadas de 20 e 30, de fazer com que os negros se “aproximassem” do referencial branco, para que fossem “aceitos” socialmente; enquanto que o termo *branquitude*, num contexto atual, seria a superação desse ideal branco, o reconhecimento de privilégios e combate ao racismo.

Lourenço Cardoso em *“A branquitude acrítica revisitada e a branquitude”* discute conceitos criados por ele mesmo, em 2008, denominado: *branquitude crítica e branquitude acrítica*, mostrando a importância de voltar o olhar para o branco racista, aqueles que afirmam publicamente o racismo e a prática dele (ex: grupos neonazistas). Além disso, o autor discute sobre a diferenciação entre os termos “branquitude” e “branquidade” para a literatura científica brasileira.

Em *“Rap e branquitude”*, Jorge Hilton de Assis Miranda traz uma discussão a partir da sua pesquisa de mestrado com o título: *“Perspectivas de rappers brancos/as brasileiros/as sobre as relações raciais: um olhar sobre a branquitude”*, que no ano de 2014 ainda estava em andamento. Ele analisa letras de músicas de *rappers* fenotipicamente brancos, com o objetivo de avaliar em que medida o tema Branquitude tem feito parte do olhar crítico desses sujeitos em suas composições musicais, ou seja, como os mesmos se vêem como parte da identidade racial branca, e se eles abordam sobre o racismo brasileiro nas letras das músicas.

No artigo *“A transgressão do racismo cruzando fronteiras: estudos críticos da branquitude, Brasil e Estados Unidos na luta pela justiça racial”*, César Augusto Rosatto faz críticas à hegemonia branca (branquitude), e faz uma discussão sobre o racismo no contexto do Brasil e Estados Unidos. O autor compara as similaridades e contrastes entre esses dois países a respeito dos conflitos raciais e supremacia branca, abordando também sobre a questão das Ações Afirmativas (cotas raciais), além de uma discussão histórica sobre o período da colonização, e os efeitos desse momento histórico na sociedade atual no que se refere aos direitos de pessoas afro-brasileiras e afro-estadunidenses.

Lia Vainer Schucman aborda no seu artigo - *“Branquitude e poder: revisitando o ‘medo branco’ no século XXI”* - sobre como os sujeitos considerados brancos agem na manutenção dos privilégios materiais e simbólicos de si (brancos) em relação a outros grupos racializados (já que ser branco é considerado “a norma”). Quando fala de “medo branco” no contexto atual, se refere ao medo de que o negro ocupe espaços de poder na sociedade, e a consequente “perda” dos privilégios.

Pensando nisso, a autora, busca investigar o poder dessa branquitude sobre outras identidades raciais através da análise de falas de brancos paulistanos de diferentes classes sociais, analisando o cotidiano desses sujeitos. Os mesmos reconhecem que são privilegiados em relação aos não brancos, mas não se responsabilizam por isso, permitindo assim, que se mantenham, na sociedade brasileira, as hierarquias raciais e o privilégio da branquitude.

Em *“Branquitude e colonialidade do saber”*, Ana Amélia de Paula Laborne discute sobre a produção do conhecimento entrelaçada às relações raciais no Brasil, utilizando de

outros estudos para dialogar e problematizar sobre a construção da branquitude num contexto contemporâneo e pós-colonial. A partir desses estudos, a autora buscou analisar de que forma a branquitude atua no campo do conhecimento científico, ou seja, no campo do saber, de maneira “eurocêntrica”, em que há uma relação de poder, desde o período colonial, que se perpetua nos tempos atuais. Laborne (2014) tem propriedade para falar sobre o tema, pois esse artigo é originado da sua tese de doutorado, em que trabalhou com o tema: *“Branquitude em foco: análises sobre a construção da identidade branca de intelectuais no Brasil”*.

No artigo *“Branquitude como dominação do corpo negro: diálogo com a sociologia de Bourdieu”*, Bas’ilele Malomalo analisa a teoria sociológica de Bourdieu estabelecendo um diálogo com a problemática do racismo. A branquitude é analisada pelo autor como uma ferramenta política que “serve” como dominação do corpo negro, ou seja, uma “dominação racial” em que o branco é visto sempre como “melhor” que o negro e a ele são atribuídas todas as qualidades possíveis, além de ocuparem um lugar de privilégio na sociedade, enquanto o negro é considerado “inferior”.

Liv Sovik discute de que forma a teoria de Stuart Hall, que mesmo tendo como foco de pesquisa as identidades diaspóricas negras, pode contribuir nos estudos sobre a branquitude. Mesmo que Hall não aborde de maneira explícita sobre a branquitude, Sovik (2014) afirma que ao pensar a negritude, automaticamente há que se pensar sobre os não brancos, já que, por muito tempo, discutiu-se sobre a cultura negra sem referir-se à branquitude. Esta discussão é feita por Sovik no artigo intitulado: *“Preto no branco: Stuart Hall e a branquitude”*.

Em *“Entre cor e classe: definições de branquitude entre homens brancos no Rio de Janeiro”*, Valeria Ribeiro Corossacz discute a branquitude a partir da percepção de homens brancos, de classe média alta do Rio de Janeiro, problematizando sobre a questão da classificação de cor e a sua relação com a classe. Corossacz (2014) aborda ainda sobre as dificuldades metodológicas na realização de uma pesquisa que trate da branquitude no contexto brasileiro, uma vez que as pessoas definem a sua condição sócio-econômica tranquilamente, porém, não verbalizam facilmente sobre a sua identidade branca, ou seja, os entrevistados tiveram dificuldades em dar definições da branquitude. Assim sendo, a autora considera a dimensão da “classe” como uma representação da branquitude, em que é possível objetivar, enquanto que a branquitude não se discute, é silenciosa, ou seja, a cor se omite, a classe é utilizada como resposta, justificativa para situações e atitudes.

Finalizando este Dossiê temático, o artigo de Ana Helena Passos: *“Varrendo a sala para levantar a poeira: o branco numa aula sobre a história e cultura afro-brasileira”* traz uma discussão, que é resultado de uma observação participante em uma sala de aula de

história e cultura afro-brasileira na zona leste de São Paulo. A intenção da aula era a de provocar e despertar a atenção dos alunos para o tema branquitude através de conteúdos sobre relações raciais. O objetivo desta pesquisa era de descrever como se deu o contato desses estudantes com a temática, principalmente os estudantes brancos, fazendo-os questionar a sua identidade (muitos deles pela primeira vez). Foram utilizados textos como base para a discussão, e muitos deles rejeitaram e discordaram dos argumentos desses textos utilizados pelo professor para abordar sobre a temática da branquitude em sala de aula.

Assim sendo, após este primeiro capítulo em que buscou trazer o estudo da branquitude, e entendendo que, a branquitude perpassa questões históricas no contexto das relações étnicas, é que, buscamos abordar no próximo capítulo sobre o contexto histórico de escravização de indígenas e africanos pelo branco europeu através do processo de colonização da sociedade brasileira, uma vez que, elementos étnicos brancos sempre foram supervalorizados em detrimento de elementos étnicos negros e indígenas. Portanto, nos questionamos sobre o contexto da identidade branca (branquitude) através de questões históricas e sociais que corroboraram com a desvalorização dos elementos étnicos negros e indígenas na sociedade brasileira.

2. CAPÍTULO II

2.1 CONTEXTO BRASILEIRO: RELAÇÕES ÉTNICAS E SOCIEDADE

Persiste, nos meios de comunicação, no universo acadêmico e na vida social, que o Brasil é diverso e de completa mestiçagem, no entanto, é inegável considerar as assertivas da população negra na história e em nossa contemporaneidade, como protagonista que marcou, desenvolveu e enriqueceu a identidade e a cultura nacional e o capitalismo local e latino americano. O Brasil é uma sociedade singularizada e inscrita com as heranças africana e afro-brasileira. Esta singularidade tem cor, etnia, pertence a um seguimento e grupo social discriminado e injustiçado no acesso ao desenvolvimento do território das cidades brasileiras e mundiais (OLIVEIRA, 2017, p. 90-91).

Pensando nisso, buscamos compreender toda discussão histórica, em que brancos foram privilegiados em detrimento do sofrimento da população negra escravizada, que hoje ocupa, na sociedade, lugares desfavorecidos, tanto em termos simbólicos, quanto em questões de espaços geográficos, uma vez que existe uma segregação (urbana e racial) da população negra, mesmo sabendo que foram eles os protagonistas da construção social, política, econômica e cultural do país (OLIVEIRA, 2013, p. 43). Ou seja, durante todo período histórico brasileiro, elementos étnicos brancos foram, e ainda são, supervalorizados em detrimento de etnicidades negras e indígenas, desembocando na discussão étnica.

É essa discussão que nos fará aprofundar e compreender melhor a presença da branquitude na vivência dos sujeitos desta pesquisa, e como ela atua nos indivíduos e na sociedade, tendo em vista a ocorrência da branquitude, que é o privilégio de ser branco e possuir vantagens simbólicas e materiais no âmbito da sociedade brasileira.

Neste capítulo faço uma breve discussão sobre o contexto histórico brasileiro da colonização/escravização para que se tenha uma melhor compreensão da construção dos sentidos da branquitude.

Neste estudo focalizamos a noção da branquitude porque observamos nas vivências dos estudantes de medicina a presença deste elemento como muito prevalente na organização social e subjetiva dos alunos com o contexto e entre si.

A branquitude é um conceito pensado, na Psicologia Social, como o privilégio da brancura e que vem sendo construído desde os primeiros contatos entre colonizadores e colonizados a partir das relações étnicas, que se deram (e ainda se dão), de maneira conflituosa, através das etnicidades que foram compondo a nossa sociedade numa relação do “eu” com “o outro”. A branquitude se dá de maneira “implícita” e de forma naturalizada, por

isso é preciso que entendamos primeiramente como se deu a trajetória dos africanos no Brasil, uma vez que eles representam um elemento significativo para a formação étnica da sociedade brasileira, e que sofrem a influência dos privilégios da branquitude.

Não podemos falar sobre a cultura e a história nacional sem que falemos dos africanos e indígenas, pois fizeram/fazem parte da construção social e cultural do país, mas foram considerados como “inferiores” frente aos europeus (brancos). Atualmente vivemos em uma sociedade de “hierarquização racial”, em que, segundo Oliveira (2013):

[...] não há igualdade entre brancos e negros no Brasil; sendo assim, não havendo igualdade, a separação entre classe social e raça ganha amplas dimensões de forma naturalizada, informal e com a ação do Estado, que é a instituição expressiva das práticas de segregação, controle e dominação (OLIVEIRA, 2013, p. 44).

Por isso a importância de abordarmos as questões que remetem às desigualdades (como a branquitude), pois é um marco fundador da história do país e que precisa ser discutido e problematizado, principalmente por sabermos que a marginalização da população negra no contexto atual não pode ser justificada somente através do marcador econômico, uma vez que existe uma população branca que possui privilégios simbólicos e materiais.

É a partir dessa discussão histórica, que conseguiremos chegar às questões que envolvem a branquitude, ou seja, o privilégio da brancura, que serão discutidas no contexto da universidade, mais especificamente no curso de Medicina da UESB, que é um curso elitizado.

Ao pensar as relações étnicas na contemporaneidade, partimos da compreensão de que diferentes grupos étnicos constituem a sociedade brasileira, isto é, “unidades étnicas que correspondem a cada cultura” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 188). Daí pode-se pensar os diferentes grupos étnicos no Brasil a partir do caráter interacional da etnicidade como aponta Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 188), baseado em Fredrik Barth: “a interação de um grupo étnico em um sistema social não leva ao seu desaparecimento por mudança e aculturação; as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos”.

Partindo disso, devemos nos atentar para o período histórico em que o país foi “povoado” por diversas etnias que, conseqüentemente tornou o Brasil um país multicultural. Isso influenciou na identidade nacional brasileira, e “justificou” o Mito da Democracia Racial, em que o país foi considerado livre de discriminação.

Darcy Ribeiro (1995) vai nos dizer que:

A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizariam plenamente (RIBEIRO, 1995, p. 20).

Sabe-se que os indígenas - como assim foram denominados pelos portugueses, foram explorados desde os primeiros engenhos de cana-de-açúcar e em outras atividades produtivas da época. As diferenças culturais foram um dos “requisitos” para que os “invasores da nova terra” categorizassem os povos das Américas como selvagens e primitivos. Assim, os colonizadores tomaram a missão de integrar esses povos em sua cultura (considerada por eles como superior), a partir de uma missão de “civilização” (BASTOS, 2016, p. 215).

Após um período, não mais satisfeitos, os colonizadores foram buscar a tão desejada mão-de-obra na costa ocidental da África, em que os portugueses já praticavam o tráfico e comércio. A prática do tráfico negreiro, como ficou conhecido, levou à morte milhões e milhões de africanos. Muitos deles morriam antes mesmo de chegarem à costa, devido às más condições em que eram submetidos dentro dos navios, aos maus tratos e às doenças contagiosas que se propagavam entre eles.

Não se fala em número/quantidade de mortos, uma vez que, no Brasil, os papéis e documentos foram destruídos após a abolição da escravatura, alegando que seria um dever de solidariedade e fraternidade para com os “libertos”, então cidadãos brasileiros. Mas tudo isso foi feito para que os senhores de escravos não pagassem indenizações por manterem o tráfico que mundialmente já era proibido no mundo.

Um dos fatores que contribuíram para a continuidade e o incremento do tráfico no Brasil foi o próprio regime da servidão no país. Considerada por alguns historiadores como relativamente branda e humana ou, no mínimo mais benigna que noutros países da América, a escravatura no Brasil foi, em verdade, cruel e dura. Os cativos eram sujeitos a tais trabalhos, a castigos, a condições de nutrição e de contágio que se calcula que, desde a chegada da África [...] um escravo ao cabo de sete a oito anos estava imprestável para o trabalho que, não era raro, ia de sol a sol, por assim dizer, sem descanso e sem suficiente alimentação (AZEVEDO, 1975, p. 13-14).

Pode-se dizer que o Brasil é um país multicultural, e de diversidade étnica plural, uma vez que, no período de escravização, foram trazidos africanos de diversas partes da África: Guiné, Angola, Congo, etc., e conseqüentemente de várias etnias (bantos, sudaneses, daomeanos, iorubás), e isso influenciou na formação étnica e cultural do nosso país. Eles

foram distribuídos entre as capitais, o que influenciou marcadamente nas diferenças culturais entre as cidades. Foram trazidos para trabalhar no comércio dedicado ao açúcar, tabaco, algodão, e logo depois também nas fazendas de café e na exploração de ouro e diamantes.

Foram separados de suas famílias e levados em navios em péssimas condições, em que passavam fome, sede, ficavam presos pelos pés, eram torturados, viviam em situações desumanas. E aqueles que sobreviviam não imaginavam nem metade do que iriam passar nas senzalas. Contraíam epidemias, varíola, disenterias, além de sofrerem torturas físicas. As mulheres escravizadas, chamadas “mucamas”, tinham seus seios mutilados, a mando das esposas dos senhores, quando desconfiavam que seus maridos procuravam as africanas para as violentarem com seus desejos sexuais. Com tudo isso, os africanos escravizados adoeciam em função da exploração contínua, a ponto de senhores desprezarem suas condições de saúde, buscando sempre nova mão de obra em substituição aos que não mais lhe serviam para o trabalho.

A luta da população negra para ascender-se socialmente se inicia na transição do trabalho escravo, em 1823, e se estende até a Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888, em que há a promulgação da Lei Áurea.

De acordo com Oliveira (2017), os africanos, no período pós-abolição, migraram para diversas regiões do país, como o Rio de Janeiro e São Paulo, mas foram “substituídos” intencionalmente pela mão de obra de imigrantes europeus, que somente pelo fato de serem brancos (privilegio da branquitude em relação aos africanos), tinham o direito de uma doação em dinheiro e terras para que pudessem se organizar no Brasil:

Estabelece-se uma política de ação afirmativa para as populações européias em nosso território, em detrimento e menosprezo à população negra que no pós-abolição encontrava-se desempregada, sem direito a comprar terras – além de não ter recebido nada após a abolição da escravização do africano – nada lhe foi ofertado para que pudesse prover o sustento fora das fazendas dos senhores brancos que os expulsaram. Ao contrário, foram oprimidos através das legislações que prendiam os que não possuíam emprego e trabalho, taxando os negros de desocupados, vagabundos e desordeiros (OLIVEIRA, 2017, p. 32).

Mas apesar dessa substituição proposital, sabemos que os africanos é quem foram os responsáveis pela construção das riquezas do território brasileiro, mas foram praticamente expulsos e jogados à própria sorte, na intenção de promover o branqueamento da população.

Sendo assim, de acordo com Munanga (2010), a população negra foi “obrigada” a retornar às fazendas, nas mesmas “condições de exploração” de antes, uma vez que não

tinham como participar do processo de produção do trabalho com a mão de obra imigrante vinda da Europa a partir de um processo de branqueamento da população, trazendo felicidade aos senhores, pois não tinham mais que se responsabilizar por certas obrigações que os mantinham como “responsáveis” pelos africanos que eles traziam, ou seja, lhes retiraram um peso das costas.

Em suma, a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de se reeducar e de se transformar para corresponder aos novos padrões e ideais de ser humano, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo. (MUNANGA, 2010, p. 35-36)

Ao contrário do que se esperava, arruinou-se a condição de vida e trabalho da população negra. Foram os serviços relacionados ao artesanato urbano que possibilitaram aos libertos as condições de ascensão econômica e social, mas quando começa o desenvolvimento das grandes cidades, o pequeno comércio é monopolizado pelos brancos, como estratégias para o acúmulo de riqueza.

Pensando nisso, a partir de um contexto contemporâneo, e de reflexões sobre as desigualdades urbanas e raciais no Pós Abolição, Oliveira (2016) diz que:

[...] no decorrer do século passado e no atual momento, os movimentos sociais negros frente às desigualdades (renda, habitação, escolaridade, serviços de saúde, lazer e cultura) vem demarcando reflexões e ações, concretizando em políticas públicas para a eliminação das desigualdades socioeconômicas, raciais, de gênero e em saúde (OLIVEIRA, 2016, p. 120).

Ou seja, a explicação para as desigualdades históricas e contemporâneas são justificadas a partir da questão social. A pobreza negra, em sua maioria, é reforçada através de um discurso impregnado de passividade, em que se atribui à situação da população negra em sua maioria, não à questão racial, mas à situação socioeconômica. E este é um discurso que contribui para a manutenção dos privilégios de uma branquitude no contexto da contemporaneidade (OLIVEIRA, 2016).

Para pensar esse período de Pós Abolição em que se arruinou a condição de vida e trabalho dos negros “libertos”, que se deparam com a urbanização e a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, precisa-se compreender que, “é no corpo da cidade que se estrutura o urbano e todas as problemáticas inscritas, como, por exemplo, habitação, mercado de trabalho, saúde, lazer, cultura e as principais realizações para a busca do direito à cidade” (OLIVEIRA, 2016, p. 120).

Oliveira (2013) faz uma discussão sobre as interfaces entre as desigualdades urbanas e as desigualdades raciais no Brasil, e afirma que a segregação é que mantém as vantagens materiais e simbólicas à população branca, e aos negros, no contexto da urbanização, são destinados os últimos lugares da cidade, e por isso a importância das discussões que abordem a categoria raça nos estudos sobre a cidade e o urbano, para buscar entender de que forma se dá essa segregação, em que existe uma luta/disputa de classes sociais pelo espaço urbano, sendo essa uma questão histórica em que, por exemplo: bairros mais ricos há um maior número de moradores brancos (OLIVEIRA, 2013, p. 45-46).

Portanto, neste trabalho sobre relações étnicas entre estudantes negros e brancos, considera-se que, compreender as questões raciais do contexto brasileiro é importante.

2.2 O conceito de “raça” e as discussões sobre o “racismo” na sociedade brasileira

A ideologia do branqueamento do povo brasileiro se deu durante o período pré-abolicionista que culminou com a assinatura da Lei Áurea, uma vez que em 1869, Joseph Arthur Gobineau fez uma visita ao Brasil e afirmou que era um país em que ninguém possuía sangue puro, pois o casamento entre brancos e negros disseminou nuances de cores, causando a perda da pureza do sangue da raça branca e ocasionando a produção de seres inférteis e incapazes (CARONE, 2009, p. 14), sendo essa uma visão extremamente preconceituosa e discriminatória que traz consequências até os dias atuais, se pararmos para refletir no contexto em que vivemos.

Nina Rodrigues (médico), em 1.900, vai representar a primeira posição com relação a essas discussões, afirmando que podia-se verificar uma “hibridez” moral e intelectual desses mestiços, de acordo com uma certa escala, propondo ao código penal brasileiro que analisassem caso a caso. Mas também os positivistas brasileiros, como Auguste Comte, que constituíram uma nova ordem de argumentos, afirmando que “[...] as raças não só eram definidas pelas características físicas comuns, mas também pelas diferenças mentais transmitidas por hereditariedade” (CARONE, 2009, p. 15), uma vez que os negros eram considerados inferiores também intelectualmente. Realizou-se até mesmo estudos que afirmaram que os brancos eram superiores aos negros, tendo como parâmetro o tamanho do crânio dos negros e africanos eram menores.

Quando falamos em “raça” nos referimos à produção social em que esse termo foi construído e que configurou o que denominados “racismo”. Não há raças humanas

biologicamente falando, como haviam pensado médicos e estudiosos como Nina Rodrigues e Arthur Ramos.

Nina Rodrigues procurou mostrar através de seus estudos, as articulações entre a inferioridade racial e a degeneração psíquica, sendo um dos defensores da teoria da degenerescência e Arthur Ramos foi um estudioso que esteve ligado a Nina Rodrigues e às discussões que ele fazia na época, considerando que se eliminasse a cultura de matriz africana, o Brasil se desenvolveria melhor socioeconomicamente e culturalmente (OLIVEIRA, 2017, p. 35).

Sobre Arthur Ramos e suas discussões para o contexto da situação brasileira, Oliveira (2017) diz que é:

Fundamental considerar que foi Arthur Ramos quem efetivamente negligenciou e reiterou o conteúdo racista em relação ao negro brasileiro – o africano – na medida em que afirmou a necessidade de promover a educação dos africanos através da introdução de outros valores culturais distintos dos pertencentes à própria cultura negra africana (OLIVEIRA, 2017, p. 36).

Ou seja, Arthur Ramos só fez reproduzir a “rejeição” da identidade negra, só que de maneira menos explícita, contribuindo para a construção do racismo no Brasil.

Guimarães (2003, p. 96) afirma que, “o que chamamos de racismo não existiria sem essa ideia que divide os seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades”.

Portanto, com o passar do tempo, percebeu-se que a espécie humana não poderia ser dividida em subespécies, e então abandonou-se o uso do termo “raça” e partiu-se para explicações baseadas na sociedade e na cultura, nos valores morais, psíquicos e intelectuais dos seres humanos.

O Brasil é um país multicultural em que paira o discurso de “Democracia Racial”, em que haveria uma pacificação entre brancos e negros, pois não haveria discriminação racial, ou seja, a Democracia Racial é considerada “uma arma ideológica que, por fim, socializa a população brasileira de brancos e não-brancos como iguais, evitando com isso um conflito racial no Brasil” (SCHUCMAN, 2014, p. 86 *apud* HASENBALG, 1979, p. 246), contribuindo assim para a perpetuação e permanência do racismo na atualidade, bem como na manutenção de “hierarquias sociais”.

Há de se pensar, portanto, sobre o “Mito da Democracia Racial”, o qual afirma que não há racismo nas relações sociais. No entanto, vê-se que, em sua maioria, muitos brasileiros

afirmam não ter preconceito, e atestam que a cor da pele não influencia na aquisição de privilégios, justificando-se através do discurso de desigualdade socioeconômica, e não racial.

Nosso estudo é sobre relações étnicas, porém, para melhor compreendermos as relações de etnicidade entre os grupos humanos estudados – brancos e negros –, necessitamos fazer um breve histórico dos estudos que introduziram e permitiram uma visão mais abrangente sobre as relações entre brancos e negros no contexto brasileiro a partir do estudo sobre relações étnicas.

Oracy Nogueira (2006) aborda o contexto da situação brasileira e também norte-americana, que são dois exemplos de “situações raciais” distintas, abordando principalmente sobre o preconceito existente:

Considera-se como *preconceito racial* uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda a parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

Nos Estados Unidos, por exemplo, não se pode viver sem ter raça, pois é um conceito nativo e classificatório da sociedade americana, ou seja, está ligada à origem étnica e genética da pessoa. Já no Brasil, o termo está atrelado à aparência do sujeito, ao *status* e ao fenótipo.

Nogueira (2006) afirma que o Brasil é um país em que existe um “preconceito de marca” e que nos Estados Unidos o “preconceito é de origem”, ou seja, quando falamos em *preconceito de marca* no contexto brasileiro, nos referimos a um preconceito em relação à aparência, ou seja, “[...] quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque [...]”. Quando nos referimos ao *preconceito de origem*, “[...] basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito” (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

No contexto brasileiro considera-se o indivíduo a partir do que ele se autodeclara, dos traços físicos, portanto, a concepção do “ser branco” no Brasil depende do grau de mestiçagem, variando de região para região, de indivíduo para indivíduo. Já nos EUA, é impossível negar a sua ascendência, uma vez que mesmo o indivíduo sendo branco fenotipicamente, se houver “uma gota de sangue negro”, ele não é considerado parte do grupo étnico branco.

Quando falamos em “raça” partimos da ideia de que: “não se trata de um dado biológico, mas de constructos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios”

(SCHUCMAN, 2014, p. 85 *apud* GUIMARÃES, 1999, p. 153), uma vez que o termo foi, segundo Guimarães (2003), um conceito nativo no Brasil (hoje não mais), e durante muito tempo se perpetuou como uma categoria de posição social, pois o nosso país foi formado pela população escravizada, denominada “negros”. Por isso a importância do uso do termo “raça” nesse período, como justificativa para dar sentido à vida social, alocando as pessoas em hierarquias sociais e de classe.

Pensando nisso, Schucman (2014) se questiona: O que é “ser branco” e o que é “ser negro” no Brasil? Uma vez que abordar as vivências dos grupos étnicos brasileiros implica em abordar também as dimensões do sentido de ser branco, ou seja, a branquitude. O fato de a realidade da branquitude estar associada ao prestígio social, econômico e político, tem relação com os modos de funcionamento do racismo no Brasil, bem como às hierarquias “raciais”.

O pensamento racial está tão inserido nas estruturas sociais, culturais e psicológicas, que se constitui em algo pouco discutido e notório pelos sujeitos onde quer que estejam (OLIVEIRA, 2017).

Quando falamos em branquitude não nos referimos a questões genéticas, mas a um ideal de superioridade racial branca, que perpassa um contexto histórico de colonização e escravização de africanos e que “neutraliza” e coloca como “norma” o “ser branco”, em que esses sujeitos ocupam o lugar simbólico de branquitude, e adquirem privilégios (BENTO, 2009). Por isso a importância de problematizarmos o que não é problematizado: a branquitude, que é pensada a partir de uma sociedade estruturada pelo racismo, em que para esse discurso de que o Brasil é um país que não possui discriminação por ser multicultural. Mas, sabe-se que é um discurso “velado”, pois, diferente dos EUA, o Brasil é um país em que, por exemplo, uma pessoa branca, mesmo com descendência negra, pode se identificar enquanto branco que não haverá nenhum problema, pois nos referimos à cor da pele.

No Brasil, o negro de pele clara, por exemplo, pode “negociar” sua identidade negra, passando a considerar-se “moreno claro”, e não como negro. O processo de militância e afirmação da identidade negra não é fácil, tendo em vista que existe uma branquitude que é tida como “norma” e considerada “padrão”, ou seja: quanto mais clara for a tonalidade da cor da pele, maior possibilidade de participar dos privilégios de ser branco.

Após a Abolição da Escravatura, em que houve um grande número de alforristas, de homens livres, pretos, pardos e mulatos, que com muita dificuldade foram alcançando o seu espaço na sociedade, o termo “raça” foi “substituído” por “cor”, impulsionado por um Estado-nação, agora independente de Portugal, com um grande número de “homens livres de cor” que lutavam por seus direitos (GUIMARÃES, 2003).

É pensando a partir dessas questões, das construções sociais de terminologias e da história da formação étnica do povo brasileiro que buscamos compreender de que forma a branquitude perpassa a construção da identidade dos sujeitos, e como ela estrutura a nossa sociedade.

É a partir dessa problematização sobre o uso do termo “cor”, que foram se engendrando as discussões a que chegamos no contexto contemporâneo: de que somos de diferentes cores, mas que somos todos brasileiros, e que a “variável cor” é algo que não importa, muito menos a categoria “raça”. Quem fala em raça é considerado racista.

Vivemos em uma sociedade em que existe um Mito de Democracia Racial que faz com que os brasileiros se orgulhem por pertencerem a um país “pacífico de discriminação“. Mas sabe-se que infelizmente isso não é verdade. Existe um racismo institucional, que nos acompanha até hoje, em nosso dia-a-dia, e tem suas raízes desde antes da “Abolição da Escravatura”.

Precisa-se, portanto, compreender a branquitude no contexto das relações étnicas como um aspecto importante para a contemporaneidade, uma vez que revelará vivências emocionais dos sujeitos (através das histórias de vida) bem como a questão da identidade como fator primordial da formação humana, pois trata-se de um assunto pouco discutido e desprezado em uma sociedade que busca “ocultar” os privilégios da branquitude através de um silenciamento que se perpetua todos os dias, interferindo nas relações sociais e afetivas de todos os sujeitos, sejam eles brancos, negros ou indígenas, uma vez que a investigação da branquitude perpassa por todos.

É muito importante que comecemos a pensar mais sobre estudos em relações étnicas que voltem o seu olhar para a complexidade do que é ser branco em um contexto em que o negro é historicamente desprezado e, em como são as relações estabelecidas entre esses grupos étnicos humanos em termos de afetos, formas de sociabilidades e trocas na vida social e privada do cotidiano dos brasileiros (OLIVEIRA, 2018), para que essas discussões sejam levadas para a sociedade, e que assim, sejam repensadas as formas de produzir e reproduzir a história da desigualdade e injustiça na sociedade brasileira a partir do estudo das relações étnicas.

Mesmo que as pesquisas sobre a identidade racial branca tenham ganhado maior visibilidade no Brasil e no mundo, ainda existe um número restrito de estudos relacionados ao tema, e isso fez com que percebêssemos a necessidade de contribuir para ampliar a construção de bases mais sólidas em torno dessa discussão que é repleta de lacunas históricas e que permeia a construção da identidade nacional brasileira, pois a questão da branquitude é um

prejuízo às relações étnicas no contexto brasileiro, porque mantêm os privilégios e consequentemente a pobreza, a segregação, o racismo e as desigualdades.

Portanto, buscou-se identificar nesta pesquisa, nas falas e atitudes dos estudantes entrevistados, as relações étnicas que se apresentam no contexto da universidade, no curso de medicina, e como as relações étnicas entre estudantes negros e brancos se organizam em um espaço social historicamente branco e privilegiado.

Em observações na pesquisa, a presença da branquitude nas relações étnicas entre o grupo de estudantes pesquisados foi muito evidente, razão pela qual fez-se necessário neste estudo, considerarmos alguns aspectos específicos deste conceito.

A seguir, apresentamos os percursos metodológicos que foram utilizados para que pudéssemos adentrar ao campo de pesquisa, analisar os dados e responder a alguns questionamentos feitos durante o caminhar desta pesquisa.

3. CAPÍTULO III

3.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa ancora-se em um aporte metodológico qualitativo, uma vez que permite uma aproximação mais tranquila com o campo e sujeitos que colaboraram com a mesma, tendo em vista o caráter não estrutural, em que é possível (re)pensar, (re)refletir e (re)analisar hipóteses e investigações, a partir do contato com o que se propôs investigar, e com o objeto de estudo.

Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa explícita, em seu desenvolvimento e no interior da análise, elementos subjetivos e objetivos, sentidos, significados, valores, fatos, conflitos, ordens, contradições e, principalmente, as vozes e os sujeitos que dela participaram, voltando-se a um nível de realidade que não pode ser mensurável, controlado, retificado, mas compreendido em processo, sobretudo. Utilizando-nos das palavras da própria autora, diríamos: “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 1994, p. 22).

Nas palavras de Minayo e Sanches (1993):

A abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas (MINAYO; SANCHES, 1993. p. 244).

Ressaltam ainda que a abordagem qualitativa só pode ser empregada para a compreensão de fenômenos específicos e delimitáveis, mais pelo seu grau de complexidade interna do que pela sua expressão quantitativa.

Pensando nisso, buscamos observar com esta pesquisa, aspectos como as linguagens, as relações, as trocas, as (re)construções, buscando a qualidade da mesma por meio de uma “amostra”, ou seja, não foram entrevistados os estudantes de todas as turmas do curso de medicina da Uesb, mas apenas uma turma. Pensando nisso, não podemos refletir sobre os dados obtidos com a pesquisa de maneira geral, mas dentro do que foi possível investigar, não considerando o resultado como definitivo, assim como $2+2$ é igual a 4, mas sim, partindo do poder que a pesquisa qualitativa nos permite, que é o de ressignificar.

A partir de uma orientação com base no desenvolvimento epistemológico da Psicologia Social, utilizou-se como método a História de Vida, que é usado por Antonio da Costa Ciampa, e consiste na realização de entrevistas em que os sujeitos falam sobre as suas experiências/vivências. O método consiste em pedir que o sujeito fale sobre a sua história de vida, permitindo a realização de uma nova entrevista na intenção de que o sujeito fale sobre coisas que talvez não tenham dito na primeira entrevista, porém, quando os fatos começam a se repetir, é hora de parar.

Com as histórias de vida, buscamos perceber como se dão as vivências dos estudantes brancos e negros – pretos/pardos – (IBGE, 2010) do curso de Medicina da Uesb, tendo em vista a branquitude no contexto das relações étnicas na contemporaneidade. A partir das entrevistas de história de vida realizadas com os estudantes do curso de medicina, tendo em vista as relações étnicas, buscamos compreender como se dá a relação com “o outro”. Além disso, nos propomos a verificar se existe (ou não) um “sentimento de superioridade” ou atitudes e falas que remetam ao desejo de “branquear-se”, não se tratando de cor, mas nesse caso, por exemplo, da escolha pelo curso de medicina, da posição que ocupa nesse espaço e na sociedade.

Partindo disso, entende-se, portanto que, o método da História de Vida nos possibilitou compreender as histórias de vida dos estudantes do curso de Medicina da Uesb a partir de contextos e histórias diversificadas, dando voz a diferentes sujeitos, tendo em vista que: “cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais” (CIAMPA, 2005, p. 132).

É importante levar em consideração, as experiências individuais dos sujeitos, pois são consideradas relevantes para se entender a experiência das pessoas em situações semelhantes. Mas, apesar disso, é preciso saber que “nas entrevistas, não encontramos apenas a reprodução ou representação do conhecimento existente (que possa ser julgado por sua veracidade), mas uma interação com relação a um tema que faz parte do conhecimento produzido nessa situação” (UWE, 2009, p. 108), ou seja, esta pesquisa não busca julgar ou trazer verdades definitivas sobre os sujeitos, o campo, ou a pesquisa como um todo, mas se trata de produção de conhecimento, tendo em vista principalmente o estudo das relações étnicas.

Tendo em vista a ética na pesquisa, tomou-se como aporte ético um termo de consentimento assinado por esses estudantes, os quais estavam livres para seguirem ou abandonarem a colaboração, quando assim desejarem.

As entrevistas de Histórias de Vida priorizam a abordagem subjetiva, através das narrativas, uma vez que, para Ciampa, o dia-a-dia do sujeito é determinado por condições sociais e materiais, mas que é possível haver “transformações” sociais, que partem do próprio sujeito, ao perceber-se no mundo social, nas condições de vida as quais se encontra, e no desejo de “mudar”, de alterar a sua realidade, e conseqüentemente, a sua identidade. Pois, “na verdade, a realidade sempre é movimento, é transformação” (CIAMPA, 2005, p. 141).

Apesar de não ser o mais prevalente, utilizamos também do método da observação participante, que consiste em dizer que:

O pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação (OLIVEIRA, 2000, p. 24).

A observação participante, aliada à pesquisa qualitativa, permite ainda compreender melhor os sujeitos de pesquisa, bem como a realidade dos mesmos e o espaço ao qual estão inseridos, através das diversas situações que serão observadas, e posteriormente problematizadas. Bronislaw Malinowski é o pioneiro a discutir sobre observação participante, nas primeiras décadas do século XX, revolucionando a Antropologia com um dos seus mais importantes trabalhos, em 1922, que descrevia sua inserção entre os nativos da Ilha Trombiand, no Pacífico.

De acordo com Queiroz et al. (2007), a observação participante:

[...] consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados (QUEIROZ et al., 2007, p. 278).

Buscou-se, portanto, participar de atividades em que os estudantes do curso de Medicina da Uesb estivessem presentes, como festas, aulas, debates, etc., na tentativa de observar os espaços de convivência e estudo dos mesmos. Esse contato tem a intenção primeiramente de aproximar-me do grupo e adquirir a confiança deles, para só depois conseguir perceber de maneira atenta e cautelosa, e no caso dessa pesquisa, como se dá a “interação” entre esses estudantes, uma vez que a observação participante permite ao pesquisador ampliar o seu olhar através do que foi observado nos contextos em que estão inseridos os sujeitos.

De acordo com o que foi estabelecido no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” assinado pelos estudantes que participaram da pesquisa, através das entrevistas de história de vida, os nomes dos mesmos são preservados, tendo em vista a ética na pesquisa.

Pensando nisso, buscamos nomeá-los de maneira que pudesse haver certa coerência com a identidade de cada estudante. Então, os estudantes que se autodeclararam negros tiveram, na pesquisa, nomes que representam força, coragem e luta no campo de construção da identidade negra, ou seja, com nomes de pessoas negras que foram importantíssimas na história do Brasil. Os estudantes autodeclarados brancos foram nomeados a partir de pessoas (brancas) que representaram o poder e a hegemonia européia no período de colonização.

Na nomeação dos estudantes autodeclarados pardos (na escolha dos nomes fictícios) foi um pouco mais complicado, pois, como veremos adiante, alguns estudantes não se identificam como negro, e outros se identificam e ainda percebem em suas vivências, aspectos e elementos de branquitude no curso de medicina.

Os significados dos nomes escolhidos para os sujeitos da pesquisa não querem dizer que se remetem às características externas e/ou internas (de personalidade) dos sujeitos entrevistados, pois seria muito difícil defini-los pensando em encontrar nomes fictícios que estivessem de acordo com as características/personalidades de cada um. A intenção foi conseguir nomeá-los de maneira mais didática e contextualizada, e não de forma aleatória, de qualquer jeito.

Espera-se, portanto, que fique claro a intenção da pesquisadora, principalmente no que se refere aos estudantes pardos, pois se pensou mais na questão da identificação autodeclarada.

Isso demonstra que é importante aprofundar os significados das relações étnicas no contexto brasileiro e da diáspora negra, considerando que a dimensão subjetiva e a vivência pessoal, no interjogo das relações étnicas, escapam aos sentidos exclusivamente sociais, sendo necessário o aprofundamento dos estudos sobre etnicidade no contexto das relações dos sujeitos entre si, e do pertencimento étnico na construção da subjetividade.

Para registrar os dados, utilizou-se um aparelho de gravação digital e caderno de campo como ferramentas durante as entrevistas e observações participativas (aulas, festas, espaços de convivência desses estudantes). O caderno de campo consistiu em registrar tudo o que foi possível e considerado importante para a pesquisadora, levando em consideração que “a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é melhor alcançável quando o pesquisador a traz de volta ao passado, tornando-a presente no ato de escrever” (OLIVEIRA, 2000, p. 34),

uma vez que os registros feitos consistiram em análises para as discussões que foram engendradas durante esta pesquisa.

A interpretação dos dados se deu através da leitura analítica, escuta, registro e interpretação dos resultados, buscando a obtenção das respostas para o problema da pesquisa.

4. CAPÍTULO IV

4.1 A IMPLANTAÇÃO DO CURSO DE MEDICINA: REFLEXOS DE UMA BRANQUITUDE

De acordo com pesquisas realizadas, a primeira faculdade de medicina foi implantada em Salerno, no Sul da Itália, em 1088. A partir daí foram surgindo outras faculdades no contexto Europeu, contudo, mesmo que estivessem “desvinculadas” da Igreja, dependiam do consentimento do clero e/ou do governo para funcionar, já que a igreja sempre esteve com poder e autoridade para isso (LORENZETTO, 2014).

Atualmente essa autorização não está voltada à Igreja, porém o Governo precisa aprovar ou não a implementação de cursos de graduação, pós-graduação, etc., entretanto, há um controle maior quando se trata da abertura indiscriminada de cursos de medicina no país, pois abrir um curso de medicina significa responsabilidade diante da formação dos futuros médicos, e precisa obter boa pontuação nas supervisões do Ministério da Educação – MEC, além de outros que estão vinculados diretamente ao curso, como o Conselho Federal de Medicina – CFM.

Após 800 anos, em 18 de fevereiro de 1808, no Brasil, foi fundada a primeira Faculdade de Medicina no Brasil, por volta da chegada de D. João VI. A Escola de Cirurgia da Bahia, como ficou conhecida na época, é hoje a Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), vinculada à Universidade Federal da Bahia (UFBA) - a primeira também em nível de Ensino Superior no país. Porém, como o Brasil ainda era colônia de Portugal, permaneceu por mais de 300 anos sem autorização para oferecer novos cursos superiores.

No site da FAMEB¹ – UFBA, na parte: “*História da Medicina no Brasil*”, a Universidade disponibiliza o link para acesso a artigos publicados por Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto, autor do livro “*A medicina baiana nas brumas do passado*”, que retrata a evolução da Medicina no contexto baiano.

Sabe-se que desde a implantação do curso de medicina, o mesmo só era frequentado por burgueses, da alta camada social, uma vez que, “Nas sociedades marcadas pela colonização europeia e pelo racismo, a condição de branco implica o acesso a uma série de vantagens

¹ As informações referentes à Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) foram encontradas no site da própria universidade.

Disponível em: <http://www.fameb.ufba.br/institucional/historico/hist%C3%B3ria-da-medicina-do-brasil>

sociais, econômicas e de status” (COROSSACZ, 2014, p. 204 *apud* DUBOIS, 1935; BALDWIN, 1984; HARRIS, 1993; FRANKENBERG, 200).

Portanto, os filhos dos que detinham o poder (os brancos), antes da abertura da Faculdade de Medicina no Brasil, deixavam suas casas para estudarem fora, na Europa. Isso demonstra o quanto o curso de medicina, desde a sua criação, é considerado elitizado e imperialista, ou seja, sempre foi um curso que anuncia uma branquitude, pois somente os que detinham o poder econômico e social poderiam cursá-lo, ou seja, o acesso à educação era restrito a uma minoria (branca), exprimindo uma branquitude a partir da posição de privilégio estrutural através de fatores históricos e atuais (COROSSACZ, 2014, p. 204), e principalmente da colonização.

O primeiro negro - ou mulato escuro, quase preto, como assim descreve Nogueira (1992) - a formar-se em medicina foi Alfredo Casemiro da Rocha, aos 22 anos de idade, em 1877, na Faculdade da Bahia. Nogueira (1992) conta a vida de Dr. Rocha, como ficou conhecido, através de uma mistura de ficção e objetividade de relatos históricos, refletindo sobre uma dialética indivíduo-sociedade, representada pelo negro frente a uma sociedade recém-saída do regime escravocrata, em que se formou um médico negro numa sociedade branca, mostrando com isso, a luta pela integração do negro na sociedade (NOGUEIRA, 1992), através de situações em que o médico negro passa para ascender socialmente, num processo de embranquecimento.

Alfredo Casemiro foi um médico negro que atuou fortemente no meio político (principalmente em São Paulo) e, chegou a ser Senador da República, porém, por trás disso há o impacto da situação racial na vida do médico, uma vez que, estava buscando lutar por conquistar um espaço na sociedade.

Trazendo essa reflexão sobre a breve história de vida do primeiro médico negro a se formar no Brasil para o contexto atual (NOGUEIRA, 1992), o curso de medicina em si é um curso que reafirma a branquitude e, compor esse quadro de estudantes de medicina é algo que traz consigo um “ar de superioridade”. O médico veste branco, é representado por pessoas brancas, seja em revistas, ou até mesmo em hospitais, consultórios, e os negros ainda são total minoria no Brasil.

Se virmos, por exemplo, uma pessoa negra de jaleco num hospital, imaginamos que essa pessoa é qualquer coisa - técnico, enfermeiro, etc. -, menos o(a) médico(a). Mas se virmos uma pessoa branca, vestindo branco, automaticamente já nos referimos a ele(a) como doutor(a). Ao iniciar a pesquisa, conversando com uma estudante autodeclarada negra do curso de medicina, ela conta sobre uma revista que receberam e que na capa era uma mão de

um médico branco, e que ela não se sentiu representada, mas que o seu amigo (branco) se identificou e não conseguiu ver isso como um problema, pois ao contrário dela, ele sempre foi representado positivamente nesse curso e na sociedade, mas o fato de ocupar uma posição de conforto não faz com que ele se perceba enquanto privilegiado, uma vez que, segundo Bento (2009), ser branco é, sobretudo, ocupar posições e lugares sociais privilegiados.

Partindo disso, pode-se pensar sobre como a branquitude vem atuando no curso de medicina, e na produção dos conhecimentos que são ensinados aos estudantes, tendo em vista a manutenção das relações de poder e a valorização de elementos étnicos brancos em detrimento de etnicidades negras e indígenas, e que se perpetuam desde o período colonial até os dias atuais, e que, como Malomalo (2014, p.) diz, a branquitude é uma ferramenta política que serve como “dominação” do corpo negro. Traduzindo isso para pensar as relações étnicas entre os estudantes negros e brancos do curso de medicina, essa ferramenta política se instala no curso através do currículo e da produção de conhecimentos, através de estratégias para manutenção e valorização da identidade branca, independente de serem estudantes brancos, negros, indígenas e quilombolas, levando a um possível desejo pelo embranquecimento e ascender ao privilégio da branquitude, seja cursando medicina, e conseqüentemente, ao concluir, tornando-se médico, que é uma profissão valorizada social e economicamente, “pertencente” ao grupo étnico branco.

Além disso, a medicina ocupa hoje, o próprio saber científico, pois é considerada “a arte de curar”, que foi evoluindo para buscar a prevenção e cura de doenças, mas que ao mesmo tempo em que trouxe benefícios, trouxe consigo uma ciência que não aceita outros tipos de “medicinas”, que já existiam e que curavam, e utilizavam diversas outras formas, que não são as “convencionais”, do mundo contemporâneo, mas que eram tipos de medicina que buscavam, e ainda buscam ajudar as pessoas. Ou seja, os conhecimentos da ancestralidade negra e indígena, por exemplo, não são considerados ciência, pois já se tem uma medicina que perpetua a branquitude.

Pensando nestas relações étnicas, conseguimos perceber as configurações da branquitude na medicina atual, enquanto dominação e centralização de conhecimentos, uma vez que os saberes ancestrais africanos e indígenas em nosso país e no mundo não são mais tão valorizados desde que a medicina passou a constituir-se em ciência única. Porém, desde os primórdios nas diversas sociedades, os povos utilizavam a medicina, mesmo que nas suas formas primitivas, para curar (física e espiritualmente).

Com a tecnologia, “o renascimento da medicina científica” como assim descreve Crabben, deixou de ter uma explicação natural de ordem divina e passou a conduzir-se através de experimentos, avançando consideravelmente desde então.

Tendo em vista toda essa discussão, entendemos, portanto, que a branquitude enquanto lugar de poder se articula não somente no curso de medicina, mas nas universidades de modo geral, que reproduzem uma branquitude através do conservadorismo, da reprodução e opressão do poder colonizador, corroborando com a manutenção das desigualdades e injustiças sociais, pois não estão preocupados com a formação de sujeito críticos, mas de sujeitos que reproduzam o que lhes é ensinado através de conhecimentos conservadores e eurocêntricos, que estão de acordo com a branquitude, que é a naturalização das relações étnicas pela via da opressão e violência – imposição – do branco europeu. Em certo sentido, esta naturalização da desigualdade permeou as relações e vivências étnicas entre os estudantes negros e brancos de medicina da Uesb, os quais em raros momentos perceberam as formas de relacionamento étnico conflituoso diante da invisibilidade da etnia negra e sua consciência crítica sobre os privilégios da etnia branca e a reprodução de relações étnicas racializadas pela naturalização do privilégio do grupo étnico branco, ou seja: a naturalização da branquitude.

4.2 Aspectos gerais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) é uma instituição multicampi, localizada nas cidades de: Vitória da Conquista (sede da instituição), Itapetinga e Jequié, sendo esta última o *campus* em que a pesquisa foi realizada.

De acordo com o histórico da Uesb, disponibilizado na página da universidade², o surgimento da mesma se deu a partir da política de interiorização do Ensino Superior, contida no Plano Integral de Educação do Governo do Estado, de 1969, através da instalação das Faculdades de Formação de Professores, em Vitória da Conquista, Feira de Santana e Alagoinhas, somadas à Faculdade de Agronomia do Médico Francisco (Famesf), criada na década de 50.

Foi uma conquista importante para a região, uma vez que até meados de 1960 existiam apenas algumas universidades e instituições de Ensino Superior isoladas. Pensava-se na qualificação das pessoas para o exercício do magistério, além de um incentivo à pesquisa

² As informações encontradas sobre questões históricas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) estão disponíveis na página da universidade. Disponível em: <http://www2.uesb.br/historico/>

científica (UESB)². Hoje em dia, sabemos que vai muito além disso, e que graduar-se é uma conquista, apesar de que, o mercado de trabalho exige cada vez mais formação e conhecimento.

Após uma longa jornada para se tornar a universidade conceituada que é atualmente, a Uesb busca manter a regularidade e qualidade da estrutura educacional em seus três campi, bem como seu papel na melhoria e no desenvolvimento regional através do ensino, da pesquisa e da extensão (UESB)².

4.3 O curso de medicina da Uesb

O curso de Medicina na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) é implementado na universidade (*campus* de Vitória da Conquista e Jequié) em 2008, com a Resolução CONSEPE nº 82/2008. A presente pesquisa foi realizada no *campi* de Jequié – Bahia.

De acordo com o **Art. 2º** da mesma Resolução, o curso de Bacharelado em Medicina dispõe de 40 vagas anuais (50% pelo Sisu e os outros 50% pelo vestibular), além de ser um curso diurno com matrículas semestrais, devendo o aluno integrar o curso em 6 anos no mínimo e 9 anos no máximo, com um total de 8.670 (oito mil, seiscentas e setenta) horas, sendo um curso anual e diurno (matutino e vespertino).

O Projeto do Curso é obrigatório e, foi encaminhado ao Conselho Estadual de Saúde. A primeira parte do Projeto apresenta as informações gerais sobre a Uesb, como perfil institucional, aspectos jurídicos, atendimento às demandas, etc. Já a segunda parte, visa trazer o Projeto Pedagógico do curso, bem como o perfil do egresso, organização curricular, formas de acesso, equipamentos necessários para o funcionamento do curso, etc.

A partir de uma abordagem didático-pedagógica, a matriz e estrutura curricular do curso de medicina prevêm que durante o processo de formação do profissional médico, o mesmo precisa: “[...] abranger uma dimensão político-social, que subsidiará a inserção do seu campo de atuação, enquanto sujeito partícipe de sua construção qualitativa, assumindo, portanto, o exercício profissional na direção da resolução dos problemas da cidadania” (UESB, 2016, p. 54), ou seja, busca-se através do curso de medicina, formar um profissional crítico e consciente de sua responsabilidade social no que se refere à contribuição para a melhoria na qualidade de vida das pessoas.

O currículo do curso é composto por aulas, palestras, estágio supervisionado (internado), grupos tutoriais com no máximo 10 alunos e um tutor, em que discutirão problemas planejados, na tentativa de facilitar o aprendizado do grupo, e ainda as *Práticas de Integração Ensino – Serviço – Comunidade (PIESC)*, que são vivências em realidades concretas, com uma duração anual (até o 4º ano do curso), em que os alunos atuarão em ambientes comunitários, nas unidades básicas do Programa de Saúde da Família existentes no serviço de saúde do município. Porém, cabe a nós pensarmos em como esses estudantes colocam em prática esses conhecimentos, se não tem um currículo que visa pensar sobre questões étnicas associadas à saúde?

De acordo com informação disponibilizada pela Uesb sobre a questão das Cotas na universidade, divide-se em 50% pelo vestibular e 50% pelo Sisu, sendo que dentro desses 50% de cada um há vagas de ampla concorrência, étnico racial, cotas sociais, e adicionais (inclui indígena, quilombola e PNE³), porém, pelo Sisu não tem essas cotas adicionais, obtendo menores chances que os demais.

As habilidades previstas pelo currículo do curso estão classificadas em 5 categorias: “Acesso à informação médica; exame físico; procedimentos médicos; exames complementares; e comunicação social” (UESB, 2016, p. 56-57), esta última me chamou bastante atenção, pois se refere à relação médico-paciente, médico/paciente/familiares e comunidade, o que é muito importante, principalmente por se tratar de um curso que necessita de uma boa interação e reciprocidade por parte também do profissional, na busca pela melhoria da qualidade de vida das pessoas, independente de classe social, gênero, cor, etc, mas percebo que questões como a discriminação, o preconceito, o racismo na saúde, não são problematizados no curso como deveria, tendo em vista o quanto é importante discussões como essas para a formação não somente médica, mas humana, de respeito e igualdade. Temas que são pertinentes às relações étnicas são preteridos na formação médica do curso da Uesb.

No que se refere ao modelo pedagógico proposto pelo curso de Medicina da Uesb, campus de Jequié, o mesmo:

[...] prioriza a promoção da saúde, a prevenção de doenças, além de dar devida importância ao tratamento e recuperação da saúde com enfoque nas enfermidades prevalentes na região. Os alunos são conduzidos e estimulados à busca e construção de seu próprio conhecimento, baseado no paradigma da integralidade, aprendendo a ser um profissional integrado à realidade social

³ Portadores de Necessidades Especiais – PNE.

em que vivem. Dessa forma, a concepção do curso tem como base o aluno como sujeito da aprendizagem, apoiada no professor como facilitador do processo. É orientado para a comunidade, com uso de várias metodologias ativas, com foco na Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) e na Problematização. A proposta é de o aluno aprender fazendo, na mudança didática da sequência clássica teoria/prática para o processo de produção do conhecimento, que ocorre de forma dinâmica neste processo, numa perspectiva interdisciplinar (UESB, 2016, p. 71).

Pensando no perfil do médico que se desejava formar, adotou-se um modelo pedagógico de ensino que pudesse facilitar o aprendizado do aluno. Atualmente a metodologia escolhida e utilizada como uma nova concepção de ensino é o PBL (*Problem Based Learning*)⁴ – tão mencionada pelos estudantes durante as entrevistas. Um método implantando inicialmente em universidades do Canadá e Holanda, e hoje é utilizado por diversas escolas médicas do mundo todo, dentre elas, a Uesb.

Os estudantes entrevistados que falaram sobre esse método, disseram que, inicialmente foi difícil se adaptar a ele, que é um pouco mais difícil, mas que eles aprendem a ser autodidatas e isso facilita na hora de estudar e conseqüentemente, o aprendizado.

Com relação ao perfil do médico, que é basicamente uma ferramenta que auxilia na determinação de características “desejáveis” para o profissional, em relação a suas habilidades, técnicas, conhecimentos, etc, podendo “qualificar” o profissional, mesmo sabendo que cada um se sairá diferente do outro a partir do que tiver maior “facilidade”, mesmo a formação tendo sido a mesma. Porém, no Projeto do curso de medicina, há um tópico que fala sobre esse perfil profissiográfico do curso de medicina, elaborado a partir da concepção e objetivos da Uesb e do curso, tendo em vista o contexto em que está situada a cidade de Jequié, o mercado de trabalho, e a legislação que visa a formação de recursos humanos para a área (p. 78), além do que consta no Projeto, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais (art. 3º) do curso e o que a mesma diz sobre o perfil do formando:

Médico, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, capacitado a atuar, pautado em princípios éticos, no processo de saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano (UESB, 2016, p. 78).

⁴ Aprendizagem baseada em Problemas – *Problem Based Learning*.

Ou seja, as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de medicina visam uma formação em que o sujeito seja humano, crítico e reflexivo, apesar de ser algo que está no papel e que precisa ser colocado de fato, em prática, tanto pelo curso, quanto pelos próprios estudantes de medicina, que aprenderão a teoria e colocarão em prática durante as Práticas de Integração Ensino – serviço – comunidade (PIESC), e no Internato⁵, a partir da realidade concreta em que atuarão, buscando sempre problematizá-la.

Como já mencionado, a partir do 5º ano acontece o estágio curricular supervisionado sob a forma de internato, que, de acordo com o Projeto do curso: “[...] é constituído por estágios em serviços hospitalares de diferentes níveis de complexidade (enfermarias, ambulatórios e emergências) e em unidades de atenção básica (Unidades Básicas de Saúde)” (UESB, 2016, p. 82).

Após aprovado o Projeto do curso de medicina na UESB em 2008, a Resolução CONSEPE nº 82/2008 é publicada no Diário Oficial do Estado, em 2009, porém, o curso foi iniciado sem equipamentos e estrutura física necessárias para o desenvolvimento das atividades propostas. As dificuldades foram se agravando até que os alunos decidiram tomar parte, indo até o Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia (CREMEB), que é um órgão representativo da medicina, na tentativa de obter ajuda. Então, após uma visita técnica ao curso, foi solicitado que revissem a matriz curricular e ementas do curso, dentre outras coisas.

Em 2011 a universidade recebe o ofício nº 14/2011 – REF CEE/GAP, solicitando que fossem adotadas medidas para a melhoria do curso de medicina, para solucionar os “problemas” apontados no relatório emitido pela Comissão. Houve, portanto, uma reestruturação do Projeto Pedagógico e Curricular do curso, além de novos equipamentos adquiridos para os laboratórios, visando a melhoria na qualidade do curso de medicina.

No estado da Bahia há 20 faculdades que possuem o curso de medicina, dentre essa quantidade, 5 são universidades públicas, dentre elas a UESB, UNEB, UESC, UFRB e UEFS, as outras 15 são faculdades particulares, dentre outras que estão buscando a implementação e aprovação do curso (LYRIO, 2018).

⁵ O internato é uma etapa do curso de medicina que corresponde a um estágio curricular obrigatório de treinamento em serviços, próprios ou conveniados, e sob supervisão direta dos docentes da própria Escola/Faculdade.

4.4 Perfil dos sujeitos de pesquisa

TURMA: 25 alunos	ENTREVISTADOS(AS): 21 alunos
-------------------------	-------------------------------------

- 2 alunas não quiseram participar e 2 assinaram a lista que gostaria de participar, mas não estavam disponibilizando de tempo.

Para melhor sistematização das informações sobre a turma, fez-se necessário um questionário antes de iniciar as entrevistas que perguntava: idade, autodeclaração (cor/raça), cidade de origem e renda (classe social), além do gráfico por gênero e outro para informar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das cidades de origem dos estudantes, classificando por elevado, médio e baixo:

FIGURA 01

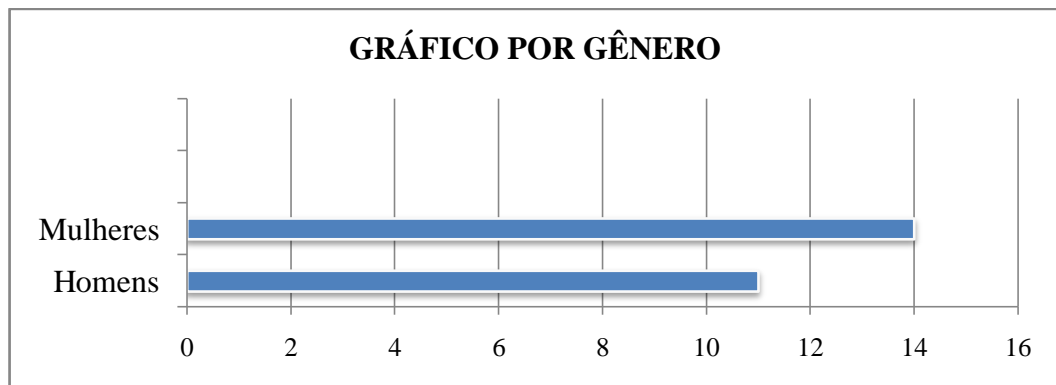


FIGURA 02



FIGURA 03

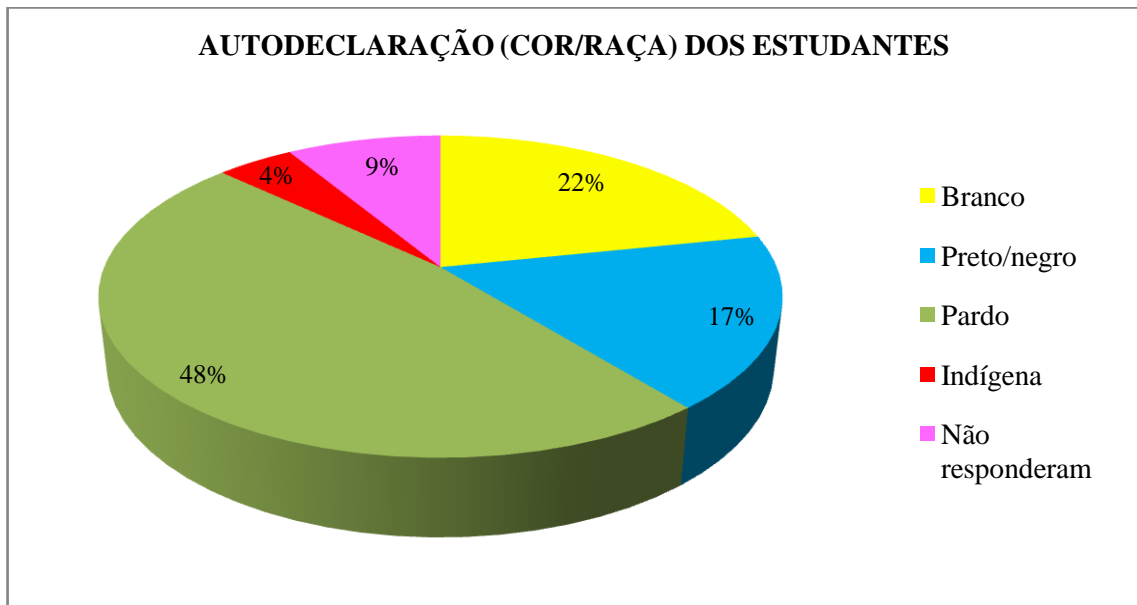
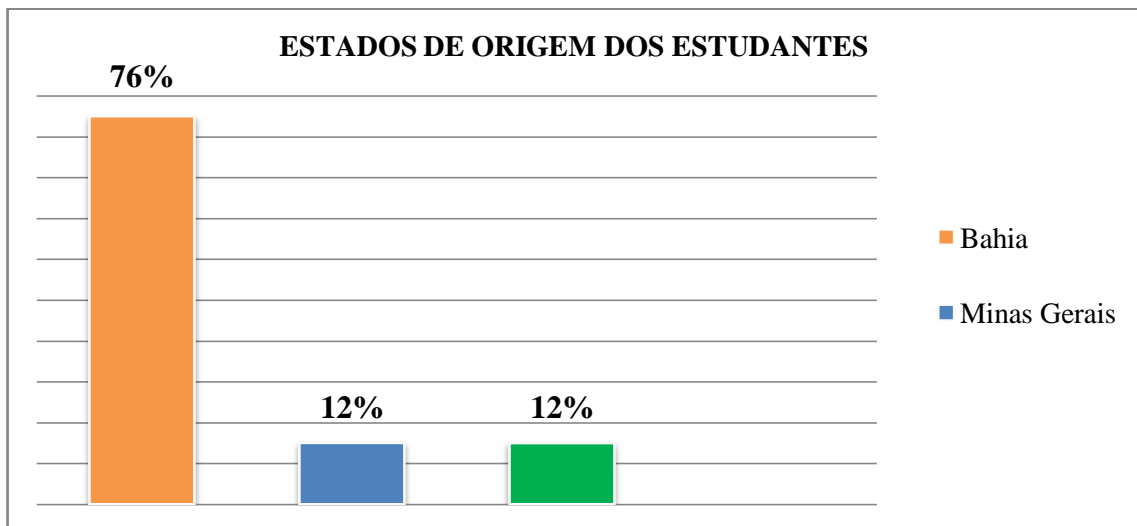
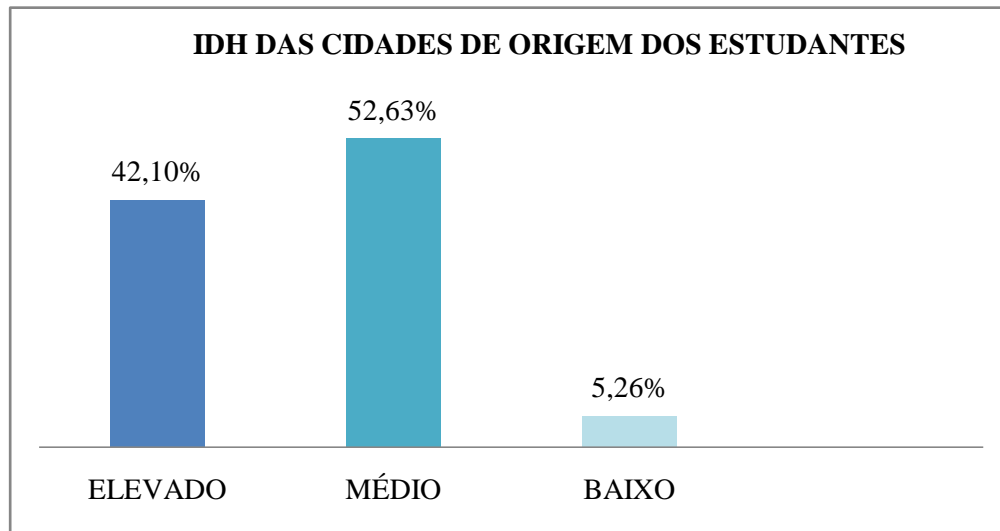


FIGURA 04



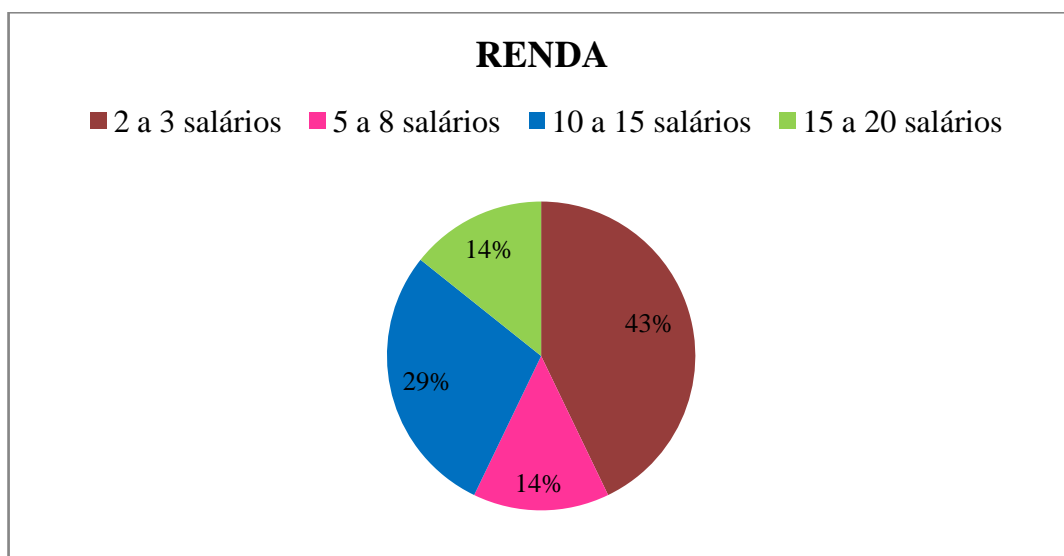
A maioria desses estudantes de Medicina do 4º ano são de outras cidades e até mesmo de outros estados, como podemos observar. Apenas 3 deles são da cidade de Jequié. Foram no total, 19 cidades, dentre elas: Salvador, Feira de Santana, Livramento de Nossa Senhora, Brumado, Jequié, Ilhéus, Santana, Santo Antônio de Jesus, Rio de Contas, Serrinha, Irecê, Apurema e Iará (no estado da Bahia) e outros estados, que inclui: Arcos, Barroso e Santa Luzia (MG), Aracruz (ES), São Ludgero (SC), Serra Talhada (PE). Pesquisamos sobre o IDH dessas cidades e concluímos que:

FIGURA 05

A maioria das cidades (52,6%) possui o IDH médio; 42,1% o IDH elevado e apenas 5,2% possui IDH baixo.

Como havíamos mencionado, foi perguntada a “renda familiar”, já que eles não trabalham por ser um curso integral, fazendo com que eles dependam da estrutura familiar, avós ou de alguém da família. Dos 25 estudantes da turma, obtivemos a resposta de apenas 14 estudantes, pois alguns disseram não saber.

Abaixo o gráfico da renda familiar:

FIGURA 06

NOTA: Considerando que atualmente (2018) o valor do salário mínimo é de R\$ 954,00.

Nota-se que a maior parte desses estudantes (43%) disseram que a renda da sua família é de 2 a 3 salários mínimos, 14% responderam de 5 a 8 salários, 29% responderam que a renda é de 10 a 15 salários mínimos e os outros 14% responderam de 15 a 20 salários.

Dois desses estudantes – D. João VI (autodeclarado branco) e Dandara (autodeclarada negra) -, são de Salvador, que possui o IDH elevado. Porém, D. João VI declara a renda de 15 a 20 salários e Dandara declara a renda de 2 a 3 salários. É uma diferença muito grande, e só reafirma que a desigualdade social e econômica em nosso país tem relação com a origem étnica, já que a população de etnia negra geralmente está ocupando lugares menos privilegiados em comparação com as pessoas brancas. De acordo com Nascimento e Fonseca (2013):

As cores, socioculturalmente politizadas, representam uma linha divisória simbólica entre os grupos negros e brancos, uma divisão que é fundamental para a noção de território e de limite fronteiriço no Brasil. Embora produzida e reproduzida socialmente, tal linha é reconhecida como algo natural por parte da população brasileira que concebe a existência de um lugar de negro e de um lugar de branco no País. Semelhante divisão pode ser observada no cotidiano, ao verificarmos que os maiores índices sobre pobreza, mortalidade, moradia precária ou ausência de moradia, analfabetismo, desemprego, entre outros, pertencem aos segmentos negros (pardos e pretos) dessa população (NASCIMENTO; FONSECA, p. 57, 2013).

Portanto, pensar a vivência étnica e as relações étnicas no curso de medicina seria entender até que ponto o IDH da cidade de origem do estudante pode contribuir ou corresponder ao que ele indica sobre a sua renda familiar (classe social), sabendo que, como afirma Nascimento e Fonseca (2013), existe uma “linha simbólica” que divide os grupos negros e os grupos brancos, e que é naturalizada pela sociedade, mas que impacta fortemente nas questões de trabalho, e conseqüentemente, na pobreza, desemprego, etc., da população negra (pretos/pardos) e branca.

O público de estudantes habita áreas de IDH desenvolvido, isto, em grande escala, significa também um aspecto de privilégio do acesso da branquitude de que parece modular as relações étnicas.

4.5 Branquitude e a relação com a classe econômica: um obstáculo a ser superado

De acordo com as respostas dos estudantes entrevistados no que se refere à renda, houve certa dificuldade em conseguir essa informação, pois a maioria alegou não saber a renda da família.

Sabemos da dificuldade que é entrar numa Universidade pública para cursar medicina, considerando que nem todos têm condições financeiras de pagar uma Universidade particular para o(a) filho(a), principalmente de medicina, que é um curso integral e de dedicação exclusiva, impossibilitando que os estudantes trabalhem, ou seja, precisam ser sustentados pela família.

Mesmo cursando uma universidade pública, há gastos com materiais, com aluguel, alimentação, transporte (para quem mora fora principalmente). Isso nos faz questionar o posicionamento desses estudantes quanto à maioria (48%) declarar renda de 2 a 3 salários mínimos. Foi notório, com esta pesquisa, que há um impasse em ser de uma classe social e saber que a classe pobre, em geral, está voltada para a população negra, ou seja, acredita-se que eles não lidaram com a verdade nesta informação da pesquisa, aliás, não só nesta informação, mas na questão da autodeclaração (dos que se declararam pardos), como também com a “pactuação” com a branquitude, e o silenciamento, que mantêm os privilégios e o não questionamento da sua própria branquitude. Nas palavras de Bento (2009):

Eles reconhecem as desigualdades raciais, só que não associam essas desigualdades raciais à discriminação e isto é um dos primeiros sintomas da branquitude. Há desigualdades raciais? Há! Há uma carência negra? Há! Isso tem alguma coisa a ver com o branco? Não! É porque o negro foi escravo, ou seja, é legado inerte de um passado no qual os brancos parecem ter estado ausentes (BENTO, 2009, p.).

Quando é algo que “toca na ferida”, procuramos protegê-la para que isso não aconteça, porque é mais fácil culpabilizar o outro, do que assumir-se como parte deste processo histórico e social. O fato de afirmarem não saber a renda da família, ou negar a verdadeira renda, é um “sintoma” da branquitude, de manter o silenciamento e o privilégio, enquanto afirmam haver desigualdades entre o grupo étnico negro e o grupo étnico branco, porém, não se enxergam como aqueles que mantêm tais privilégios.

É um mal-estar falar sobre fazer parte da classe social alta e sua família ter uma renda financeira alta? A pesquisa é voltada para as relações étnicas, e talvez isso tenha contribuído para esse mal-estar em dizer verdadeiramente qual a sua classe social e a renda da família. É uma questão bastante complexa, uma vez que, ao pertencer ao curso de medicina, é como se automaticamente “apagasse” o étnico e o racial para estar no “corpo médico”, que é representado por um ideal de branquitude. Ao negar a dimensão da renda, esses estudantes negam também o privilégio da branquitude, só que ao negar, estão assumindo, aceitando e não

questionando-o, por se tratar de uma posição confortável e naturalizada como adequada. A mentira é também naturalizada eticamente, aceita para quase todos os estudantes.

Um exemplo dessa “negação” da renda, por exemplo, é que a maioria desses estudantes têm carro. Inclusive, uma das estudantes entrevistadas (Binah, 25 anos, autodeclarada parda), declarou ser de classe média, mas diz que a sua renda, a partir do que os seus pais mandam para ajudar nas despesas, é em média, 2 salários mínimos, enquanto outros estudantes afirmaram ser essa a renda da família.

Binah começou a cursar medicina numa universidade particular, próxima à sua cidade, mas quando passou na Uesb, o pai deu um carro para ela. Não é qualquer pai ou mãe que têm condições de bancar um curso de medicina particular e dar um carro à(o) filha(o) por ter passado numa universidade pública, além disso, eles não pensaram duas vezes em mandá-la para uma cidade tão longe, em outro estado:

Nunca tive intenção de sair de casa, só sair porque o SISU obrigou (risos). Em 2014 eu fazia uma faculdade particular antes de vim pra cá. Fazia medicina em uma faculdade em Itaúna, que é 200km de Belo Horizonte, e aí quando eu tava no meio do semestre lá eu passei aqui. Só que era particular lá também né, e assim... bem mais puxado, tipo, o que eu vivo aqui hoje, que é relativamente no luxo, é um terço do que eu gastava só de mensalidade lá, aí não teve nem opção, e aí eu vim (Binah, 25 anos, autodeclarada parda).

Mesmo sendo uma universidade pública, há gastos e, quanto mais longe de casa, pior ainda, porém, segundo Binah, esses gastos são menores do que o valor que o seu pai pagava no curso de medicina na faculdade particular que começou a cursar.

O fato de ganhar um carro por passar no curso de medicina numa universidade pública tem forte relação com a branquitude. Na verdade, pode-se considerar um elemento que está atrelado ao poder. D. João VI e D. Pedro I (ambos autodeclarados brancos) também tem carro, fruto de uma “recompensa” por terem passado em medicina.

4.6 Relações étnicas entre estudantes de medicina negros e brancos

Talvez haja nesta condição de relações étnicas entre os estudantes de medicina, um certo “pacto” com a branquitude. Alguns sujeitos que se autodeclararam pardos (veremos a seguir), são fenotipicamente brancos, ao mesmo tempo em que se autodeclararam pardos, pela

“cor da pele” porque não se consideram “brancos” (como uma folha de papel). Estes não demonstraram o pertencimento negro.

Todos, durante o processo, foram orientados precisamente por esta pesquisadora sobre a sociedade brasileira e a questão do IBGE. Todo estudante de graduação tem capacidade plena de considerar uma informação básica: pretos e pardos = negros, para a sociedade brasileira no contexto atual.

Então, porque razão alguns estudantes de medicina, população em geral bem preparada para compreender informações instrucionais, rejeitam o dado social previamente informado e declaram-se “pardos” quando apresentam-se fenotipicamente brancos e, não se identificam (durante o processo de investigação pelas histórias de vida) em praticamente nada com o grupo étnico negro?

Seriam estes estudantes fraudistas em relação ao uso das cotas no curso de medicina? Visto que o próprio acesso ao vestibular de medicina já haveria um corte no qual a população negra nem sequer atingiria a condição de prestar o vestibular de medicina?

Uma possível fraude no sistema de cotas para negros no curso de medicina da Uesb pode ser algo representativo do contexto das relações étnicas entre brancos e negros, no qual a branquitude é capaz de assumir provisoriamente e circunstancialmente uma identidade autodeclarada negra (no caso os estudantes que se declararam pardos e que apresentem fenótipo tipicamente branco), a fim de ascender ao próprio privilégio da brancura.

As relações étnicas entre estudantes negros e brancos no curso de medicina podem representar um protótipo da sociedade brasileira, na medida em que uma vasta complexidade se apresenta diante da vivência do que é sentir-se branco, negro ou pardo.

Portanto, refletindo sobre relações étnicas, cabe questionar nesta pesquisa:

- 1) As cotas que estão destinadas à população negra são efetivamente utilizadas por este segmento étnico?
- 2) Os estudantes de medicina que se autodeclararam pardos e apresentam fenótipo branco e negam informar se são cotistas ou não, poderiam ser fraudadores do sistema de cotas?

Como compreender a complexidade da branquitude nas relações étnicas? Estas são questões necessárias dlevantadas nesta pesquisa, no entanto, as respostas talvez não parem e não sejam alcançadas apenas com este estudo.

4.7 Uma busca por compreender as relações étnicas no contexto das vivências de estudantes do curso de medicina

Entende-se que as Relações Étnicas abarcam uma série de fatores, ou melhor, categorias étnicas, que englobam a raça, a cultura, as linguagens, as identidades, pensamentos, atitudes, dentre outras. São complexas, e podem ser mais bem compreendidas através das dinâmicas de relacionamentos, das “trocas” entre os diversos “sujeitos étnicos” e/ou grupos étnicos, tendo em vista a diversidade étnica e os diferentes contextos.

Portanto, as análises a seguir foram organizadas de acordo com fragmentos das entrevistas dos vários sujeitos, considerando que o banco de dados de informações a respeito do tema faz parte desse trabalho como anexo. Refletimos sobre as suas vivências, identidades e, sobre os aspectos das discussões sobre branquitude, e de que forma a mesma perpassa a história de vida dos sujeitos, seja de maneira individual, ou relacional, através de “aspectos” que se cruzam na observação sobre relações étnicas.

O método da história de vida no campo da Psicologia Social nos permite conhecer os sujeitos bem como o que se procura investigar, visando assim, uma aproximação da pesquisadora com o objeto de pesquisa a partir da construção do sentido dado pelo sujeito, uma vez que o método é carregado de afetos e sentimentos, em que os sujeitos se abrem para falar sobre as suas singularidades, conflitos, emoções e situações de sua vida, que contribuem para a construção de sua identidade, numa perspectiva de transformação não somente da identidade, mas também do meio ao qual está inserido.

Sendo assim, trazemos os aspectos que consideramos significativos e relevantes das histórias de vida dos sujeitos entrevistados, pensando em abordar as Relações Étnicas e suas formas de apresentação, no curso de medicina da Uesb, a partir das vivências desses estudantes.

5. CAPÍTULO V

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS...

Neste capítulo procuramos abordar as falas dos estudantes, buscando entender como ocorre o diálogo entre os sujeitos brancos e negros (pretos e pardos).

Nas análises das entrevistas aparecem sinais diacríticos (sinais de identidade) e, ao mesmo tempo, apesar dos elementos identitários apresentados, preferimos trabalhar com marcadores étnicos, afim de aprofundar a compreensão sobre a vivência do estudante e os sentidos que estabelecem com as relações étnicas. Apesar da importância da discussão sobre o conceito de identidade, pouco pudemos, diante do tempo objetivo da pesquisa, aprimorar os sinais diacríticos que se apresentaram.

Tentamos, como escolha metodológica da pesquisa, encontrar as fronteiras que são estabelecidas nas relações dos estudantes entre si e dos estudantes com o curso de medicina, visto que o, o próprio curso, o acesso ao mesmo, é, em si, um demarcador de atravessamento de fronteira sócio econômica cultural, étnica e racial, considerando que, em nossa sociedade, ser médico implica acesso às relações de poder e privilégios que, em geral, são pertencentes ao grupo étnico social e racial branco.

Os relatos das vivências dos estudantes nos trazem estas considerações, embora tal discussão não se apresente pormenorizada/detalhada em questões especificamente conceituais, já definidas por uma literatura sobre grupos étnicos e fronteiras, conforme utilizamos Barth e suas discussões sobre grupos étnicos.

O que pretendemos nas páginas subsequentes é contribuir para o aprofundamento epistemológico sobre relações étnicas no contexto da contemporaneidade, a partir da realidade brasileira. Observando as possíveis formas de considerar fronteiras, grupos e identidades.

O capítulo que se apresenta pode ser considerado mais como um mosaico do que conseguimos abstrair das vivências de estudantes de medicina, afim de posteriormente, em outro estudo, para além desta pesquisa, realizar o aprofundamento epistemológico que os dados apresentados requerem.

Trouxemos conceitos e construções teóricas sem, contudo, nos fixarmos em uma direção única sobre relações étnicas. Até porque, no Brasil os estudos sobre relações raciais sempre foram trazidos como sinônimos de relações étnicas.

Os dados apresentados neste capítulo permitem fazer a análise sobre relações étnicas aprofundando esta dimensão de compreensão do conceito de etnicidade, que é intercambiável com o conceito de relações raciais. É justamente por isso que acreditamos que os dados da

pesquisa, neste capítulo apresentados, podem fornecer maior amplitude e destaque ao campo específico das relações étnicas.

5.2 OS SUJEITOS

5.3 Pardo, negro ou indígena? As relações com a branquitude

Tambuzi tem 21 anos e se autodeclara “pardo”. Afirma que não entende o “ser pardo” como “ser negro”, pois assim como a maioria dos seus colegas de sala, ele inicialmente se pauta na “tonalidade” da cor da pele (que não é nem tão escura e nem tão clara), mas só depois com a entrevista, é que surgem os elementos culturais, que são parte da construção da identidade étnica de Tambuzi e também dos outros sujeitos entrevistados.

Sobre a questão do “pardo” foi porque tava na minha certidão, e eu nunca pesquisei, pra falar a verdade, sobre isso... mas eu sempre coloco porque eu sei que literalmente branco eu não sou, mas também tem um pouco de influência, é... por isso que... mas é a questão da certidão mesmo... eu nunca pensei sobre isso, eu nunca parei pra refletir sobre isso... a única vez que eu parei pra colocar, foi em vestibular. Então eu sempre colocava... era meio que automático. Tudo que eu vou preencher eu coloco “pardo” (Tambuzi, 21 anos, autodeclarado pardo).

Existe uma questão importante para pensarmos a partir da história de vida de Tambuzi: o conflito de identidade, porém, não é algo que se passa apenas com Tambuzi, mas com todos os “mestiços”, ou seja, os “pardos”.

Durante a entrevista, Tambuzi relata que tem uma avó e uma tia-avó que são filhas de uma indígena, mas em momento nenhum ele se identifica como indígena. Existe um problema de identidade, pois fenotipicamente considero que Tambuzi tenha uma origem que não é branca, a partir do que eu pude perceber nos seus traços e, apesar de compactuar com a branquitude em diversos sentidos, há elementos simbólicos que reafirmam histórias de pertencimentos, porém, ele não apresentou esses elementos, pelo menos na entrevista, mas não significa que não tenha.

Tambuzi só conta sobre as avós quando vai falar sobre o racismo, afirmando que as mesmas “tem a pele mais enegrecida” e que mesmo assim, têm atitudes e falas de preconceito, mas que ninguém leva isso em consideração pela questão do respeito, por serem pessoas mais velhas:

Hoje em dia os comportamentos racistas não são mais tão tolerados, principalmente pela população mais jovem. Só que, por exemplo, eu tenho avós em casa que são... uma avó minha que é filha de índia e... uma tia-avó minha... no caso, minha avó também é, mas elas são filhas de índia. A avó delas era índia, e são pessoas de pele mais enegrecida e têm racismo... é... (pausa)... expressivo assim. Não ficam falando toda hora... tentam não julgar, mas quando é pra dar alguma opinião... as pessoas não levam em consideração porque são pessoas que já tem uma certa demência, já são pessoas mais velhas... então eu acho que ainda existe um respeito, só que eu acho que isso não deveria ser tolerado, mesmo com essas pessoas. E não é questão de respeitar por ser mais velha, é questão que é algo que tem que ser combatido, e ponto. Independente da idade, você não pode deixar perpassar certas coisas porque... daqui a pouco a pessoa vai morrer, não vai mais viver em sociedade... e a nova geração tá vindo... então... (Tambuzi, 21 anos, autodeclarado pardo).

Pelo fato de ser pardo, Tambuzi carrega consigo, na sua identidade, elementos étnicos de diversas etnias e, isso acontece principalmente com os sujeitos pardos (os mestiços), pois possuem diferentes histórias, por isso talvez ele fale dessa tia avó que era indígena, e ao mesmo tempo relacione com o fato de ter a pele “mais enegrecida”, apesar de se mostrar confuso em suas falas. Além disso, no caso de Tambuzi, ele apresenta uma forte relação com a branquitude, ou seja, os sujeitos, mesmo não sendo “brancos”, podem obter uma postura associada à branquitude.

A questão da identidade indígena é algo que é pensada a partir de uma complexidade, através da história brasileira e identidade nacional, “afetando” a herança genética brasileira (SOVIK, 2004, p. 366). Isso pode explicar o fato de Tambuzi não se identificar enquanto indígena (é o olhar que ele tem sobre a sua história de vida), e haver esse “conflito” na construção da sua identidade, em que a sua fala demonstra uma branquitude que é “negociada”, ou seja, ele se “esquece” dessa identidade indígena - (apesar de não conseguir “apagá-la”, pois aonde vamos sempre carregamos, conscientes ou inconscientes, os elementos étnicos que compõem a nossa etnicidade) -, se autodeclara “pardo”, mas se identifica com um grupo étnico racial branco.

Foi uma pessoa que passou por problemas na infância e adolescência, em que sua mãe fez com que ele fizesse terapia, pois tinha um convívio social afastado. Então será que esse pertencimento étnico, desde o início, já traria uma confusão pra ele em como se relacionar com as pessoas? Um sentimento de exclusão? Um sentimento de diferença?

Inicialmente, ao fazer uma sondagem sobre a autodeclaração dos estudantes da turma do 4º ano de Medicina, da qual Tambuzi faz parte, a maioria se declarou “pardo(a)” (ver gráfico).

O que foi possível perceber é que, num primeiro momento, eles se pautam na questão da “cor”, mas depois, os elementos culturais, de identidade, pertencimento, etc., surgem nas falas desses estudantes. São histórias de vidas que apresentam elementos simbólicos diversos, e que, de certa forma, não nos cabe julgar, mas sim analisar a branquitude presente nesse espaço, no curso de Medicina, e nos estudantes entrevistados a partir das histórias de vida e da construção da identidade e identidade étnica dos mesmos.

Quando nos propomos a discutir a branquitude no contexto das relações étnicas enquanto objeto de estudo, nos colocamos enquanto vulneráveis frente a essa discussão, tendo em vista a complexidade em problematizá-lo, bem como a atenção dobrada para deixar claro em que momento estamos trabalhando com a categoria “raça”, e em que momento estamos trabalhando com a categoria “etnia”, para que não haja confusões, pois estamos sempre “indo e vindo” em ambas as direções durante a discussão teórica e análise das entrevistas, porém, priorizando a compreensão sobre branquitude nas relações étnicas.

Em se tratando da questão da raça, e mais especificamente, da categoria “cor”, Guimarães (2003), afirma ser uma das mais difíceis de discutir, principalmente nesta pesquisa, em que se trata de trabalhar com relações étnicas.

O conceito de “cor” perpassa questões históricas em que os europeus, por exemplo, foram identificados como “brancos” e os africanos como “negros”. Mas no Brasil qualquer pessoa que tenha a feição branca pode assumir uma condição ligada à branquitude, mesmo que sua ascendência não seja essa (OLIVEIRA, 2017), por isso, no Brasil, como afirma Nogueira (2006), o preconceito é de marca e não de origem, como nos Estados Unidos, ou seja, no Brasil o preconceito é a partir da aparência/traços físicos, etc., já nos EUA, o preconceito se dá a partir da ascendência étnica da pessoa (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

Através das observações feitas e a utilização do caderno de campo como instrumento de pesquisa, observou-se algo importante para discutir sobre a identidade de Tambuzi, principalmente para pensar no quanto o ideal de superioridade branca (a branquitude) perpassa no inconsciente das pessoas e, a forma como isso afeta as relações e contribui para a perpetuação e manutenção do racismo no Brasil, ou mais especificamente, nesse caso, dentro da própria universidade, no curso de Medicina, que por si só apresenta-se como um curso que reafirma a branquitude.

Aqui eu to tendo mais... mais... contato social mesmo. E aqui eu vejo que não tem tanto essa questão (mesmo sendo uma universidade pública, você ver que tem uma mistura muito grande né), diferentemente das outras escolas particulares, principalmente Medicina, que é um curso que é

considerado mais elitizado... você vê que, pelo menos aqui na UESB, você vê que as pessoas de classes sociais diferentes, elas se misturam mais né... tem uma relação mais próxima, uma relação melhor. Porque nas escolas particulares hoje em dia, a gente vê que tem muita exclusão social, questão socioeconômica mesmo. Aqui na UESB a gente não tem isso né, pelo menos no nosso curso... não... na minha turma pelo menos, você não vê episódio de racismo, exclusão... isso não tem né (Taiwo, 25 anos, autodeclarado pardo).

Podemos perceber nesta fala de Taiwo a dimensão do conflito, de maneira sutil, pois eles entendem que demonstrar e falar sobre “conflitos” poderia ser perigoso, ainda mais em se tratando de pessoas que assumem um ideal de branquitude.

Estava indo em direção à sala da turma do 4º ano de Medicina para fazer as observações e encontrei com Tambuzi no corredor, enchendo a sua garrafinha de água. Parei e comecei a conversar com ele. Perguntei como tinha sido a festa que eles organizaram para comemorar a conclusão dos 50% do curso (a festa “Meio Médico”), pois alguns dos estudantes, inclusive ele, haviam me convidado para ir, mas não pude comparecer.

A festa (Meio Médico) é aberta ao público, mas você paga o valor de R\$ 20,00 a entrada, fora o consumo lá dentro. Já as outras festas que também são organizadas por alunos dos diversos cursos da UESB, você paga o mesmo valor, ou até menos e, é “open bar”, então os estudantes preferem essas festas, por envolver um menor custo. Conversando com um amigo meu (em outro momento), e também com Tambuzi, ambos disseram que as festas de Medicina quase não iam estudantes da UESB, que o público maior é de fora. Percebe-se com isso que até mesmo as festas organizadas pelo curso de medicina são “elitizadas”, pois só pelo fato de carregar o nome medicina, são mais caras, e as pessoas já associam com outro público que não é o mesmo que frequenta as festas organizadas pelos outros cursos da universidade.

Nessa conversa informal com Tambuzi, falando sobre essa festa “Meio Médico”, ele me disse: *“A festa foi boa, mas foram poucas pessoas... deu um pessoal de fora, de Itabuna, que gastaram muito no bar. Deu um pessoal mais selecionado, pessoas mais bonitas, diferente do que se vê na Uesb”*. Essa fala de Tambuzi me chocou bastante, pois fiquei pensando no que ele estava querendo dizer quando afirma que “a festa deu pouca gente... foram pessoas mais bonitas e, diferente do que se vê na Uesb”. Senti um peso muito grande da branquitude presente nessa fala dele, desse ideal de superioridade que perpassa a construção da identidade branca e que contribui com o racismo, pois apesar de Tambuzi não ser branco e se autodeclarar pardo, ele tem o discurso da branquitude.

Na fala dele ficou evidente o fato de a mídia passar uma ideia de que a estética branca é bonita, ou seja, ter o cabelo liso, a pele clara, os olhos claros e os traços finos, pois são

considerados “modelos de beleza” e isso se perpetua na sociedade, fazendo com que os sujeitos se apropriem desse discurso (OLIVEIRA, 2017).

A discussão sobre branquitude, de uma ocupação do lugar simbólico de ser branco, e da obtenção de privilégios simbólicos e materiais, nos faz pensar o curso de Medicina e os estudantes que ocupam esse “lugar de prestígio”, uma vez que é um curso concorrido e que, mesmo com a implementação das ações afirmativas – cotas nas universidades –, os estudantes negros, indígenas e quilombolas ainda são minoria nesse espaço, principalmente nesse curso considerado “elitizado”, em que a disputa por uma vaga é grande.

Durante a entrevista, quando pergunto a Tambuzi sobre as questões étnicas e de preconceito contra o negro, dentro ou fora da universidade, se ele já presenciou alguma situação e o que pensa sobre isso, ele fala sobre a sua escola de ensino médio:

*Olha, eu sou uma... eu acho até muito... (pausa). Não existe... é porque eu tive um colégio que era meio anormal... eu achava... não, isso aí é meio que clássico, assim... até os meus próprios colegas, falam... minha amigas que são negras falam. Era um colégio meio anormal para o padrão, porque... ainda mais curioso, porque a minha turma, eram pessoas de classe média, com mais negros, é... sendo que era um colégio de pessoas... um colégio “elite”, digamos assim... então foi uma turma meio diferenciada (**Tambuzi, 21 anos, autodeclarado pardo**).*

A fala de Tambuzi nos faz questionar sobre o que ele estaria dizendo quando afirma que “Era um colégio meio anormal para o padrão” porque a sua turma era de pessoas de classe média com mais estudantes negros? Seria pertinente dizer que Tambuzi acredita ser algo “anormal” ter mais pessoas negras num colégio “elitizado”, pois a “normalidade” seria que tivessem mais pessoas brancas? Infelizmente não conseguimos voltar a Tambuzi e perguntar sobre questões como essa, e que poderiam ser mais bem aprofundadas e questionadas, pois logo após finalizar as entrevistas, esses estudantes do 4º ano foram para o internato, espalhando-se por diversas cidades, impossibilitando o contato com a pesquisadora.

O fato de problematizar a fala acima de Tambuzi não quer dizer que estamos afirmando que ele se sente superior por, em nossa opinião, poder ser considerado “fenotipicamente” branco. Mas o fato é que a sociedade promove essa construção de que os brancos é que devem ocupar os lugares de privilégio social, como por exemplo, colocarem seus filhos em colégios mais caros, “de elite”, e isso acaba afetando os sujeitos (de modo geral) nas relações étnicas que estabelecem entre si e com os outros através de suas atitudes e discursos.

Por isso a importância de considerarmos as questões históricas do período de colonização, uma vez que a escravização foi um crime contra a humanidade, e que mesmo

assim existe uma inconsciência por parte das pessoas do quanto isso repercute na saúde mental de toda população, sejam negros, brancos, indígenas (OLIVEIRA, 2016), uma vez que, “a saúde mental humana é condição primordial para o desenvolvimento da sociedade” (OLIVEIRA, 2016, p. 27).

Outro fato a ser considerado é que o sujeito da pesquisa pode também ter “ocultado” elementos sobre a sua história de vida. Ele foi protagonista da sala quando apresentei o tema da pesquisa, pois organizou os colegas em grupos rapidamente e todos, quase simultaneamente, se declararam: “aqui somos todos pardos”.

Bento (2009) denominou isso de “*pactos narcísicos*” entre brancos, que se dá através de uma luta silenciosa pela manutenção dos privilégios raciais. A autora busca mostrar como se dá esse “silenciamento” do branco sobre o negro; sobre o lugar do branco, afirmando que “Este processo é revelador do peso da branquitude na manutenção e reprodução das desigualdades raciais, sistematicamente tratadas como um problema de negro” (BENTO, 2009, p. 01).

Neste sentido, Tambuzi pode ser um “maquiador” quase perfeito do desprezo das elites brancas pela população negra (incorporação de uma branquitude), que se diz negro (pardo e indígena), e posteriormente, no corredor da Uesb quando me encontra, diz: “*Haviam pessoas mais bonitas na festa, diferente das pessoas que se vê aqui na Uesb*”.

É Tambuzi um sujeito que estabelece relações de etnicidade de conveniência, e manipula os dados a fim de produzir o não acesso à verdade, à injustiça e à desigualdade historicamente reservada ao grupo étnico negro?

Segundo Bento (2009, p. 39), uma boa maneira de compreendermos melhor a branquitude – pensada a partir do processo e ideologia do branqueamento –, é entender a projeção do branco sobre o negro, que é estruturada por um silêncio que contribui para manutenção dos privilégios.

Existem algumas “categorias” que são pertinentes pensar a partir da entrevista que foi realizada com Taiwo:

1. Nos faz pensar que ele talvez não queira ser negro, pois assumir uma identidade negra em um curso “elitizado” o obriga a ter certos enfrentamentos que, se colocando numa postura não negra, ele não tenha que lidar com certas questões diretamente.

2. Considera-se pardo, mas parece querer assumir o pertencimento branco, pois sempre fala em 3ª pessoa, assumindo uma postura de privilégio do pertencimento branco (branquitude).

E essas são questões que podem ser refletidas em parte de sua fala, quando diz que:

*E com relação à questão da negritude no Brasil, eu vejo que tem um preconceito **deles** com relação a **eles mesmos** né, com relação à própria condição de ser negro né... o que a gente ver na rua muitas vezes, são casais em que é um negro e um branco... é difícil você ver um casal em que as duas pessoas são negras né... Então, tá crescendo agora esse Movimento de auto-afirmação da negritude e tal, mas eu vejo que ainda existe um preconceito que nasce até dos próprios negros com relação à condição deles de ser negro (**Tambuzi, 21 anos, autodeclarado pardo**).*

Mesmo considerando-se pardo, nesta fala de Tambuzi fica evidente o fato de que ele parece querer assumir um pertencimento branco, pois como mencionado anteriormente, ele utiliza o “deles” e “eles mesmos” quando quer se referir às pessoas negras, como na fala “[...] eu vejo que tem um preconceito **deles** com relação a **eles mesmos** né...”, demonstrando com isso, mesmo que de maneira “sutil” uma postura de um pertencimento branco (branquitude).

Portanto, podemos refletir acima que, ser pardo é, para certos sujeitos, como Tambuzi, por exemplo, uma condição complexa e desconfortável, pois ele se posiciona a partir do contexto ao qual está inserido ao pertencer ao grupo de estudantes de medicina, evitando com isso que “o conflito” apareça de maneira evidente.

Fenotipicamente, em nossa opinião, Tambuzi pode ser branco, mas pode ter uma origem negra que é negada. Assim sendo, seu discurso pode ser interpretado como falso, e suas palavras serem a representação da necessidade de perpetuação do poder do grupo étnico branco como mais uma faceta dos modos de relações étnicas entre iguais e diferentes, que usa para isso os próprios argumentos de uma suposta (e falsa) negritude.

5.4 Branquitude e o desejo da brancura

Taiwo tem 25 anos e se autodeclarou “pardo”. Tem uma irmã que também faz medicina, na UNEB de Salvador. Seu pai é bancário e a sua mãe é professora do município.

Quando eu pergunto por que ele se considera pardo, ele diz que ele não se declara “branco” porque *entende o “ser branco” como o “estilo europeu”*, só que não deixa claro

porque se declara pardo. Nesse caso, entendi que ele se refere também à tonalidade da cor da pele, não se considerando “branquíssimo” ao ponto de se declarar branco.

Thales de Azevedo (1996) ao discutir sobre “os tipos étnicos baianos” fala sobre as expressões/designações que eram utilizadas na época para abordar sobre as diversas etnias, sendo essas: *branco, preto, mulato, pardo, moreno e caboclo*, sendo designações que descreviam, assim como hoje, tipos físicos determinados, mas que, segundo Azevedo (1996, p. 34), “o sentido dos mesmos é condicionado, muito embora basicamente relacionado com os traços raciais, especialmente a cor da pele, o cabelo e as formas raciais”. Essa é uma discussão que cabe pensar a fala de Taiwo e que mesmo havendo alterações nessas classificações (raça/cor), a ideia continua sendo a mesma.

Taiwo tem a pele clara, mas fenotipicamente possui traços de descendência negra como o tipo do cabelo, lábios e nariz.

Talvez ele não queira estar no lugar de “oprimido”, mas também não quer admitir uma identidade “opressora”, então o “pardo” seria o “meio termo”, ou mais provavelmente “um caminho para a brancura”, para alcançar os privilégios de ser branco por estar cursando medicina.

[...] o negro brasileiro pode branquear-se, na medida em que se eleva economicamente e adquire os estilos comportamentais dos grupos dominantes. O “peneiramento” social brasileiro é realizado mais em termos de cultura e de “status” econômico do que em termos de raça (AZEVEDO, 1996, p. 35 *apud* RAMOS, 1946).

Ou seja, o Brasil é um país miscigenado e mesmo aquele que possui uma ascendência negra, mas tendo a pele clara, consegue “se passar” como branco. Como traz Azevedo (1996) a partir da discussão que faz Ramos (1946), o negro brasileiro pode se embranquecer na medida em que se eleva economicamente, pois no Brasil o discurso está pautado justamente na questão socioeconômica, e não racial.

Sobre esta questão do “embranquecimento”, só que a partir de outro viés, Fanon (2008, p. 34) traz um exemplo que cabe pensar aqui: “o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa”, ou seja, há nesse caso um exemplo de embranquecimento do negro antilhano através da língua (francesa), que neste contexto é uma forma de aproximar-se de um “ideal de branquitude”. Relacionando esse exemplo para pensar o contexto da pesquisa, o curso de medicina sempre foi um caminho para uma “aproximação” da brancura e dos ideais da branquitude.

Quando se perde a “originalidade cultural” de um povo (a partir da colonização), nasce um “complexo de inferioridade” que só existe diante de um ideal de superioridade (branquitude), e a civilização se vê obrigada a tomar uma posição diante do que é considerado “norma”; não é a toa que os portugueses consideraram a sua cultura superior à cultura indígena e africana. Portanto, fazer o curso de Medicina tornaria Taiwo e tantos outros(as), “mais brancos(as)”, por ser um curso “elitizado”, de status social elevado.

A branquitude possui também privilégios materiais, como por exemplo, o acesso à educação e a cultura formal, que neste caso, possibilitam aos estudantes brancos, alcançarem o sonho de fazer medicina, pois é um curso muito concorrido, e que geralmente exige muita preparação:

Eu comecei o colégio com 3 anos de idade numa escola particular aqui do município, e eu estudei desde os 3 anos até os 14 nessa escola. É uma escola elitizada né... é uma escola mais tradicional, e... fiz muitos amigos nessa escola. Os amigos que eu tenho hoje em dia são de lá... as amizades mais fortes que eu tenho são de lá, e foi uma escola que foi muito importante pra mim, na minha formação. Agora algumas coisas que eu percebia nessa época foi a questão do racismo né, que sempre tava presente... tinha alguns colegas negros, que sofriam de racismo, ganhavam apelidos por conta disso, e isso na década de 90, principalmente... e... foi uma das coisas que me marcou né... que mesmo a escola sendo elitizada, você ter essa questão da pessoa sofrer bullying por conta de questão racial mesmo [...] (Taiwo, 25 anos, autodeclarado pardo).

Nota-se que “o acesso à educação e a cultura formal são ainda bens e legados restritos a uma minoria nas sociedades globais” (OLIVEIRA, 2016, p. 33), ou seja, uma “minoria branca” que possui tanto privilégios materiais quanto simbólicos. Por exemplo: Taiwo e sua irmã, que também faz medicina, tiveram o privilégio de estudar em escola particular e fazer cursinho preparatório também, e isso fez com que eles estivessem mais preparados para passar.

Taiwo sempre se refere à “diferença” pensando o lado socioeconômico, de classe social, exceto quando ele afirma que existe um preconceito do próprio negro com relação a ele mesmo:

E com relação à questão da negritude no Brasil, eu vejo que tem um preconceito deles com relação a eles mesmos né, com relação à própria condição de ser negro né... o que a gente ver na rua muitas vezes, são casais em que é um negro e um branco... é difícil você ver um casal em que as duas pessoas são negras né... Então, tá crescendo agora esse Movimento de autoafirmação da negritude e tal, mas eu vejo que ainda existe um

preconceito que nasce até dos próprios negros com relação à condição deles de ser negro (Taiwo, 25 anos, autodeclarado pardo).

Nesse caso, o mais fácil seria ascender à brancura? Essa é uma questão importante da qual Fanon (2008, p. 30) aborda de maneira muito interessante, quando mostra os esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da sua identidade negra, e que a todo o momento sofre por ser preto diante de uma sociedade branca, de cultura europeia, que impôs ao negro um desvio existencial, da sua identidade e cultura, em que existe uma construção/representação do eu (preto) que é feita por uma civilização branca.

Nesta fala, Taiwo se refere aos negros utilizando o pronome “eles”, ou seja, não se inclui nesse grupo étnico e racial, como se fosse algo distante da sua identidade, da sua ascendência, enquanto um sujeito que se autodeclara “pardo”.

Além disso, quando Taiwo se refere ao casamento inter-racial e afirma que “*existe um preconceito que nasce dos próprios negros com relação à condição deles de ser negro*”, ele generaliza e reproduz aquilo que a sociedade de fato propaga, pois casar-se com uma pessoa branca não significa que seja um preconceito por parte da pessoa negra por sua “condição” racial, mas foi algo que, de certa forma, fez com que os indivíduos não-brancos tivessem acesso e se integrassem nas classes e camadas superiores da sociedade (AZEVEDO, 1975, p. 61), o que é mais fácil do que assumir uma identidade negra diante de uma sociedade como a nossa.

Em outro momento Taiwo utiliza o fator “classe social”, a questão socioeconômica, só que agora para justificar o maior número de estudantes brancos nos cursos de medicina e odontologia, afirmando ser algo que vem se perpetuando no Brasil, desde o passado.

E com relação à composição do curso aqui, eu vejo que essa questão socioeconômica, ela tem influência sim, até na entrada na universidade... porque a minha turma são 23 pessoas, e só tem 3 negros né... é um curso considerado elitizado e então a maioria esmagadora são de pessoas brancas né... e isso tá presente também em outras turmas né, sem ser a minha... então isso são reflexos, acho que da condição socioeconômica né... é uma questão do passado né, no Brasil, que já vem se perpetuando... que as pessoas brancas, elas acabam dominando a questão das vagas nos cursos, tendo privilégios né... nesses cursos que são considerados mais elitizados, como por exemplo, Medicina, Odonto... a gente ver muito isso também (Taiwo, 25 anos, autodeclarado pardo).

Taiwo demonstra em sua fala que a justificativa para que os brancos possuam privilégios em relação aos não brancos se dá através do fator socioeconômico, mas no gráfico,

eles (estudantes de medicina) “negam”, em sua maioria, pertencer a uma classe social alta, quando responderam ter uma renda familiar de 2 a 3 salários mínimos (43% desses estudantes). A sociedade de modo geral insiste em afirmar que o país é pacífico de discriminação e que não existe privilégio por ser branco, ou seja, o privilégio simbólico da brancura, muito menos o privilégio material, de possuir maior acesso à saúde e educação por exemplo.

Partindo nisso, como nos refere Fanon (2008), podemos pensar: o “ser pardo” para Taiwo teria haver com o desejo de “embranquecer”? Será que assumir uma identidade branca tem haver com o curso de Medicina, tornando-se um “passe” para a brancura? São questionamentos que fazemos a partir do que se pode refletir sobre a fala tanto de Taiwo, pois se autodeclara pardo, mas se identifica como branco.

O curso de medicina é determinante para que eles saiam dessa posição do “pardo”. Apesar de que tanto Tambuzi, quanto Taiwo, ambos dizem ser pardos, mas não se associavam ao grupo étnico negro. Por traz de tudo isso, há o “desejo da brancura” (subjetivamente falando), que permeia as formas de relações étnicas desses sujeitos, do contexto para consigo mesmos, e principalmente na relação com o outro, através das fronteiras que são estabelecidas entre os estudantes de medicina através dos marcadores étnicos.

5.5 A presença dos avós como marcador de identidade étnica

Safi tem 21 anos e se autodeclarou “parda”, mesmo se mostrando insegura inicialmente quanto a sua resposta, pois quando a questiono sobre a sua autodeclaração ela me pede para que eu a classifique de acordo com o que eu achava; mas eu disse que isso é um pouco difícil, pois existe uma questão política, étnica e pessoal por trás disso, e que eu não poderia simplesmente dizer que ela era branca, por exemplo, somente a partir do que eu via (fenotipicamente).

Mesmo tendo ficado um pouco confusa depois que eu disse que “pardo” para o IBGE (2010) está na categoria “negro/preto”, Safi me respondeu que sempre se declara assim, então que eu pudesse colocar a sua cor/raça como “parda”.

Safi sempre estudou em escola particular, porém diz que a sua cidade natal é pequena e que a escola que estudou, mesmo sendo particular, não se compara aos colégios das grandes cidades. Safi passou muito nova para medicina: assim que concluiu o Ensino Médio, com 17 anos.

Seu pai é trabalhador autônomo (tem um bar), e a sua mãe é professora aposentada do Estado, mas continua dando aula na escola particular (a mesma que ela estudou). São eles que pagam as despesas que ela tem, morando em outra cidade.

Inclusive ela conta que quando tinha 12 anos a sua mãe foi diagnosticada com câncer de mama, mas que ela fez o tratamento e que hoje está curada, mas que foi algo muito marcante em sua vida. Outro momento marcante em sua vida foi quando uma tia muito próxima a ela teve depressão. Hoje a sua tia está bem melhor, mas na época ela relata ter sido sobrecarregada por muita responsabilidade, pois a sua irmã mais velha tinha passado para Direito em Salvador e foi morar lá, e também por ela ser uma menina muito centrada, a responsabilidade caía sempre para ela. Safi diz ter sido uma fase de “trauma” em sua vida, mas que passou e a fez amadurecer muito.

É uma menina meiga e simpática que se mostrou a todo o momento disposta a participar, mesmo sendo bem tímida. Pode-se dizer que ela tem a cor da pele clara, que se autodeclara “parda”, e que, não traz nada sobre a branquitude em sua fala, pelo contrário, a partir da sua história de vida percebe-se o quanto a sua identidade é “marcada” etnicamente por elementos de origem negro africana como a forte presença das avós, e a valorização da sua ancestralidade.

Eu morei a vida toda com os meus pais. Somos eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. Moramos na mesma casa. Mas assim, os meus familiares mais próximos também são de Irará. Que no caso seriam as minhas tias, que tiveram uma influência direta na minha criação... sempre foram muito próximas de mim. São as minhas “mães auxiliares”, digamos assim, e as minhas duas avós. Meu avô materno... eu convivi com ele até os 6 anos, que foi quando ele faleceu, aí eu não me lembro tanto quanto eu gostaria. E meu avô paterno eu não conheci, ele morreu antes de eu nascer. Minhas avós faleceram esse ano, uma em abril e a outra em junho. E aí eu era muito próxima a elas duas, principalmente à minha avó materna - aquela que eu te falei que era negra do cabelo liso (Safi, 21 anos, autodeclarada parda).

Existe uma influência das suas avós na questão da religiosidade (católica), pois foi através delas que Safi ingressou na religiosidade, e isso faz parte da sua etnicidade. A representação das avós é tão forte na vida de Safi, que ela conta bem emocionada sobre o falecimento das mesmas, que aconteceu no mesmo ano, em um período curto de uma para a outra.

De acordo com Souza (2003), há uma relação de transmissão identitária, mesmo que inconscientemente, de elementos culturais e sociais com relação a familiares como os avós, e mesmo que a autora discuta em termos da análise dessa relação em crianças negras e brancas,

cabe pensarmos nessa “transmissão” transgeracional, ao nível da ancestralidade, que não se perde, como é o caso da representação das avós de Safi em sua relação com o sagrado.

De modo geral, a “etnicidade” refere-se a um conjunto de atributos ou de traços como a língua, a religião, os costumes, etc., o que se aproxima da noção de cultura e raça (POUTIGNAT; STREIFF-FERNAT, 1998, p. 86), porém, não é a cultura que define a etnicidade, é a etnicidade que define a cultura (CUNHA, 2009, p. 238).

No caso da identidade étnica, o nome/sobrenome, por exemplo, é algo que caracteriza a “identidade primária” de um sujeito, mas que, enquanto agente de sua própria história, ele vai construindo a sua identidade a partir do que vivencia ao longo da sua vida, seja através de fatores transmitidos de geração em geração, como no caso de Safi e a sua relação com as avós, e a religião, seja a partir do que vivencia diariamente, através de uma perspectiva em que a identidade é tida como “*metamorfose*”, ou seja, movimento, transformação, na constante busca de “*vir a ser*”, através da sua historicidade (CIAMPA, 2005).

A identidade étnica está associada, em Barth (2000), a valores culturais que servem como critérios para avaliar ou negar a pertença. No caso de Safi, existem marcadores étnicos negro. Podemos perceber isso, a partir do que ela nos conta sobre a sua história de vida, dos costumes e “estilo” de vida da sua família:

Mas assim, em relação à minha vó também, ela teve um papel muito importante na minha criação, porque a minha vida toda era assim, dia de sábado eu almoço na casa de vovó. Eu tenho 21 anos, até eu vim pra cá pra Jequié... eu vim pra cá com 18... foram 18 anos de todos os sábados indo ficar com a minha avó, todos os sábados. E aí a minha inserção na igreja também foi por conta da minha vó, porque eu acompanhava ela na missa e tal... deixa eu ver... se eu for falar da minha vida eu vou passar a maior parte do tempo falando de vovó (risos) (Safi, 21 anos, autodeclarada parda).

A relação da sua família nos mostra hábitos e costumes importantes para serem pensados na construção da sua etnicidade, quando ela fala, por exemplo, que todos os sábados iam almoçar na casa da avó ou que acompanhava ela na missa (relação com o sagrado). A questão do respeito e reverência à ancestralidade, neste caso, representada pela avó. Portanto, esses podem ser considerados marcadores étnicos (e conseqüentemente culturais), que a define como sujeito, e compõem a sua identidade étnica.

Essa relação da qual Safi traz na sua história de vida demonstra que existem marcadores étnicos idênticos aos das famílias de matriz negra africana, que se organizavam através de hábitos e costumes como esse, de um acolhimento e a forte representação do elemento

religioso, que no caso de Safi se deu através da sua avó, e que é uma representação de um marcador étnico simbolizado pela religiosidade (OLIVEIRA, 2008).

A vida comunitária e a família extensa (marcadores étnicos da identidade de Safi) é algo tão forte para a cultura africana que, ao escravizarem os africanos, os portugueses separavam os membros das famílias para que não houvesse “rebeliões”, e que os escravizados pudessem obedecer mais a seus “donos”, e isso fez com que eles tivessem seus laços de parentesco rompidos com a escravidão.

Contudo, como afirma Oliveira (2008):

Sim, há uma perda da linhagem. Mas não há perda da ancestralidade, da transmissão transgeracional daqueles que ficaram na África com aqueles trazidos para as Américas e dispersados nos ‘novos’ territórios. [...] A diáspora é o deslocamento que funda uma identidade, uma linhagem e uma linguagem, comunicação, afetiva-emocional, inconsciente/consciente (OLIVEIRA, 2008, p. 81-82).

É através dessa ancestralidade, de um sentimento de pertença, expresso na produção cultural, e construção identitária da psique (OLIVEIRA, 2008), que buscamos compreender os sujeitos de pesquisa, principalmente no que se refere à marcadores étnicos negros e brancos, que estabelecem fronteiras entre esses estudantes no curso de medicina.

Nota-se, portanto, o quanto as avós de Safi foram essenciais para ela, em sua vivência pessoal enquanto pertencente a uma família que apresenta marcadores étnicos de origem negro-africana.

Safi diz ser bem apegada com a família, mas que se encontra distante fisicamente por conta dos estudos, e agora não vai visitar os seus pais com tanta frequência. Ela mesma conta o quanto foi difícil emocionalmente para se adaptar em morar longe de casa, mas que tudo se tornou mais fácil depois, pois ela foi amadurecendo e também graças a uma amiga de infância, que mora com ela e que se dão muito bem.

Aí eu fiquei estudando em casa em 2014, porque eu queria passar perto de casa pra não ter que me mudar, porque foi um processo bem difícil pra mim... quando eu vim pra cá, porque como eu morei a vida toda com os meus pais, chegar aqui foi muito difícil pra eu me adaptar assim, com essa questão emocional. Mas aí aos poucos eu fui amadurecendo e vai aceitando as coisas, digamos assim.

Eu moro em Jequié com uma amiga minha. Deus é tão bom, que eu conheço essa minha amiga desde a 5ª série, aí a gente é amiga desde a 5ª série, desde os 11, 12 anos. Aí eu passei aqui, ela não tinha passado ainda, mas eu vim me matricular e tal, aí uma semana antes de eu me mudar ela passou, aí a

gente veio morar juntas. Há 3 anos, e graças a Deus a gente se dá super bem (Safi, 21 anos, autodeclarada parda).

Essas são vivências/experiências tanto objetivas quanto subjetivas que fazem parte da construção da vida de Safi, através do que Oliveira (2013) considera enquanto identidade:

[...] identidade é processo de construção, que se alia à ordem do real, da vida objetiva, que anseia pela contemplação de seus inerentes fundamentos singulares, subjetivados, afetivos, psicoemocionais, não desvinculando-se de seus igualmente inerentes requisitos sociais, históricos, culturais (OLIVEIRA, 2013, p. 175).

Partindo disso, nota-se o quanto as experiências objetivas e subjetivas de Safi são importantes. A presença das suas avós é um marcador étnico para a construção da sua identidade, assim como a família extensa e a reverência à ancestralidade, que possuem influência direta na sua vida, nos seus costumes/estilo de vida e na questão da religiosidade (relação com o sagrado), compondo assim a sua etnia, e perpassando por fatores sociais e emocionais na composição da sua identidade étnica.

5.6 Etnicidades: embates e impasses entre os sujeitos

Buscaremos refletir neste subcapítulo sobre as entrevistas de história de vida de Safi (autodeclarada parda), Isabel (autodeclarada branca) e Dandara (autodeclarada negra), pensando sobre o papel do “sacerdócio” na medicina, através das considerações sobre as habilidades necessárias à formação profissional, tendo em vista o contexto das relações étnicas, mais especificamente as discussões sobre *etnicidade* e *marcadores étnicos*.

De acordo com Barth, “[...] a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores” (POUTIGNAT, FERNAT, 2011, p. 141). Atualmente, a etnicidade não se remete mais à característica de um grupo minoritário definido por traços culturais específicos, mas a uma “categoria geral” da vida social, permitindo, portanto, analisarmos os embates e impasses nas entrevistas dessas três estudantes do curso de medicina, tendo em vista que, mesmo com as diferentes abordagens de estudiosos sobre o que é etnicidade, uma vez que a mesma só pode ser pensada em contextos e relações diferenciadas, por isso ela é contextual, relacional e situacional, por isso, entende-se o seu caráter como parte de uma interação social entre os

diferentes sujeitos étnicos, ou seja, numa relação de “trocas”, sejam elas afetivas, emocionais, psíquicas e/ou culturais, ainda que existam “diferenças” e “singularidades”.

Os marcadores étnicos estão dentro da etnicidade, uma vez que a mesma refere-se a um conjunto de atributos ou de traços, tais como a língua, a religião, costumes, aproximando-se da noção de cultura.

Ao contrário dos marcadores étnicos que não são definitivos, temos os “*sinais diacríticos*”, que nada mais são que “sinais” ou “emblemas” - “Aquilo que traz consigo uma sentença moral associada à uma imagem, ou explica os seus sentidos” (Dicionário Online de Português) - utilizados pelos atores sociais para atenuarem as diferenças, já que, pertencer a uma “categoria étnica” significa obter determinada identidade e permitir-se julgar e ser julgado, pois as “diferenças” estão postas em nossa sociedade.

De acordo com Barth (2000), esses sinais diacríticos são:

- (i) sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade; trata-se frequentemente de características tais como vestimenta, língua, forma das casas ou estilo geral de vida; e (ii) orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas (BARTH, 2000, p. 32).

Podemos pensar, por exemplo, o estetoscópio (instrumento utilizado por médicos para escutar qualquer som vascular ou respiratório no corpo), ou também “o jaleco”, como sinais diacríticos do curso de medicina (apesar do jaleco ser utilizado por outros cursos de saúde também), mas não deixa de ser algo que “marca” e os diferencia, por exemplo, de estudantes de outros cursos, ou até mesmo de cursos de licenciatura, que não são vistos com o mesmo “prestígio”, ou seja, o estetoscópio e o jaleco enunciam, neste caso, características diacríticas para identificá-los enquanto estudantes de medicina (e futuros médicos/as). Vale ressaltar que esses seriam sinais diacríticos, que é diferente de marcadores étnicos.

No que se refere às vivências dos estudantes do curso de medicina da Uesb, tendo em vista os marcadores étnicos na construção da identidade dos mesmos, para pertencer a uma categoria étnica, de acordo com Barth (2000, p. 32), “[...] implica ser um certo tipo de pessoa e ter determinada identidade básica”, permitindo assim ser julgado e julgar-se, ou ser identificado por outros e identificar-se de acordo com “os padrões” relevantes para tal identidade (no caso de grupo étnico), ou de se identificar a partir da construção de si, da sua identidade étnica (sujeito).

A participante da pesquisa, que estamos chamando de Isabel, se autodeclara “branca” e possui em suas falas uma branquitude associada ao poder, uma vez que a branquitude representa a lógica do lucro e, em alguns casos, de um “sentimento” de superioridade frente ao “outro”. Ao se colocar numa posição de poder, Isabel não consegue estabelecer uma relação étnica de confiança e proximidade com outros grupos sociais e, portanto, étnicos. Isso poderá, futuramente, impactar fortemente na sua questão profissional, de como ela estabelecerá as relações com os pacientes que estão, por exemplo, em condições de vulnerabilidade.

Safi, que se autodeclara “parda”, e tendo a pele clara, apresenta em suas falas, que não possui um ideal de branquitude. Pelo contrário, os marcadores étnicos que traz da sua história de vida, apresenta marcadores da matriz negro africana. Podemos perceber isso através de costumes familiares e da relação de comunidade estabelecida com as avós e a religiosidade, sendo, portanto, o sagrado e reverência ao ancestral são marcadores étnicos de Safi. Sem contar que ela conta sobre pessoas e situações da sua família que são importantíssimas pra ela, e que mesmo os momentos difíceis, que exigiu certa responsabilidade dela, foram importantes.

Dandara se autodeclara “negra” e de fato mantém a sua identidade, demonstrando preocupar-se com o outro (pacientes) para além da saúde, quando diz em sala de aula que vai além da conscientização do paciente sobre a importância de praticar uma atividade física, pois nada adianta conscientizá-los disso, se o paciente não tem nem um tênis para praticá-la (considerações a partir das observações de campo).

Isso tem relação com um marcador étnico da sua história de vida, que é a valorização da comunidade, que reflete na sua forma de comportamento étnico, uma vez que o mesmo se dá através de uma herança simbólica construída e “atualizada” por um sentimento de pertença ao grupo de origem através da expressão de uma cultura, num contexto de luta e existência no mundo (OLIVEIRA, 2008), em que, Dandara e tantos outros buscam constantemente melhores condições de vida, Nas palavras de Oliveira (2008, p. 82): “[...] Pelo incômodo, pelo embaraço, que a visão do negro causa nos cenários ditos ‘desenvolvidos’ quando o mesmo requer à sua condição e possibilidade, seu espaço de participação no mundo globalizado”.

É uma reflexão bastante complexa dentro do contexto das relações étnicas, uma vez que cada umas delas possuem histórias de vida diferentes. Porém, estamos pensando em questões que perpassam as histórias de vida das mesmas, tendo em vista o contexto do curso de medicina, e os marcadores étnicos determinantes na relação étnica entre essas três estudantes entrevistadas, uma vez que, as “distinções étnicas”, de acordo com Barth (2000, p. 26), não

dependem da ausência de interação e aceitações sociais, elas se dão justamente através desse contato.

O curso de medicina é destinado à formação do médico para atender as demandas de saúde, visando a qualidade de vida dos pacientes, mas é preciso haver uma boa relação médico/paciente, médico/família, médico/comunidade, independente de classe social, gênero, etnia, raça, uma vez que esses estudantes atuarão em espaços de saúde nas comunidades, em hospitais, e precisarão, além de se formarem como médicos, se formarem também enquanto seres humanos, mesmo que após concluírem o curso optem por atuar numa clínica, e não em comunidades.

Mesmo observando a branquitude presente em Tambuzi, que é autodeclarado pardo, percebeu-se que, com a entrevista realizada com Safi e os demais estudantes autodeclarados pardos (em que foi possível analisar), que nem todo pardo compactuará com a branquitude. Mesmo que não se tenha consciência, pode-se ter uma história de vida com marcadores étnicos, que vai além do “ser negro”, mas de uma etnia africana (ou outras etnias também), que pode ter feito parte da sua ancestralidade em algum momento, e que influenciam fortemente na maneira como essas pessoas relacionam-se entre si e com o próximo.

Porém, quando trata-se de valorizar as etnias africanas (negras), as pessoas em sua maioria não dão a devida importância, exceto quando se tem uma etnia italiana, alemã, européia. Acreditamos que esse não reconhecimento e desvalorização da etnicidade de origem africana corresponda a uma atuação da branquitude na sociedade, que reflete nos indivíduos de maneira mais prevalente.

Independente de cor, os marcadores étnicos na história de vida de Safi (como o respeito à comunidade, a relação com o sagrado) foram importantíssimos para compreendermos melhor as suas vivências no contanto consigo e com o “outro”.

Podemos considerar que Safi e Dandara possuem uma história de vida mais “próxima”, pois possuem alguns marcadores étnicos iguais, e que Isabel se “afasta” mais, uma vez que se aproxima dos ideais da branquitude. Tanto Safi quanto Dandara falam sobre a sua ancestralidade, sobre sua família, como algo muito importante para elas, já Princesa Isabel está mais preocupada em falar de si, demonstrando maior interesse no que se refere ao lucro, e conseqüentemente, a representação da branquitude. Além disso, ela se afasta do verdadeiro significado de família, pois tem um irmão por parte de pai, que segundo ela, vem trazendo muitos problemas, e isso faz com que ela não tenha uma relação de proximidade com esse irmão. No fragmento abaixo a relação dela com a família:

Aí tem um conflito na família, porque meu pai tem um filho fora... assim, antes do casamento, antes dele casar ele já tinha um filho, e aí esse filho ele culpa minha mãe, porque ele acha que ela que afastou ele do meu pai. Só que é um problema... porque assim, ele acha que ele deveria ter sido criado junto com a gente, e minha mãe nunca aceitou ele. Ela já casou sabendo que não ia criar ele, entendeu?! Porque ela não aceitava, e aí ele acabou sendo criado com a avó, com o avô. Ele vai lá em casa, conversa com meu pai, já tem até um filho... só que o problema é que ele acha que ele tem posse das coisas, dos imóveis da minha mãe, e aí gera um conflito, entendeu?! Porque tipo assim, tá no nome de meu pai, então ele tem direito. Aí a gente tá passando por alguns problemas. Inclusive ele faz um curso, ele faz Direito, porque ele falou que ele tem direito... ele é policial. Aí, inclusive, meu pai já tinha cedido um terreno à ele... meu pai cedeu um terreno a ele, ele construiu a casa, casou, teve esse filho, brigou com a mulher, separou e deixou o terreno pra mulher, tipo assim... aí ele acha que ele tem direito a mais coisas, só que ele nunca trabalhou pra família, nunca investiu na loja... aí a gente tá procurando algum meio de entrar em um consenso, mas ele é muito... e aí isso vai ser um grande problema pra gente no futuro, eu tenho certeza disso... porque ele falou que ia até a morte, procurar os direitos dele (Isabel, 23 anos, autodeclarada branca).

Isabel parece estar mais preocupada em perder “o capital” financeiro da família, do que com o amor fraterno, e ele tem direitos também perante a lei, mas para ela não existe porque ela demonstra não considera que ele seja tão irmão quanto ela.

Com relação a Safi, mesmo que ela não possua um fenótipo negro, e seja considerada “branca” em alguns estratos sociais, devido a cor da sua pele, e aos olhos mais claros que tem, ela demonstrou ter uma origem negro africana.

Dandara tem isso mais fortemente enraizado, pois o fato de ser negra, automaticamente já lhe possibilita refletir sobre a questão étnica. Dandara traz elementos importantíssimos sobre como foi a sua infância, da relação com os primos, sobre andar de bicicleta, que são relações que se mantêm até hoje e que se referem a um(a) pertencimento/origem negro(a):

Deixa eu ver o que mais... ah, primo... primo é o que eu tenho mais contato. Eu tenho dois primos, desde criança. Um se formou agora em Engenharia Civil e o outro faz fisioterapia, ainda não se formou. A gente tem uma ótima relação assim, tenho contato com os dois, apesar dos dois brigarem assim, um pouco (risos). A gente se diverte muito. A gente vai pra praia, pedala de bicicleta. As vezes um fica me mandando mensagem, e aí suas amigas de medicina? Me passa o contato delas, e tal... (risos). Aí é sempre assim né... Prima, eu tive uma prima que tipo assim, foi a que eu mais brincava na infância, e eu tive mais contato. Agora ela mora em São Paulo, ela trabalha lá. Ela foi junto com o namorado dela né, ela se formou e foi lá trabalhar, já tem 1 ano e meio que a gente não se encontra. A gente até tentou se encontrar nas férias, mas não deu. Tipo assim, acho que quando juntar todos os primos e conversar assim... porque eu tenho muito primo né, a gente brincava muito, a gente perturbava, a gente era, meu deus velho, a gente fazia muita coisa errada, sério (risos), era muito bom. E você ver

como o tempo passa, como cada um vai para seus lugares (Dandara, 22 anos, autodeclarada negra).

Nota-se, portanto, que há embates e impasses entre essas três estudantes, ou seja, marcadores étnicos que as diferenciam e as aproximam. Esses são elementos de fronteira, que conseqüentemente, cria e/ou define a identidade étnica de cada uma a partir do que elas vivenciam e das suas histórias de pertencimentos. No trecho acima da fala de Dandara fica evidente o marcador étnico da vida social coletiva, ou seja, a vida comunitária, pois ela fala sobre a relação com primos e primas, que já são considerados a “extensão” da família.

Nota-se, portanto, que Safi e Dandara apontaram marcadores étnicos que demonstram estarem no mesmo grupo étnico (negro). Para ambas, a família extensa é importantíssima e elas trazem diversas situações de suas vidas sobre a relação com a mãe, as tias(os), avós, primos(as), que são marcadores étnicos do grupo étnico negro, da questão do cuidado, da forte relação apesar da distância, das brincadeiras com os primos na infância, de como elas encararam a ida delas para Jequié, pois estariam longe da família, enquanto Isabel se preocupava em passar em uma universidade federal.

Já Isabel tem um “contraste” em meio a Safi e Dandara, pois ela apresenta elementos que remetem a branquitude, ficando evidente com a sua história de vida o quanto esse ideal de branquitude está intrínseco, perpetuando-se através de elementos como o poder, sendo o mesmo um definidor de fronteira entre ela e Safi e Dandara. Além disso, ela não demonstra se importar muito com certos valores relacionados à família, apesar de entender que, em algum momento, ela trás elementos simbólicos de pertencimento étnico negro, porém, a branquitude associada ao poder, fala mais alto que esse pertencimento que ela carrega.

5.7 As etnicidades dos sujeitos étnicos em diálogo com a branquitude do curso de medicina a partir de suas interações sociais

D. Pedro I, Pedro Álvares Cabral e Isabel, três estudantes que se autodeclararam “brancos”. Todos três, de alguma forma, trouxeram em suas falas elementos importantes para pensar a branquitude nas relações étnicas, pois algumas coisas da história de vida desses estudantes, sobre o aspecto da branquitude, se cruzam em situações diferentes. Isso nos permite fazer uma reflexão relacionando estas histórias em algumas circunstâncias.

Contudo, ao apresentar e analisar os elementos que foram trazidos por esses estudantes brancos optou-se por abordá-las juntas, não significando que, os estudantes autodeclarados negros também não tenham apresentado tais elementos para pensar a branquitude nas relações étnicas, pelo contrário, pois são eles que abordam mais claramente tais aspectos, porém, neste momento, estamos nos atentando para os aspectos da branquitude dos estudantes autodeclarados brancos.

Na história de vida de D. Pedro I e Isabel, por exemplo, existe algo em comum: as relações de “*compadrio*”, que nada mais é que a existência de uma relação de amizade, que pode favorecer determinada pessoa em detrimento de outras (Dicionário Online de Português⁶), ou seja, pode ser considerada como estratégia para fortalecer laços na vida social, através de possibilidades de privilégios materiais e simbólicos. E isso pode ser percebido na vida de D. Pedro I quando ele diz que mora num prédio em que a maioria dos estudantes é de medicina, e que o dono deste prédio (que ele fez amizade), e que tem muita amizade com o prefeito de uma cidade próxima, e com médicos, diz que assim que ele formar conseguirá um emprego para ele, já que é uma pessoa muito influente:

D. Pedro I: Enfim, a minha intenção é concluir a faculdade. Eu penso em ficar um tempo trabalhando aqui por Jequié... porque tem alguns amigos... o dono do prédio onde eu moro, ele brinca comigo as vezes assim, dizendo que vai arrumar um emprego pra gente ai... pra galera que mora no prédio. Tem eu, duas colegas minhas e tem mais um rapaz que mora comigo, que faz Medicina também. E aí ele fala que a gente vai se formar e que ele vai arranjar emprego pra gente na região. E eu acredito nisso.

Eu: Mas por que ele fala isso?

D. Pedro I: É porque ele tem muita amizade com o prefeito assim... ele é um pouco influente eu acho... na cidade... tem muita amizade com médico... ele tem, inclusive um professor meu que é médico e que hoje é prefeito de Itagi, eu acho... que é Olival, ele tem muita amizade e tal... ele brinca assim, mas eu boto uma fé na brincadeira dele, porque ele tem muita influencia assim, eu acho... E aí eu penso em ficar um tempo aqui, na região... trabalhando e depois fazer residência (D. Pedro I, 25 anos, autodeclarado branco).

No caso de Isabel, ela afirma que em sua cidade, todos os médicos são prefeitos, e que o seu irmão pensa em atuar nessa parte política e um dia se candidatar, mas enquanto isso ele diz que está ganhando popularidade:

[...] meu irmão quer ser prefeito (risos). Lá em minha cidade todos os médicos são prefeitos. Dizendo ele que está ganhando popularidade, que está visando novos horizontes... (risos). Eu falei não, eu odeio política, não

⁶ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/compadrio/>>

quero me envolver com política, eu não sou uma pessoa política (Isabel, 23 anos, autodeclarada branca).

Podemos considerar que as *relações de compadrio* do corporativismo médico possibilitam que esse desejo de tornar-se político se realize, pois como ela mesma diz: “*todos os políticos da cidade são médicos*”, ou seja, fazendo parte desse grupo (médicos) ele provavelmente conseguirá se candidatar e ganhar a confiança do povo com mais facilidade. Sem contar que somente o fato dele ser branco e médico já lhe garantem um “status social” elevado, uma vez que “*ser branco*”, ao contrário do que se pensa, não está pautado única e exclusivamente na cor da pele, na corporeidade. De acordo com Cardoso (2014), ser branco vai além do fenótipo:

Ser branco significa mais do que ocupar os espaços de poder. Significa a própria geografia existencial do poder. O branco é aquele que se coloca como o mais inteligente, o único humano ou mais humano. Para mais, significa obter vantagens econômicas, jurídicas, e se apropriar de territórios dos Outros (CARDOSO, 2014, p. 17).

Cardoso (2010, p. 611) afirma ainda que a branquitude, através dos privilégios materiais e simbólicos que possuem, colabora para a construção social e reprodução do preconceito racial e racismo.

Vivemos em uma sociedade de classes, estruturada por hierarquias raciais, que utilizou da ideia de “raça” para diferenciar e segregar uns em relação a outros, estabelecendo hierarquias sociais correspondentes, impondo um padrão de dominação, significando, segundo Quijano (2005, p. 107), “[...] uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados”. Atualmente, sabemos que ainda existe um “ideal” de superioridade branca que se perpetua em nossa sociedade, que se mantém através da segregação social e racial da população negra, num país em que pairava o discurso de Democracia Racial. De acordo com Oliveira (2013):

O mito da igualdade racial proporciona benefícios à população branca e prejuízos materiais e simbólicos à população negra. Após o 13 de maio de 1888, os documentos oficiais que tornaram brancos e negros iguais perante a lei resumem-se apenas a um esforço jurídico que não se efetiva no cotidiano social. O acúmulo de desigualdades é de âmbito social e racial, sobretudo este último, que é invisível, mascarado e omitido da agenda governamental do trato sobre políticas públicas e sociais (OLIVEIRA, 2013, p. 48).

Ou seja, o simples fato de alguém ser “branco” o coloca em condições de ocupar posições “dominantes” na sociedade, facilitando o acesso ao poder econômico e social, enquanto o fato de ser negro torna-se um obstáculo para ocupar lugares de prestígio social, mesmo quando a condição formal do sujeito é elevada.

Não podemos afirmar que os casos de “relações de compadrio” mencionados acima tenham ligação direta com a branquitude, mas podemos levantar hipóteses, por exemplo: O fato de D. Pedro I ser branco teria influência em sua “facilidade” para conseguir emprego através dessas relações de compadrio? Uma vez que, enquanto branco, que faz medicina, ele consegue ocupar posições de privilégio e poder na sociedade, assim como o irmão da Princesa Isabel.

Portanto, talvez seja mais conveniente para um indivíduo de pele clara se declarar branco do que negro; ou de um negro de fenótipo branco se declarar pardo, até mesmo por conta de fatores sociais que possibilitam a afirmação ou negação de uma identidade.

Souza (1983) discute justamente o fato de “ser negro” numa sociedade branca, tendo em vista a questão do extremo empenho da pessoa negra na conquista por uma ascensão social.

Em um dos textos do “dossiê temático” da ABPN (2017-2018), Rauter (2017-2018) ao abordar sobre a imigração alemã para o Brasil no século XIX, e a “vantagem” simbólica da branquitude como via de escape para os alemães, discute inicialmente sobre o fato de que as cotas nas universidades brasileiras “reacendeu” as discussões sobre o que até então buscava-se silenciar, que é justamente o privilégio da branquitude e a manutenção dos mesmos. Porém, Rauter (2017-2018) aborda algo importante para refletirmos aqui, já que estamos falando também sobre o contexto da universidade e o curso de medicina, que é considerado “elitizado”:

Não podemos negar que a universidade brasileira, especialmente as melhores universidades incluindo as universidades públicas são brancas, ou reservadas para aqueles que assim são considerados, já que esse critério no Brasil é sempre mais elástico que em outros países. Muitos brasileiros se consideram brancos e descobrem, ao visitar ou morar nos Estados Unidos ou na Europa, que lá são vistos como negros, árabes, latinos...

O fato de a universidade pública ser branca, mesmo que reconhecido por muitos, não é algo que tenha merecido até a adoção das cotas, muita discussão. É como se nada tivesse a ver com práticas que ali se desenvolvem diariamente. Com frequência, a predominância branca na universidade é vista como uma herança indesejável de um tempo remoto, o da escravidão, com o qual a nova geração de alunos e professores nada tem a ver. Já foi dito que no Brasil, quase todos consideram que há racismo, mas ninguém se considera racista e isso parece ocorrer também na Universidade (RAUTER, 2017-2018, p. 68-69).

É perceptível, portanto, que mesmo com a implementação das cotas raciais nas universidades públicas, a presença de estudantes negros, indígenas e quilombolas, ainda são “minorias”, se comparado à presença de estudantes brancos, além de comporem cursos de menor concorrência como as licenciaturas, por exemplo. E esses são dados disponibilizados também pelo IBGE (2012), indicando que a frequência de jovens estudantes (de 18 a 24 anos) pretos e pardos nas universidades triplicou em dez anos, crescendo de 10,2%, em 2001, para 35,8%, em 2011, porém, com um percentual muito inferior à apresentada pelos jovens brancos, que passou de 39,6%, em 2001, para 65,7% em 2011 (IBGE, 2012).

Conversando com Inaiê (autodeclarado indígena) após desligar o gravador, ele me conta que sabe quem é cotista ou não na turma, e dá um exemplo: *“Acredito que uma das meninas da nossa turma não quis participar da pesquisa porque ela entrou por cotas para quilombola, mas estava sendo investigada sobre a possibilidade de haver mentido sobre a sua identidade, e isso poderia comprometê-la. Acho que de fato ela não é quilombola, mas a universidade está investigando o caso, se não me engano”*.

Este fato também leva a outro, que também se deu após desligar o gravador, numa conversa com Pedro Álvares Cabral (21 anos, autodeclarado branco), que disse assim: *“a maioria se autodeclara pardo, porém, se você for ver, a grande maioria deles são cotistas raciais”*. E como é que a maioria deles diz se declararem pardos por não serem tão negros e nem tão brancos, e que não sabiam que pardo é considerado para o IBGE (2010) é negro? Isso é algo para se pensar.

Quanto à questão das pessoas afirmarem que existe racismo, mas não se considerarem racistas, temos o exemplo de uma das nossas entrevistadas (Princesa Isabel, 23 anos, autodeclarada branca), que fala sobre a sua família ser racista (mas não se inclui), e ao mesmo tempo ela não questiona essa atitude, e fala do racismo de si em terceira pessoa.

[...] sinceramente, minha família ela é um pouco racista, então a gente foi criado na questão de branco... porque meu pai tem uma visão muito racista por causa da polícia, porque as pessoas que eles prendem, as pessoas que criam problemas, as que têm vício de droga, violência, relação com o estupro... todas, a grande maioria, são negras, então ele tem isso muito enraizado na cabeça dele sabe?! A gente tenta tirar, mas as vezes aí ele faz um comentário maldoso: “Ah, enfim é negro... enfim é isso... enfim é isso...” Só que eu não sou muito favorável, eu condeno qualquer tipo de racismo, mas as vezes, sem querer a gente acaba cometendo algum tipo de racismo, e com relação a isso eu sou bem sincera... as vezes a gente julga uma pessoa que ta na rua porque ela é negra, ou porque ela não ta se vestindo bem. Ou então você julga uma pessoa menos intelectual, sua capacidade cognitiva menor, por causa da sua condição racial, infelizmente... mas eu tento não...

eu tento me controlar e fazer com que meus pais pensem que isso é diferente (Isabel, 23 anos, autodeclarada branca).

Essa parte da fala da Isabel, de que “[...] *as pessoas que eles prendem, as pessoas que criam problemas, as que têm vício de droga, violência, relação com o estupro... todas, a grande maioria, são negras*”, não é algo dito por seu pai, ela é quem afirma isso (mas como se não fosse ela), e isso não é algo que somente Isabel vivencia, mas que foi sendo construído socialmente, no “imaginário” das pessoas, pois ela se diz contra o racismo, mas acaba reproduzindo-o e não se dá conta.

Por isso a necessidade de refletirmos sobre questões étnicas que não envolvem somente o sujeito individual, mas o grupo coletivo.

Oliveira (2016) discute algo que é importante pensarmos, e nos faz refletir sobre o comportamento humano diante de questões como o preconceito e discriminação, uma vez que, segundo a autora:

O inconsciente e a cultura compõem a razão humana (psiquismo), [...] e que tais registros farão parte importante da vida objetiva dos sujeitos humanos em toda a sua vivência e na transmissão cultural destas formas de conduta e ‘pensamento’ as futuras gerações (OLIVEIRA, 2016, p. 31).

Portanto, é essencial percebermos que a cultura é algo que conduz o ser humano em suas ações, a partir do que lhe é “transmitido”, e do que ele vivencia durante toda a sua vida (código de valores dos pais e da sociedade), sendo assim, podemos pensar o preconceito como algo construído historicamente e que acompanha as diversas gerações desde os tempos da escravização, trazendo consequências para a sociedade de um modo geral, e para a manutenção de privilégios.

Toda essa discussão gira em torno da necessidade de refletirmos sobre a branquitude nas relações étnicas, que não abarca somente a raça. Esta é uma categoria que está dentro das relações étnicas. Tendo em vista que nesta proposta de investigação, entendemos que as relações étnicas são complexas. Barth (2000) problematiza a mesma através de uma discussão sobre “grupos étnicos e suas fronteiras”, que se dão através das “diferenças” (não somente culturais), e também da interação e interdependência dos grupos. As fronteiras que definem e delimitam cada um, apesar de haver essa interação entre os mesmos, pois sem ela, não haveria relações étnicas e os sujeitos não conseguiram se identificar como igual ou diferente do “outro”, contribuindo para a (des)construção da identidade étnica do sujeito:

[...] torna-se claro que as fronteiras étnicas permanecem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções entre categorias étnicas não dependem da ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, através dos quais, **apesar** das mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, estas distinções são mantidas. Em segundo lugar, há relações sociais estáveis, persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados. Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos. A interação dentro desses sistemas não leva à sua destruição pela mudança e pela aculturação: as diferenças culturais podem persistir apesar do contato interétnico e da interdependência entre etnias (BARTH, 2000, p. 26).

Partindo disso, podemos pensar essas “fronteiras étnicas” dentro do curso de medicina, entre os estudantes brancos e os estudantes negros, uma vez que, os brancos (a branquitude), mesmo negando o racismo e se dizendo contra ele (conceitualmente), acabam afastando-se do grupo étnico negro que para eles não são dignos de confiança, mesmo que saibam que isso não é correto, mostrando, portanto, uma relação étnica de grande impacto, pois há uma dificuldade em relacionar-se com pessoas negras, pois há neles o preconceito, mesmo quando querem se relacionar. Portanto, essa seria uma relação étnica de afastamento, com base em percepções de inferioridade, racialidade, através do que vem sendo construído no psiquismo e sociabilidades humanas (OLIVEIRA, 2018).

É mais fácil para as pessoas afirmarem que não são racistas do que reconhecer que são, e buscarem “desaprender” o racismo, como aborda Cardoso (2014) através do que um dos seus entrevistados diz sobre o filme “*The color of fear*” (*A cor do medo*), em que o personagem (branco e racista) assume que cometeu um erro e, a partir disso, busca desaprender o racismo, trazendo a consequência de perder os seus amigos mais íntimos, ou seja, ele foi “excluído” do grupo ao qual pertencia (CARDOSO, 2014, p. 95). E isso não é fácil, principalmente para os brancos, que são considerados “a norma”, “o padrão” e, tudo se torna mais fácil para quem pertence a esse grupo.

Lourenço Cardoso aborda justamente sobre o que denominou de “*branquitude crítica*” e “*branquitude acrítica*”. A branquitude crítica seria o indivíduo ou grupo de brancos que desaprovam “publicamente” o racismo, e a branquitude acrítica seriam aqueles brancos (individual ou coletivamente) que argumentam a favor da superioridade racial (CARDOSO, 2014, p. 90). No caso de Isabel, e também dos nossos sujeitos de pesquisa, nenhum deles mostraram-se como parte do que Cardoso (2014) considera como branquitude acrítica (que

segundo ele deve ser mais estudada), já que é a branquitude crítica que desaprova o racismo publicamente, mas que também “silencia”, vivendo sob o princípio da igualdade, sendo aquele que, segundo Cardoso (2014, p. 92), “Ama, convive, ‘tolera’, ‘suporta’, convive hipocritamente com o Outro”.

Apesar de Isabel reproduzir esse racismo, ela consegue ver “o outro”, consegue ver a si mesma, fazendo uma crítica da realidade, e ao mesmo tempo, ela se inscreve nessa realidade:

[...] se eu tô aqui, eu acho que a faculdade é pior... que as pessoas tão sempre melhor do que eu... por exemplo, a escola era particular, mas era uma cooperativa, então meu pai pagava tipo R\$200,00, era bem baratinho, porque era reunião de pais que montaram uma escola, elegeram um diretor, e não era a melhor escola da cidade. A melhor escola era a que meu namorado estudava, e a mensalidade era super alta, então eu sempre achava que eles estavam melhores, que eles tinham professores melhores, que eles iam passar no vestibular e eu não ia... e eu sempre tinha essa negatividade, só que isso me fazia estudar, pra mudar isso, entendeu?! E eu acho que quando a gente compara, hoje, por exemplo, um colega meu que veio de uma escola particular de Salvador, que passou de primeira no vestibular, com a maioria das pessoas que têm na sala, que vieram do interior, que estudaram em escola pública, ou particular que não eram tão boas (como algumas colegas minhas), eu considero que eu venci na vida (risos), porque a minha escola não era tão boa, embora fosse particular... e eu tentava mudar a escola, e isso é bem presente em mim... eu tentava mudar a diretoria, os professores... tentava melhorar as coisas... eu acho que por onde a gente passar, a gente tem que fazer isso: tentar deixar um rastro de mudança, ou de querer mudar alguma coisa (Isabel, 23 anos, autodeclarada branca).

Nota-se com essa fala que Isabel tem a noção de que não é uma pessoa rica e poderosa como se dizia e que ela também está vinculada a uma classe social que não é “privilegiada”, porque fala do pai que pagava uma escola particular, só que era uma mais barata, e que achava que não ia passar no vestibular.

Porém, ela associa a “negatividade” ao fato de não estar numa posição totalmente superior, como se o fato de seus pais não terem condição de pagar uma escola melhor (como a do namorado, por exemplo), a afastasse do seu grupo, e conseqüentemente de usufruir dos privilégios da branquitude, que é justamente sentir-se “superior” em relação aos não brancos, devido a uma falsa “crença” na superioridade racial branca, uma vez que “ser branco” é obter “vantagens/privilégios” simbólicos e materiais, e para Isabel, o fato de não estar no contexto social branco (neste caso, numa escola particular melhor que a sua), a afasta de seu grupo, fazendo com que ela se sinta “inferior”.

É como se essa negatividade estivesse atrelada a outro grupo, e não ao dela, portanto, haveria uma necessidade de negar o valor da presença negra na sociedade e de afirmar a condição do “ser branco” dentro de um “signo de poder”.

Isabel se afasta de qualquer grupo social desvalorizado, independente de ser negro ou não, mas quer ser médica. Será que ela tem mesmo o dom para a medicina? Porque ser médico vai além de técnicas para atender os pacientes.

Ela é uma pessoa que, mesmo sendo branca, não está completamente fora das discussões sobre “a diferença”, sobre relacionamentos de alteridade, e apesar de não demonstrar estabelecer relação com a população negra, consegue compreender que existem diferenças, e entende que as mesmas precisam ser superadas: no sentido de igualdade, de luta, de se protagonizar e conquistar os seus espaços.

Com relação à formação/profissionalização, D. Pedro I (autodeclarado branco) disse que futuramente quer se especializar em cirurgia plástica, e essa é uma área da medicina que, em sua grande maioria, é procurada por um público de classe média e alta (exceto talvez, em casos de saúde).

A partir das entrevistas e observações, percebeu-se que as áreas voltadas para a atenção básica de saúde não são opção desses estudantes (ou pelo menos da maioria), já que é uma área que não é bem remunerada e de pouca possibilidade de financeira. A maioria pensa em se especializar em algo após a conclusão do curso e fazer residência. A partir disso nos questionamos sobre como estão sendo formados esses estudantes com relação à saúde das “minorias”, por exemplo, e de como eles atuarão enquanto médicos, ou se irão reproduzir a branquitude nesses espaços, já que estão num curso considerado “branco”.

Nota-se, portanto, que a branquitude é prejudicial às relações étnicas e formas de tratamento com os usuários/pacientes, uma vez que esses estudantes não têm uma relação de proximidade com os grupos populacionais, pois não possuem identidade com esses grupos, então se afastam e acabam por não valorizar a importância dessas áreas voltadas a comunidades mais carentes e periféricas. O contato que eles têm com esse público é através de uma disciplina, em que vão para postos de saúde e fazem atendimentos aos usuários do SUS, mas a ansiedade deles mesmo é de ir para o internato, ou seja, para o hospital.

Em uma das observações participantes que realizei nas aulas da disciplina de “Assistência à saúde da comunidade”, eles apresentam em grupos o que foi trabalhado com a comunidade e abordam a saúde do homem e da mulher, mas não abordam, por exemplo, a saúde de travestis e transexuais.

O professor ainda problematiza e pergunta a eles o que acharam dessa experiência, e o que levarão para a vida e para a sua formação. Uma das estudantes, que também participou da entrevista (Dandara, autodeclarada negra) fala sobre as adversidades que ela encontra ou poderá encontrar no caminho, uma vez que ela se sente impotente diante de algumas situações, e dá um exemplo: a importância de conscientizar o paciente de fazer atividade física, mas o paciente não tem um tênis para praticá-la. E outra aluna diz que só de conseguir conscientizar já é um grande passo.

Percebo a preocupação de Dandara diante das demandas sociais, diante de um sentimento de “impotência”, como ela mesma diz em um momento na sala de aula: “*Como vamos conscientizar uma pessoa sobre a importância para a saúde de fazer uma atividade física, se o paciente não tem nem ao menos um tênis para usar?*” (observação de campo). Ela consegue perceber o outro, e se preocupa com questões que vão além da saúde das pessoas da comunidade, enquanto outros se sentem satisfeitos apenas em conscientizar a prevenção de determinadas doenças. Por que Dandara demonstra essa preocupação?

Diante do contexto ao qual estamos buscando analisar (a branquitude no curso de medicina), devemos pensar que o negro, em comparação com o branco, se vê na “obrigação” de ser “o melhor”, de fazer o melhor, para poder ser “aceito” socialmente.

Dandara tem uma fala muito importante que nos mostra justamente isso, só que em uma situação específica, na questão de se relacionar com outras pessoas, e de como é ser negra, por exemplo, num curso de medicina e em um ambiente branco.

A minha turma em si é muito boa... assim, a gente tem uma relação muito boa assim... tem conflitos, que tem em qualquer turma... vários tipos de conflitos né, mas é uma turma que incentiva você a estudar mais. [...]
Assim... eu tenho boas relações com os meus colegas, não tenho muito o que dizer não... claro que tem conflitos as vezes, mas é questão de momento, de dificuldade. Às vezes a gente tá numa semana de estresse... por questão de medo também, acho que o medo tá sempre do lado, mas acho que o medo tá do lado mas ao mesmo tempo ele tá ajudando assim, sabe? É uma mistura de sentimentos que é importante pra gente, que tá fazendo curso de saúde, pra adquirir mais experiência de vida, pra se adaptar mesmo... (Dandara, 22 anos, autodeclarada negra).

O que Dandara estaria querendo dizer com o trecho: “*vários tipos de conflitos né, mas é uma turma que incentiva você a estudar mais*”? Parece ser o “encobrimento” de alguma coisa, como se não quisesse falar mal desse grupo (estudantes de medicina), ao qual ela está pertencendo, que é um grupo pertencente à “elite”, porque todos vão ser médicos e, ao mesmo tempo ela já rompeu com uma barreira – cursar a medicina –, então passa a pertencer a esse

grupo de pessoas privilegiadas, e talvez não pode se contrapor a este grupo totalmente, afirmando assim, que a relação da sua turma é boa, apesar dos conflitos, mas dá ênfase e reafirma: “*vários tipos de conflitos*”. Cabe problematizar e refletir sobre o papel das relações étnicas no contexto da sociedade brasileira.

E quando diz que é uma turma que incentiva “você” a estudar mais, porque Dandara tem que estudar mais? Para ser respeitada pelas pessoas? Para ser mais igual? Mais igual a quem? Qual seria “o segredo” por trás desta fala? Neusa Santos Souza (1983) discute justamente o “ser-se” negro numa sociedade branca, ou seja, uma sociedade em que os brancos são os que “dominam” com as suas ideologias de poder.

Ela também diz que fez uma grande amizade no curso, com Zumbi dos Palmares, que também é negro (autodeclaração), e que ela considera como um irmão. Cabe-nos pensar neste contexto se as relações étnicas estariam para a relação com o mesmo grupo étnico e racial, e ao mesmo tempo se haveria certo “receio” do grupo étnico “distinto”, e o que pode influenciar nessas relações, como critério de aproximação e amizade, por exemplo, uma vez que de acordo com Poutignat e Streiff-Fernat (2011, p. 123), “as teorias da etnicidade acentuam o fato de que o ‘Nós’ constrói-se em oposição ao ‘Eles’, contudo, não é possível haver etnicidade no isolamento: “[...] é a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas” (POUTIGNA; STREIFF-FERNAT, 2011, p. 124), ou seja, é através dessas interações com “o outro” que afirmamos (ou negamos) a nossa identidade.

Oliveira (2016) ao discutir sobre saúde mental da população negra e indígena a partir da infância, e do psiquismo, pensando no contexto histórico da escravização do africano e nas “marcas” desse acontecimento para a humanidade num contexto atual, afirma que:

A memória pública da escravidão é registro importante nas sociedades humanas. A escravidão do africano trouxe para a história da civilização no mundo as formas mais cruéis e violentas de tratamento à vida humana. E estas atrocidades estão impressas no psiquismo não só dos negros, mas de toda a humanidade (OLIVEIRA, 2016, p. 35-36).

Ou seja, ainda hoje vivenciamos na sociedade as consequências do período histórico da escravização africana, que perpassa a construção da identidade negra, e que, como discute Souza (1983), o negro em ascensão social paga um alto preço, porque a sociedade branca e racista rejeita a sua identidade negra e o encaminha para um ideal de ego branco, porém, este não é o caso de Dandara.

Diante do contexto ao qual estamos buscando analisar (a branquitude no curso de medicina), devemos pensar que o negro, em comparação com o branco, se vê na “obrigação” de ser “o melhor”, de fazer o melhor, para poder ser aceito socialmente. Isto remete a algo do qual diz Dandara:

Assim... eu to no 4º ano agora né, eu aprendi muita coisa durante o curso. Acho que também pela necessidade né, de lidar com a saúde de uma pessoa... recair sobre você, que depois que você se formar, você vai ter uma responsabilidade, porque agora você tem um preceptor, você tem um tutor, então você tá “protegido” né, entre aspas, mas eu sempre penso assim, eu sempre tenho que melhorar mais, eu nunca acho que eu to 100%, por exemplo, eu estudei um assunto, mas mesmo assim eu acho que eu não sei aquele assunto totalmente, e eu sempre tento manter que eu preciso melhorar, e que depois que eu me formar eu vou precisar mais ainda melhorar (Dandara, 22 anos, autodeclarada negra).

Além disso, existe a questão do “medo”, que segundo Dandara, está sempre presente, ou seja, esse “medo” do qual ela se refere está relacionado também com o grau de dificuldade para o estabelecimento de relações étnicas “emancipatórias”, no sentido de uma igualdade plena entre os sujeitos.

Assim... eu tenho boas relações com os meus colegas, não tenho muito o que dizer não... claro que tem conflitos as vezes, mas é questão de momento, de dificuldade, as vezes a gente tá numa semana de estresse... por questão de medo também, acho que o medo sempre tá do lado, mas acho que o medo tá do lado mas ao mesmo tempo ele tá ajudando assim, sabe? É uma mistura de sentimentos que é importante pra gente, que tá fazendo curso de saúde, pra adquirir mais experiência de vida, pra se adaptar mesmo... até mesmo assim, por exemplo, um dia você tá mal porque você errou alguma coisa, ou você queria que fosse de um jeito... (Dandara, 22 anos, autodeclarada negra).

É como se Dandara tivesse sempre com “um pé atrás”, uma insegurança, frente aos outros(as) grupos/pessoas, passando a ter uma relação de “irmandade”/ “comunidade” (que é diferente da relação de *compadrio* mencionada anteriormente) com Antônio, que também se autodeclara negro, se sentindo mais segura tendo essa amizade com alguém do seu grupo étnico e racial. Essa relação comunitária, como diz Oliveira (2017), compõe “O legado da ‘vida africana’, o sentido comunitário no aspecto da epistemologia africana” (OLIVEIRA, 2017, p. 31).

Cabe a nós pensarmos também sobre o enfrentamento de vida que o negro passa para se auto-afirmar e, de que forma essas relações comprometem a qualidade da saúde mental dos mesmos, uma vez que, segundo Oliveira (2017):

A negação do tratamento de igualdade humana que as sociedades mundiais e o Brasil destinaram às populações negras é responsável pelos inúmeros crimes e barbáries que trouxeram para as pessoas de ascendência negra africana o sentimento de humilhação, inferioridade, desvalor e desqualificação social (OLIVEIRA, 2017, p. 33).

Por trás dessa desvalorização e humilhação das pessoas negras, existe o privilégio da brancura, que se sustenta através das hierarquias raciais, e de privilégios simbólicos e materiais da branquitude. Neste sentido, as relações étnicas ficam comprometidas, tendo em vista que esse ideal de branquitude se fortalece nas relações de poder, e de não reconhecimento de uma identidade que perpassa uma etnicidade negra.

Nesta pesquisa, a matriz negra africana é representada por Dandara, na sua relação com a mãe:

[...] minha mãe assim... eu me espelho na mulher que eu quero ser, que é a minha mãe. Ela me ensinou várias coisas assim, várias coisas... como lidar com a ansiedade, como lidar com o ser humano [...]. Ela sempre me orienta assim... se ta precisando de alguma coisa, tá passando por alguma dificuldade [...] (Dandara, 22 anos, autodeclarada negra).

Em se tratando dessa relação com a mãe, e do valor que a mesma tem, conforme os escritos de Oliveira (2013), à relação com a mãe, seria o que chamou de *sagrado materno*. Nas palavras de Bâ (2013), na África: “[...] a mãe é considerada a oficina divina onde o criador trabalha diretamente, sem intermediário, para formar e levar à maturidade uma nova vida. É por isso que, na África, a mãe é respeitada quase como uma divindade” (BÂ, 2013, p. 47), merecedora de todo respeito e reverência (OLIVEIRA, 2017) e, é esse respeito que há na relação de Dandara para com a sua mãe.

Oliveira (2008) aborda essa relação da mãe com o filho desde o ventre, e através de uma transmissão psíquica. Dandara apresentou uma relação única com a mãe negra, pois a mesma lhe transmite coragem para enfrentar as suas dificuldades, como ela mesma diz: “*Ela sempre me orienta assim... se ta precisando de alguma coisa, tá passando por alguma dificuldade [...]*”.

Portanto, como nos diz Oliveira (2008):

Afinal, não são mesmo as mulheres negras as portadoras do grande mito da maternidade, capazes de dedicar amor incondicional aos filhos, sendo as personalidades presentes no imaginário constitutivo de muitos como a calorosa e afetiva mãe preta? [...] capazes de gerar e criar filhos com a competência e solidariedade de uma grande família extensiva, que dá às suas crianças, lindas crianças negras, tanta coragem para enfrentarem a vida, frente as dificuldades e injustiças, com a mais eficiente alegria? (OLIVEIRA, 2008, p. 77).

Portanto, com base nas reflexões feitas por Oliveira (2008), trazendo para o contexto da pesquisa, de onde viria toda essa força para enfrentar os “medos” de que tanto Dandara traz durante a sua história de vida, se não da relação com a mãe negra desde o seu ventre? E através do marcador étnico negro da família extensa, na sua relação com os primos, da qual Oliveira (2008) também aborda.

E por falar em família, temos outro sujeito de pesquisa, Jioni, que se autodeclara “pardo”, e que também possui uma família extensa. Neste caso, a família, o sentido de comunidade, torna-se um marcador étnico dentro da história de vida de Jioni.

Inclusive, ele fala da presença paterna que um tio dele teve, para ele e um primo, pois seus pais são separados. Seu pai morava em outra cidade, e o pai do primo não era presente:

*Mas eu lembro que o meu tio (como eu falei), ele sempre foi muito unido a eu e meu primo, até porque nem o meu primo, nem eu tinha uma figura paterna presente. Meu pai era presente mas tava fora, aí meu tio que acaba sendo esse pai pra gente, aí ele que levava a gente pra sair, pra pescar... fazia um bocado de coisa, mas na infância... a gente se divertia muito, e a gente foi muito feliz na infância por conta dele, que foi meio que nosso pai. Foi mais pra o meu primo, que meu primo não tem pai totalmente, entendeu?! O pai dele não é presente totalmente, não liga e nem quer saber. O meu pai ainda é muito unido e tal... mas ele foi mais importante pra o meu primo, eu considero, do que pra mim (**Jioni, autodeclarado pardo**).*

Enquanto Hampâté Bâ (2013) narra a história de como perdeu o seu pai, e como a sua “serva-mãe” (uma jovem moça que auxiliava a mãe desde o nascimento do bebê) contava a ele sobre seu pai, Hampâté Bâ (2013) mostra a importância da presença de um tio como “substituto” de um pai, na ausência do mesmo, cumprindo esse papel (Hampâté Bâ, 2013, p. 28-29) e, é justamente o que se passa na história de vida de Jioni e do seu primo (que não tinha o pai presente). O sentido da vida em comunidade, em comunhão.

5.8 Autodeclaração e pertença negra: refletindo sobre os dados quantitativos e qualitativos numa relação de fronteiras étnicas

De acordo com informação quantitativa solicitada à Uesb, referente ao total de ingressantes do curso de medicina, dividido por ano letivo (de 2014 a 2018), bem como a forma de ingresso: por ampla concorrência ou cotas, que estão subdivididas em cotas raciais, sociais e adicionais (indígena, quilombola e PNE), estaremos refletindo sobre a relação entre os dados disponibilizados pela Uesb, e a autodeclaração desses estudantes, mais especificamente da turma do 4º ano de medicina (ingressos em 2014).

Abaixo a tabela para que possamos compreender melhor a análise e reflexões realizadas a partir das informações obtidas:

FIGURA 07

CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA

TOTAL DE INGRESSANTES POR CURSO, ANO LETIVO e FORMA DE INGRESSO

PERÍODO DE INGRESSO	FORMAS DE INGRESSO								
	Vestibular					SISU			
	Ampla concorrência	Étnico racial	Social	Adicional	Total	Ampla concorrência	Étnico racial	Social	Total
2014.0	6	4	2	3	15	7	5	1	13
2015.0	7	5	2	3	17	7	4	2	13
2016.0	7	5	2	4	18	6	4	2	12
2017.0	7	5	2	4	18	6	4	2	12
2018.0	7	5	2	3	17	8	4	2	14
TOTAL	34	24	10	17		34	21	9	

* 6 (seis) adicional Indígena

* 5 (cinco) adicional Quilombola

* 6 (seis) adicional PNE

*Informações cedidas pela Secretaria Setorial de Cursos da Uesb – *Campus Jequié*.

Na turma de 2014 - a que foi realizada a pesquisa -, de acordo com a Uesb, foram 28 estudantes matriculados, sendo 15 ingressos pelo vestibular (prova realizada pela universidade) e 13 pelo SISU, ou seja, 50% das vagas para cada uma dessas modalidades. Porém, de acordo com a pesquisa a turma possui um número de 25 alunos, e não sabemos o que houve com esses outros 3 alunos, se desistiram ou se nem chegaram a iniciar o curso.

O que é mais interessante nisso tudo, é que a autodeclaração deles para a pesquisa não coincidem com os dados disponibilizados pela Uesb, pois na turma de 2014 teve um total de 12 vagas para cotistas (raciais, quilombola, indígena e PNE) e 16 vagas para ampla concorrência e cotas sociais, ou seja, se a turma estivesse completa, 42,85% desses estudantes seriam cotistas, não estaria muito longe da metade. Porém, de acordo com o gráfico que já

trouxemos anteriormente, dos 21 estudantes entrevistados, apenas 5 se autodeclararam brancos, 1 indígena, 4 negros e 11 pardos, ou seja, 16 alunos estariam nesse grupo de estudantes cotistas, mais da metade da turma. Portanto, há divergências de informações.

No que se refere à autodeclaração dos estudantes de medicina e as informações disponibilizadas pela Uesb, além das análises das entrevistas e os marcadores étnicos que esses estudantes trazem em suas histórias de vida, entendemos, portanto, que há uma manipulação da identidade, pois os estudantes que se autodeclararam pardos podem ter feito isso para “mascarar” a pesquisa com a ideia de democracia racial. Eles demonstraram que assumem uma identidade negra somente quando lhes é conveniente e, neste caso, para ingressarem no curso pelas cotas raciais, e com isso escapar da sua pertença negra ao ascenderem a branquitude cursando medicina.

Nesse caso, trata-se de pensar os elementos étnicos de fronteira entre os estudantes autodeclarados brancos e os estudantes autodeclarados negros, porém, os autodeclarados brancos por si só já apresentam elementos da branquitude. Ao contrário do que esperávamos dos estudantes pardos, dois deles (Tambuzi e Taiwo) incorporam a branquitude. Contudo, ser pardo significa ter um pertencimento étnico negro, ou seja, possuir diferentes histórias, pelo fato de ser “mestiço”. Por isso, não estamos afirmando que todas as pessoas que se autodeclararam pardas compõe esse quadro de branquitude e negação de uma identidade de pertencimento negro, até porque, como Cohen (2003) problematiza, através do exemplo entre Saamis e Noruegueses:

Se eu identificar a mim mesmo como saami em vez de norueguês não significa necessariamente que estou a sugerir que sou como todos os outros saamis. Não tenho que sublimar-me num "ser saami" anônimo para sugerir que os saamis têm algo em comum de significativo que os distingue dos noruegueses; mas, porque a identidade étnica é expressa de forma simbólica, é possível preservar esta diversidade interna, mesmo quando é mascarada por formas simbólicas comuns (COHEN, 2003, p. 78).

Por isso a importância da consciência individual da qual ressalta Cohen (2003), através da identidade étnica, em que, mesmo se assumindo enquanto parte de um grupo, não significa necessariamente que seja como todos os outros membros, pois se houver uma consciência individual, é possível saber quando acontece o atravessamento de fronteiras, que não se dá de maneira simples, pelo contrário, envolve um processo que requer adaptação, pois significa estar num lugar “diferente” do que estaria acostumado.

Os estudantes autodeclarados pardos trazem marcadores étnicos em suas histórias de vida, como a relação com a família (vida social comunitária), a ancestralidade, porém, em algum momento podem atravessar a fronteira para o lado da branquitude e negar seu pertencimento e, essa “negação” torna-se um elemento de fronteira identificado na pesquisa, já que, nesse caso, o sujeito acaba “saindo” do seu grupo de pertença negra, pois o pardo, pelo fato de ser mestiço, ou seja, ter uma “mistura” de elementos étnicos na composição da sua etnicidade, possibilita que ele entrecruze tais fronteiras, e assuma uma branquitude, mesmo carregando elementos de uma etnicidade negra, uma vez que, mesmo atravessando fronteiras, carregamos nossos marcadores étnicos, que é o que nos define e, os carregamos por toda vida, mesmo que nem todos nós estejamos conscientes disso.

Alguns indivíduos, durante o atravessamento de fronteiras, mantém a sua identidade étnica, mesmo nessa relação com “o outro”, o que não é o caso desses estudantes ao ingressarem no curso de medicina, pois estar nesse espaço, no grupo de estudantes de medicina, automaticamente, terão que se “adaptar às normas de convivência” para facilitar as interações sociais e quem sabe, “aceitação social” por parte dos demais. E, pode-se dizer que este é um ato consciente, até porque os sujeitos atravessam uma fronteira, e, esse atravessamento possibilita uma auto-reflexão do sujeito quando se tem consciência desse processo, pois é no “afastamento” que apreendemos a nossa própria cultura (COHEN, 2003, p. 8 *apud* ROOSENS, 1989), ou seja, são as fronteiras étnicas que nos permitem refletir sobre o que somos (eu) e o que os outros são (eles), num processo em que, a identidade étnica é modulada através dessa prática de interação (COHEN, 2003, p. 77 *apud* BARTH, 1969).

Cohen (2003) discute sobre o que chamou de “*Fronteiras da consciência, consciência das fronteiras*”, a partir da discussão feita por Barth (1969) sobre os grupos étnicos e suas fronteiras, só que ele pensa mais adiante, num contexto mais atual, a partir de uma problematização sobre a consciência do indivíduo com relação a sua identidade, para que então, possa haver uma consciência sobre as fronteiras coletivas, uma vez que, quando falamos em fronteiras, não nos referimos a fronteiras físicas, mas trata-se de pensar em “fronteiras simbólicas” (COHEN, 2003, p. 90).

Ser e “estar” negro no curso de medicina é atravessar uma fronteira étnica, pois é um curso considerado branco, e estar nele, para o estudante negro, é enfrentar os olhares dos “outros” (através de enfrentamentos), e acima de tudo, ter consciência da sua identidade étnica ao atravessar a fronteira, que é justamente afirmar-se enquanto negro(a), através da sua etnicidade, mesmo num curso que incorpora uma branquitude. Portanto, há fronteiras entre os estudantes negros e o curso de medicina, que se dá através de elementos como o rompimento

do preconceito, mas também a um “embranquecimento” através da ascensão e aceitação social.

É como se esse grupo de estudantes pardos incorporassem a própria branquitude para ocupar os espaços que deveriam ser da população negra, pois querem pertencer a um grupo privilegiado (branco) renegando suas origens, assumindo as mesmas só quando elas trazem alguma vantagem (como as cotas raciais, por exemplo). Portanto, busca-se ingressar no curso de medicina para ascender ou manter o “*status quo*”, pois o curso é a própria branquitude, que proporciona aos sujeitos, conseqüentemente, um “apagamento” da origem étnica, já que precisam se “adequar” a um curso que carrega elementos culturais brancos.

Para além do curso de medicina, a própria universidade busca manter as hierarquias internas, perpetuando as desigualdades e fazendo questão de reafirmar a “naturalização” da igualdade, e isso é perceptível nas Políticas de Permanência para os estudantes, que no caso da Uesb, não possui uma política específica para alunos cotistas após ingressar na universidade, ou seja, há uma manutenção do “sentido de igualdade” na universidade, ou seja, a conformidade com o Mito da Democracia Racial.

Se a própria universidade, que é um espaço de (re)pensar e refletir sobre questões de alteridade, mantém uma postura de reprodução dos sentidos de “igualdade” frente a questões como essas, como os estudantes universitários estão sendo formados? Por isso que muitos movimentos sociais se organizam dentro da universidade para debater questões como o racismo, a desigualdade de classe e gênero, etc., pois a mesma não oferece esses debates e reflexões, já que está mais preocupada em formar sujeitos que reproduzam conhecimentos e não questione sobre eles.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e problematizações levantadas nesta dissertação evidenciam a complexidade em trabalhar com a branquitude nas relações étnicas. Os resultados alcançados demonstraram como se dão as vivências de estudantes de medicina frente aos marcadores étnicos de cada sujeito, bem como o poder que a branquitude incide sobre alguns desses estudantes, principalmente em se tratando do desejo de ascender ao privilégio da branquitude (no caso de Tambuzi e Taiwo), em que tudo está em jogo, até mesmo a “negação” de uma identidade de pertencimento negro, já que estar no curso de medicina, para esses estudantes, tem mais relação com alcançar ou manter tais privilégios, mesmo que para isso precisem negociar sua identidade étnica.

Além disso, os elementos de branquitude constroem fronteiras entre esses estudantes, que são estabelecidas inicialmente a partir do acesso à educação e a cultura formal, ou seja, todos aqueles elementos que compõem “o padrão” da sociedade, como a religião, a classe social, etc., e que estão isentas de serem questionadas e de permitir ao sujeito questionar a sua própria identidade, uma vez que os elementos étnicos brancos são considerados “superiores” e conseqüentemente, mais valorizados, em detrimento dos demais.

Portanto, entende-se a branquitude enquanto análise no campo étnico, na medida em que vão surgindo nas falas dos estudantes os marcadores das suas histórias de vida, porém, a branquitude surge pelo viés de uma “patologia”, como diria Ramos (1995) ao retratar a problemática da mesma enquanto adoecimento da sociedade como um todo, através de enunciações psicológicas, sejam elas conscientes ou inconscientes. Nesse sentido, de acordo com Oliveira (2017):

[...] a saúde mental humana é condição primordial para o desenvolvimento da sociedade e esta, a sociedade, necessita dos melhores níveis de discernimento para promover e produzir indivíduos saudáveis mentalmente e fisicamente (OLIVEIRA, 2017, p. 27).

Sendo a branquitude, portanto, prejudicial à saúde mental humana de todos, influenciando negativamente nas relações étnicas entre os sujeitos, principalmente no contexto da pesquisa – curso de medicina –, que é um “ambiente branco”.

Diante da investigação sobre como se dão as vivências dos estudantes brancos e negros – pretos e pardos (IBGE, 2010) do 4º ano do curso de Medicina da Uesb, tendo em vista o contexto da branquitude nas relações étnicas, e ainda como subsídio metodológico a História

de Vida na Psicologia Social e observações participantes, ficou evidente que as relações étnicas entre esses estudantes são difíceis, porém, os autodeclarados negros e pardos (a maioria) começam a se impor, porém, de maneira mais sutil, pois apesar de ser possível haver um diálogo nesse espaço entre os diferentes sujeitos, os estudantes negros ainda compõem um curso considerado branco e elitista, silenciado por uma branquitude que busca sempre manter o “não conflito”.

Ou seja, o curso de medicina por si só reafirma a branquitude, desde que se constituiu no cenário histórico brasileiro de sua criação. Toda essa reflexão só foi possível dentro do contexto das relações étnicas, pois ao buscar compreender como se dão as vivências desses estudantes, trabalhamos com categorias como marcadores étnicos, fronteiras e identidade, que juntas, trazem elementos étnicos coletivos que compõe tanto as fronteiras, quanto elementos individuais, no que se refere à identidade étnica, além de pensarmos a identidade também no campo da Psicologia Social, que envolve refletir sobre a relação indivíduo-sociedade, através de uma dialética.

Dentre alguns pressupostos que pensamos inicialmente para a pesquisa, podemos concluir que de fato, fatores como a classe, a etnia e obviamente a raça, influenciam na construção das dinâmicas de relacionamentos entre esses estudantes na universidade, ou seja, na definição de fronteiras étnicas. Um exemplo claro é a “relação de irmandade” que Dandara e Zumbi dos Palmares⁷ (ambos autodeclarados negros) têm, e que remete a um elemento étnico negro.

Ainda no que se refere aos pressupostos, pensamos inicialmente que os estudantes do curso, em sua maioria, pertenceriam a uma classe social elevada (média/alta), porém, acredita-se que houve uma “distorção” sobre a autodeclaração de muitos deles no que se refere à renda da família, com a intenção de “mascarar” os dados da pesquisa. Além disso, há, na fala de muitos desses estudantes, uma “justificativa” para as desigualdades raciais através do discurso da desigualdade de classe, não associando à questão racial, ou seja, muitas pessoas ainda insistem em dizer que o problema do Brasil é social, e que questões como o preconceito e a desigualdade racial são provocados pela “diferença” de classe econômica, e não por um ideal de superioridade racial branca.

Acredita-se que os elementos de branquitude são prejudiciais ao contexto das relações étnicas, uma vez que, os mesmos demonstraram forte influência em alguns sujeitos com relação à busca do curso de medicina para manutenção e/ou ascensão dos privilégios da

⁷ Realizou-se a entrevista com Zumbi dos Palmares (autodeclarado negro), porém, por conta do tempo, não foi possível analisá-la na íntegra.

branquitude, além do fato de haver uma negação de identidade de pertencimento, mesmo com todos os elementos culturais em suas histórias de vida que anunciam uma etnicidade negra, como é o caso dos estudantes autodeclarados pardos: Tambuzi e Taiwo.

É evidente nesta pesquisa, com as entrevistas de história de vida, que os estudantes autodeclarados brancos, mesmo não tendo o entendimento sobre a branquitude nas relações étnicas, sabiam do que se tratava a pesquisa (de uma maneira geral), e mesmo assim não falaram sobre questões étnicas, exceto quando eram instigados a pensar e falar sobre isso, quando perguntei sobre o “porque da autodeclaração deles (individualmente)”. Já os estudantes autodeclarados negros e a maioria dos autodeclarados pardos, falaram sobre a sua história de vida, pensando nas questões étnicas, nas relações de alteridade, e trouxeram os marcadores étnicos negros.

O fato desses estudantes (autodeclarados brancos e dois deles autodeclarados pardos) não falarem facilmente, e de maneira espontânea sobre as questões étnicas em suas histórias de vida, tem relação com a branquitude, no caso dos brancos por ocuparem um lugar de privilégio, em que a sua identidade e posição na sociedade não é questionada, pois os seus valores, a sua cultura, e conseqüentemente os marcadores étnicos brancos são considerados “modelos” a serem seguidos, “exemplos” de superioridade. Já os dois estudantes pardos, não trouxeram esses elementos de maneira espontânea, pois entende-se que estão num processo de buscar ascender aos privilégios da branquitude através do curso de medicina.

Contudo, entendemos que nem todas as pessoas autodeclaradas pardas e/ou negras neguem o seu pertencimento, pois essa pesquisa é realizada apenas com uma “amostra” e não permite que façamos conclusões gerais sobre a sociedade, mas sobre o que a mesma nos apontou.

A amostra que obtivemos de análises das entrevistas que fizemos com os estudantes (não foi possível analisar todas as 21 entrevistas), nos mostra que há, entre os estudantes negros e brancos conflitos de valores diferenciados, também pelo fato de serem marcadores étnicos distintos, mas, além disso, há uma relação de “tensão” entre eles, porém essa tensão não se apresenta claramente, principalmente por se tratar de um curso em que a branquitude está presente. Contudo, no contexto atual, mesmo em “espaços brancos”, a população negra, ou grupo de estudantes negros, conseguem se posicionar diante de situações complexas e na relação com o “outro”.

Ao problematizarmos sobre a questão da branquitude como um elemento importante da pesquisa, é importante que fique claro que, abordar sobre branquitude, não significa pensar somente a cor da pele, ou seja, a questão racial, mas marcadores étnicos brancos que são

considerados supervalorizados em relação a marcadores étnicos negros, pensando principalmente nas fronteiras étnicas que são estabelecidas e que já foram destrinchadas durante as análises das entrevistas com os estudantes.

Faz-se necessário ainda, pensar uma universidade mais próxima de uma realidade brasileira. Uma universidade que possibilite aos estudantes, principalmente dos cursos das áreas de Ciências da Saúde e Exatas, que estão mais afastadas dessas discussões. A universidade precisa promover debates que possibilitem aos sujeitos refletirem sobre questões como as relações étnicas, branquitude e população negra, através de uma interdisciplinaridade com o seu campo de atuação, principalmente no curso de medicina, que automaticamente já se anuncia como um curso que anuncia uma branquitude.

Acredita-se que esta pesquisa foi de extrema importância na contribuição para a auto-reflexão desses estudantes sobre a sua classificação racial pautada nas questões étnicas, de identidade e pertencimento e, conseqüentemente para que eles pudessem (re)pensar sobre a sua história de vida e etnia.

É refletindo sobre as relações étnicas em contextos como esse que conseguiremos compreender melhor as vivências dos sujeitos, na suas relações com o “outro”. Além de trazer à tona as discussões sobre a branquitude, permitindo aos sujeitos refletirem sobre as suas identidades a partir das relações étnicas. Além disso, ao compreender como a branquitude se constituiu e como ainda se inscreve no contexto social brasileiro e, em nós mesmos, saberemos como problematizá-la a partir do que vivenciamos diariamente, principalmente por perceber que, assim como foi pressuposto inicialmente, existe um discurso contrário à prática, e uma não admissão de que possuem o privilégio da brancura, já que tudo é justificado a partir da questão socioeconômica.

Por isso a importância da universidade promover essas discussões, tendo em vista, principalmente, os alunos “brancos” do curso de medicina, que, de certa forma, a partir de suas falas, notou-se uma negação da alteridade, e mostraram-se (em sua grande maioria) preocupados mais com o bem-estar deles mesmos, e pouco preocupados com o próximo e com a resolução de conflitos étnicos durante a atuação profissional, como é o caso de Princesa Isabel, Dom Pedro I e Pedro Álvares Cabral.

Concluimos com a sensação de dever cumprido apesar de todas as dificuldades em tratar das relações étnicas, pois assim como prevemos no início da pesquisa, as relações de acirramento, nas dinâmicas de relacionamentos e vivências dos sujeitos da pesquisa, são complexas e problemáticas, pois quando nos identificamos, conseqüentemente identificamos o “outro” como diferente, e isso promove fronteiras étnicas entre os sujeitos que são

complexas e de difícil compreensão, principalmente por percebermos que a branquitude se faz presente no curso de medicina desde a sua criação, e se perpetua no próprio currículo do curso, que não busca formar sujeitos críticos para refletir e problematizar sobre questões de relacionamentos humanos e igualitários, já que muitos deles reproduzem paradigmas de discriminações, preconceitos e supremacia étnica e racial.

7. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thales. **Democracia racial: ideologia e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1975.

AZEVEDO, Thales. **As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social e classes sociais e grupos de prestígio**. Apresentação e prefácio de Maria de Azevedo Brandão. – 2. ed. – Salvador: EDUFBA: EGBA, 1996.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução Xina Smith de Vasconcellos. – 3ª ed. São Paulo: Palas Athena. Acervo África, 2013.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. - Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BASTOS, Janaína Ribeiro Bueno. O lado branco do racismo: a gênese da identidade branca e a branquitude. **Revista da ABPN**. v. 8. n. 19. mar. – jun., 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. __ In: CARONE Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 4 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 25-57.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrítica revisitada e a branquitude. __ In: SCHUCMAN, Lia. CARDOSO, Lourenço. Dossiê branquitude. **Revista da ABPN**. v. 6, n. 13. mar. – jun. 2014. p. 88-106.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. vol. 8, n. 1. ene-jun. Manizales, 2010.

CARDOSO, Lourenço. SCHUCMAN, Lia Vainer (orgs.). Dossiê Branquitude. **Revista da ABPN**. v. 6, n. 13. mar. – jun. 2014.

CARONE, Iray. **Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira**. __ In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 13-23.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CRABBEN, Jan Van der. História da Medicina. Portal São Francisco. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/historia-da-medicina>>. Acesso em: 04 de jan. de 2019.

COHEN, Anthony P. Fronteiras da Consciência, consciência das fronteiras. ___ In: COHEN, Anthony P. Fronteiras da consciência, consciência das fronteiras: questões críticas para a Antropologia. ___ In: VERMEULEN, Hans. GOVERS, Cora (orgs.). **Antropologia da Etnicidade: para além de “ethnic groups and boundaries”**. Het Spinhuis – Amsterdam. Fim de século Edições. Lisboa, 2003.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. ___ In: Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. – São Paulo: Brasiliense, 2005.

COHEN, Anthony P. Fronteiras da consciência, consciência das fronteiras: questões críticas para a Antropologia. ___ In: VERMEULEN, Hans. GOVERS, Cora (orgs.). **Antropologia da Etnicidade: para além de “ethnic groups and boundaries”**. Het Spinhuis – Amsterdam. Fim de século Edições. Lisboa, 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: ___ CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. (2009) (2014).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: <<http://www.fameb.ufba.br/institucional/historico/hist%C3%B3ria-da-medicina-do-brasil>>. Acesso em: 03 de jan. de 2019.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Rev. Educação e Pesquisa**. v. 29. n. 1. – São Paulo, 2003. p. 93-107.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Distribuição espacial da população segundo cor ou raça (Pretos e Pardos)**. Censo 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resultados de estudo sobre cor ou raça:** cor da pele é dimensão mais citada para definir cor ou raça. Censo 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=1&idnoticia=1933&t=ibge-divulga-resultados-estudo-sobre-cor-raca&view=noticia>>. Acesso em: 08 de dez. de 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos.** Editoria: Estatísticas Sociais. –Agência IBGE Notícias, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>>. Acesso em: 19 de set. de 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Acesso de jovens pretos e pardos a universidade triplicou em dez anos.** Síntese de Indicadores Sociais – SIS, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14319-asi-sis-2012-acesso-de-jovens-pretos-e-pardos-a-universidade-triplicou-em-dez-anos>>. Acesso em: 19 de set. de 2018.

LYRIO, Alexandre. **MEC suspende criação de cursos de medicina.** 2018. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mec-suspende-criacao-de-cursos-de-medicina-bahia-tem-20-faculdades/>>. Acesso em 10 jan. de 2019.

LOPES, Joyce Souza. Branco(a)-mestiço(a): problematizações sobre a construção de uma localização racial intermediária. ____ In: CARDOSO, Lourenço. SCHUCMAN, Lia Vainer (orgs.). Dossiê Branquitude. **Revista da ABPN.** v. 6, n. 13. mar. – jun. 2014.

LORENZETTO, Mário Sérgio. Primeira universidade do mundo surgiu na Itália, no Brasil só 800 anos depois. **Campo Grande News.** 2014. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/primeira-universidade-do-mundo-surgiu-na-italia-no-brasil-so-800-anos-depois>>. Acesso em: 03 de jan. de 2019.

MALOMALO, Bas'Illele. Branquitude como dominação do corpo negro: diálogo com a sociologia de Bourdieu. ____ In: CARDOSO, Lourenço. SCHUCMAN, Lia (orgs.). Dossiê Branquitude. **Revista da ABPN.** v. 6, n. 13. mar. – jun. 2014. p. 175-200.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. D. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, Julho/Setembro 1993. 239 – 248.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra.** – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo.** – Cadernos PENESB – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira – FEUFF (n. 12). Rio de Janeiro/Niterói – Ed. Alternativa, EdUFF, 2010.

NASCIMENTO, Alessandra Santos; FONSECA, Dagoberto José. Classificações e identidades: mudanças e continuidades nas definições de cor e raça. __ In: PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Luzia (orgs.). **Características Étnico-raciais da população: classificações e identidades.** Editor IBGE, Rio de Janeiro, 2013. p. 51-82.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. – Tempo Social, **revista de Sociologia da USP**, v. 19. n. 1, 2006. p. 287-308.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Segregação racial, territórios negros e saúde mental. __ In: ODEERE: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. Ano 2017, Volume 2, número 4, Julho – Dezembro de 2017. p. 84-109.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza Oliveira. **Identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles: recortes entre São Paulo e Paris.** PUC. São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado em Psicologia Social).

OLIVEIRA, Regina Marques de. Psicologia, psicanálise e relações étnicas no Brasil e na França. __ In: ODEERE: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. Ano 2017, Volume 2, número 4, Julho – Dezembro de 2017. p. 29-60.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza; OLIVEIRA, Reinaldo José de; FARIAS, Teresa M. P. (orgs.). ODEERE: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB. Ano 2017, Volume 2, número 4, Julho – Dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Nosso mundo adulto e suas raízes na infância: saúde mental da população negra e indígena. In: __ OLIVEIRA, Regina Marques de Souza (org.). **Cenários da população negra no Brasil: diálogos e pesquisas.** – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. Interfaces entre as desigualdades urbanas e as desigualdades raciais no Brasil: observações sobre o Rio de Janeiro e São Paulo. __ In: OLIVEIRA, Reinaldo José de. **A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 43-94.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Identidade do jovem negro e metrópoles: enunciados da diáspora em São Paulo e Paris. __ In: OLIVEIRA, Reinaldo José de. **A cidade e o negro no Brasil: cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013. p. 161-225.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo. Editora UNESP, 2000.

PIZA, Edith; ROSEMBERG, Fúlvia. Cor nos Censos brasileiros. __ In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PORTUGUÊS, Dicionário Online. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/compadrio/>>. Acesso em: 03 de març. de 2018.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FERNAT, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Elcio Fernandes (trad.). – 1. ed. – São Paulo: Ed. Unesp, (1998) (2011).

QUEIROZ, D. T. et al. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Revista Enferm UERJ, abr./jun. Rio de Janeiro, 2007. p. 276-283.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. __ In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005. p. 107-130.

RAMOS, Guerreiro. Introdução crítica à Sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995 (1957).

RAUTER, Cristina Mair Barros. Os que vieram para branquear o Brasil: o moinho de gastar gente e a imigração alemã no século XIX. __ In: AMAURO, Nicea Quintino et.al. (orgs.). **Revista da ABPN**. v. 10, n. 24. nov. 2017 – fev. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras - 2. ed. São Paulo, 1995.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social. – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. – São Paulo, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall; Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**. v. 26, n. 1., 2014. p. 83-94.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. – Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

SOVIK, Liv. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e *media* no Brasil. __ In: WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 363-386.

UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. **Histórico**. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/historico/>>. Acesso em: 09 de nov. de 2018.

UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. **Projeto de reconhecimento do curso de medicina campus de Jequié**. 2016.

UESB, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. **Resolução CONSEPE nº 82/2008**.

UWE, Flick. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

8. APÊNDICE

Dandara, 22 anos, Autodeclaração: Negra

DANDARA: Meu nome é Andreza, tenho 22 anos, sou de Salvador. É... me autodeclaro negra e me considero de uma classe social baixa.

Por incrível que pareça, da minha infância eu não me lembro muito assim... acho que eu me lembro de algumas assim com, sei lá, 6 ou 7 anos mais ou menos, não tão mais nova assim, como 3, 4, 5 anos.

Da minha infância o que eu me lembro é que eu me divertia muito (risos). Principalmente com meus primos, como a gente morava muito perto... onde eu morava lá em Salvador, as casas eram muito próximas né, de primos. Então eu sempre brincava muito. Agora eu sempre fui, tipo, desde pequena de estudar muito. Então tipo assim, eu só brincava depois que eu terminava de estudar, de fazer dever de casa, esse tipo de coisa. É... gostava muito de esporte. Assim, de quase tudo: futebol, vôlei, natação... o que tivesse esporte envolvido já me chamava atenção.

É, deixa eu ver aqui... tenho uma boa relação com meus pais, assim, são pilares da minha vida, são os que me ensinaram e que me ensinam ainda a base da vida hoje.

É... meu pai é policial militar, minha mãe é servidora pública, ela trabalha no DETRAN lá de Salvador. Meu pai tem 53 anos, minha mãe tem 54 anos. Tenho um irmão, ele tem 23 anos, vai fazer 24 agora, dia 27 de fevereiro. Eu não tinha uma boa relação com meu irmão não. A gente brigava muito, assim de brigar mesmo, fisicamente, mas assim, coisa de irmão mesmo. Mas assim, a gente brincava e brigava né, sempre existiu isso... mas hoje, graças a Deus ele melhorou, e tá ótimo (risos).

EU: Ele faz o que?

DANDARA: Ele tava trabalhando no DETRAN, onde minha mãe trabalha, mas ele não era servidor público, era cargo. É na parte administrativa. Mas agora não tá trabalhando, tá desempregado, e também não estuda né, não faz faculdade, não faz universidade. Mas ele terminou o Ensino Médio.

A minha mãe ela tem o Ensino Superior completo, se formou em Pedagogia. Foi engraçado... foi muito massa a formatura dela. E meu pai tem o Ensino Médio completo.

Eu estudei em escola pública. Eu estudei no Colégio da Polícia Militar, unidade Dendzeiros. Porque lá tem várias unidades né... e eu, assim... porque lá em Salvador você tem uma creche associada, então com 1 ano de idade eu entrei na creche, que é associada à Polícia Militar, então assim, a minha infância eu estudei toda em Colégio da Polícia Militar. Então eu sair da Creche, aí eu entrei no Ensino Primário né, no Colégio da PM, e me formei até o 3º ano, então foram 13 anos estudando no Colégio da PM.

Eu morava perto do colégio, então assim... pra você ter uma noção, eu não conheço Salvador totalmente, eu só conheço onde eu morava. Tanto que eu me formei, aí eu fiz ano de Cursinho (particular) depois que eu me formei, e vim pra cá. Então assim, pegar ônibus em Salvador, eu nem sei o que é pegar ônibus em Salvador. Nem conheço assim, as rotas, porque como eu morava muito perto da minha escola, era da casa pra escola, da escola pra casa, quando eu saía, eu saía com meus pais, de carro ou de ônibus. Ou então quando eu marcava pra sair com minha amigas pra o cinema, ou ia com minha mãe de ônibus e ela me deixava lá, ou ia com minha mãe e meu pai de carro. Então Salvador eu nem conheço direito, praticamente. E eu vim pra cá, então na verdade eu conheço mais Jequié do que Salvador. Aí foram 13 anos basicamente lá, da creche até o 3º ano, e o Colégio pra mim é a minha segunda casa, eu vivi muita coisa lá, tipo assim, o Colégio da PM ensina muita coisa: disciplina, o respeito pelo outro... assim, foi uma das coisas que mais me fizeram a focar em estudos, esse tipo de coisa. Além de meu pai e minha mãe né, que desde pequena me ensinavam, porque tem pais que botam em banca e tal... mas eles não, vamos aqui estudar, aí eu sentava e estudava.

É, deixa eu ver o que mais... Sim... aí eu fiz 1 ano de cursinho, aí eu vim pra cá, pra Jequié...

EU: Você veio pra cá já com a intenção de passar no vestibular daqui?

DANDARA: Não, assim... eu fiz 4 vestibulares, a UNEB e a UFBA, que são lá em Salvador, a UEFS de Feira de Santana e a UESB foi tipo assim, eu nem sabia que tinha a UESB. Eu fiquei sabendo que tinha a UESB com uma colega minha de cursinho, que ela mora em Caetité e ela disse assim: “Você já fez a sua inscrição na UESB?”, aí eu: UESB? E ela: É, UESB de Conquista... ela nem sabia que tinha um Campus em Jequié né... Aí eu fui fazer e pra tu ter noção era o último dia de inscrição, aí eu tinha direito a isenção de taxa, mas já tinha passado, aí quem pagou a minha inscrição foi meu irmão, a inscrição daqui, porque a UNEB e a UEFS eu tinha conseguido isenção. E aí eu fiz, aí eu vim pra cá, fiz a prova, fiz tudo, aí eu não passei. No Enem eu fui bem, mas eu não passei na UFBA, não passei na UNEB, não passei na UEFS... e passei aqui, aí quando eu fiquei sabendo do resultado eu não pensei em outra, vim logo pra cá. Aí eu falei pra minha mãe, falei pra meu pai...

E na verdade tinha duas opções, colocar em Jequié ou em Conquista, só que eu vi que Jequié era mais próximo de Salvador, então eu nem pensei a questão de estrutura, porque realmente quando eu cheguei aqui, quando eu fiquei sabendo do curso, eu vi que a estrutura era péssima, que tava muito no início... mas eu nem me preocupei com isso assim... a primeira coisa que eu pensei foi uma cidade mais próxima de Salvador, e eu vi que Jequié era mais próxima de Salvador do que Conquista, aí eu coloquei a primeira opção aqui, e a segunda opção eu coloquei em Conquista. Mas graças a Deus passei, vim pra cá.

Então como eu disse assim, eu sair de casa eu não sabia cozinhar, não sabia fazer nada, tipo nada mesmo. Então minha mãe veio comigo. Minha mãe transferiu o trabalho dela em Salvador pra cá. Ela veio aqui e ficou 2 anos comigo, então ela deixou praticamente a vida dela toda de lado pra vim comigo e eu ainda sou imatura, mas pense assim na imaturidade da pessoa, era eu (risos). Aí eu vim pra cá, ela veio junto comigo.

Assim... meu pais, as primeiras coisas que eles pensaram... é, tipo assim, não teve aquele conflito de ah, quem vai? Quem não vai? Não teve aquela coisa de “ah, vai ter um afastamento”, foi uma coisa bem... não teve força, não teve nada, foi fluída. Foi a felicidade né, de eu ter passado em Medicina e também de eu ter passado na Bahia né, porque tem gente que passa muito longe e fica bem mais distante. Por exemplo, eu tenho colegas de Minas, de bem mais distante...

E também por questões sabe... quando você faz cursinho... assim, eu sai do colégio, eu confesso que o colégio da PM é um ótimo colégio, é uma escola pública, mas assim, em comparação às outras escolas públicas, eu não tenho do que reclamar, mas eu deixei de ver, de estudar muitos assuntos, principalmente de física, de química, que são matérias que são importantes para o vestibular e são importantes para o meu curso também, que é um diferencial. Então eu tive a necessidade de fazer cursinho exatamente pelo déficit da escola pública, apesar de ser considerada um dos melhores colégios públicos e Salvador. E sabe aquela tensão de aluno de cursinho? Você tem que... eu acho que eu não tive cobrança da minha família, mas eu acho que eu tive cobrança comigo mesma, assim, de querer passar, ainda mais que no Colégio da PM, você tem uma coisa que é chamada de graduação, então assim, todo ano você tem uma lista de alunos considerados os melhores alunos, e desde que eu entrei no colégio eu sempre tava na lista, então sabe aquela cobrança de porra, uma aluna que sempre estudou, tirava nota boa, e não passou, sabe?! Sabe aquele estigma que tem, de todo mundo assim, de colega, as vezes de parente, que não fala, mas você ver que tem aquela coisa... então eu fiz 1 ano de cursinho, que foi maravilhoso, eu fiz muita amizade... eu vi outra percepção de ensino, sabe? Uma diferença assim, de colégio público pra particular, porque eu fiz em um que não é independente, é colégio e cursinho. E eu também conheci outros professores com outros tipos de didática, de ensino... por exemplo, eu não gostava de geografia, aí quando um professor de cursinho meu, eu esqueci o nome dele, quando ele dava

aula, nossa, era totalmente diferente, tanto que em humanas eu fui super bem em todas as provas.

Aí né, tinha aquele estigma de passar, e aí eu vim assim, eu nem pensei assim, ah! É longe... ah, como é que eu vou ficar lá? Vou ficar longe da minha família... não passou isso na minha cabeça, eu pensei logo em vim. Aí eu vim, minha mãe veio comigo, a gente alugou a casa... essa parte é interessante né, porque meu pai não veio, meu pai e meu irmão não vieram, por outros motivos assim de não poder mesmo, se deslocar... e ficou eu e minha mãe, a gente praticamente construiu uma casa aqui, então tipo assim... a gente alugou a casa, e tipo assim, os móveis foram todos usados, geladeira usada, fogão, guarda-roupa, cama, tudo... porque você montar uma casa em outro lugar que você nem conhece, tem custo, e como eu não tinha muitas condições, não podia comprar tudo novo, tipo fogão novo, geladeira nova...e aí a gente ficou aqui, a gente teve muita ajuda aqui do pessoal de Jequié, assim... tem uma moça que na verdade ela me hospedou, porque aqui em Jequié quando você passa pra o vestibular você tem a pré-matrícula e a matrícula, então você fica... antes de começar a fazer a matrícula você fica uma semana aqui... é uma semana de pré-matrícula e na outra é a matrícula, então seria muito gasto, aí ela conhecida de uma amiga de minha mãe, do DETRAN também, e ela deixou a gente ficar lá, na casa dela, durante esse período. E de várias pessoas assim, até o próprio rapaz que alugou pra gente... mas assim, foi tudo aos poucos, tanto que as aulas começaram em agosto, e eu vim bem antes, em julho, pra poder ir montando a casa... foi tudo aos poucos. E aí ela ficou 2 anos comigo aqui, depois ela foi embora, aí no 3º ano eu comecei a morar com uma colega minha da mesma sala, que é Iara, que é de Minas... aí acho que isso aí foi importante pra mim, pra amadurecer... tanto que agora eu já sei cozinhar algumas coisas, já sei fazer algumas coisas dentro de casa... por questões de dependência... Mas eu acho que a independência foi ver que a minha mãe voltou, porque ela tinha tudo lá, as amizades dela tava lá, o trabalho (que ela ama o trabalho dela) tava lá, então eu tava me sentindo um pouco, meio que tava prendendo ela aqui, e como ela era aquela mãe protetora, aquela mãe que protege sabe? Que teve aquela coisa... milagre ela ainda não ligou aqui, mas ela tem uma proteção excessiva, pra mim foi importante, tanto pra vida como pra independência pessoal dela.

Meu pai e meu irmão já vieram aqui, já viram a casa, já ajudaram em algumas coisas, é... o que mais?! Assim, o primeiro contato aqui foi diferente porque sabe, no colégio da PM você conhece todo mundo, tipo assim, você conhece todo mundo, você se forma conhecendo todo mundo, e aqui não, aqui tipo... 1 ano passa... deixa eu ver, deixa eu melhorar aqui (risos). É... é como se fosse assim, eu já conhecia todo mundo no colégio, assim, já tinha intimidade. O ano passava, possa ser que uma outra pessoa entrasse na turma, mas aí já acostumava... sabe quando você conhece aquele ambiente e você não sente medo? E quando você vem pra um ambiente novo, você fica retraído. Então assim, quando eu cheguei aqui, todo mundo ah, é tímida. Mas quando passou uma semana, todo mundo, ah, ela mostrou quem ela é e tal (risos)... porque eu sempre fui muito de brincar e tal, de ficar zuando as pessoas assim, brincando mesmo... e aí eu conheci todo mundo assim, e foi bem diferente né, porque tinha muita gente de fora, aí eu percebi que as meninas eram muito extrovertidas... assim... eu imaginava encontrar mais do meu tipo assim, certinha, assim, mais comportada... e foi muito bom porque, a minha turma em si é muito boa... assim, a gente tem uma relação muito boa assim... tem conflitos, que tem em qualquer turma... vários tipos de conflitos né, mas é uma turma que incentiva você a estudar mais. E o interessante é que a gente teve a primeira semana, aí eu fui pra minha primeira festa, sozinha. Minha mãe tava aqui né, ela deixou eu ir sozinha e eu fiz amizade com um colega meu, da sala, e foi a minha primeira amizade, que eu considero como meu irmão, que é Afonso. Aí minha mãe só deixou eu ir sozinha porque eu ia com ele né, aí eu fui pra calourada e nunca tinha ido, aí eu bebi um pouco (também nunca tinha bebido, risos)... aí foi interessante né...

E em relação ao estudo, eu senti um impacto por causa do método, diferente, sabe?! Você sair do método que o professor ta te ensinando e você vim pra o método que você mesmo tem que ser autodidata, você mesmo tem que estudar, e fazer apresentação oral... assim, apresentação oral eu nunca tive dificuldade no colégio, eu sempre fazia apresentação oral assim, sempre tem ansiedade, mas é de costume, é uma ansiedade natural. Mas era diferente, a dinâmica era diferente, então assim, o primeiro ano foi de adaptação de verdade... método diferente, turma nova... é... cair a ficha também que você ta fazendo curso de medicina, um curso de saúde... então a responsabilidade foi pesando aos poucos, a cada ano né... deixa eu ver o que mais...

Assim... eu tenho boas relações com os meus colegas, não tenho muito o que dizer não... claro que tem conflitos as vezes, mas é questão de momento, de dificuldade, as vezes a gente ta numa semana de estresse... por questão de medo também, acho que o medo sempre ta do lado, mas acho que o medo ta do lado mas ao mesmo tempo ele ta ajudando assim, sabe? É uma mistura de sentimentos que é importante pra gente, que ta fazendo curso de saúde, pra adquirir mais experiência de vida, pra se adaptar mesmo... até mesmo assim, por exemplo, um dia você ta mal porque você errou alguma coisa, ou você queria que fosse de um jeito... mas no outro dia você ver um outro momento, por exemplo, ontem mesmo eu tava atendendo uma paciente no Prado (hospital) e ela tava com problema de saúde, só que eu não imaginava que era um problema de saúde tão grave a ponto de o prognóstico dela ser muito ruim, aí depois que a professora falou, eu falei assim nossa! E depois quando eu fui lá me despedir dela, ela me falou que eu seria uma ótima médica, que eu sou muito humana, que ninguém nunca tinha perguntado tanto a vida dela assim, procurado saber da história dela, da história patológica dela... aí eu fiquei, nossa eu fiquei... porque relação médico e paciente pra mim é o que eu mais preciso. Eu não vou dizer que eu tenho uma... eu sempre tô tentando ter uma boa relação médico x paciente. Eu tenho uma certa dificuldade assim... eu sou um pouco... eu sou tímida na verdade, mas assim, quando eu conheço a pessoa e converso, aí a pessoa ver que não é tão assim... então assim, eu pegar uma paciente que eu to vendo pela primeira vez, aí eu tento me soltar mais, pra melhorar essa relação médico e paciente.

Tem mais o que?

EU: Você pode falar da sua família também... avós...

DANDARA: Minha vó materna, ela tem 76 anos. Minha vó paterna ela faleceu quando eu era pequenininha, de infarto agudo. Meu avô paterno não conheci. Meu avô materno também não conheci. Minha avó materna, que ta viva, graças a Deus. Assim, eu tive contato com ela desde a infância né... ela sempre me ensinou várias coisas, e atualmente ela ta doente, ela ta com problema de saúde, e sempre quando eu fico de férias eu vou visitá-la. Nas férias passada, teve a formatura de minha tia, que se formou em Direito, minha tia materna, e ela lá... assim, você ver que quando a pessoa sai de muito baixo e que vê que os filhos estão se formando, ensino superior, e ela se emocionando... pra mim foi assim, um momento muito bom, foi um momento muito maravilhoso.

Deixa eu ver o que mais... ah, primo... primo é o que eu tenho mais contato. Eu tenho dois primos, desde criança. Um se formou agora em Engenharia Civil e o outro faz fisioterapia, ainda não se formou. A gente tem uma ótima relação assim, tenho contato com os dois, apesar dos dois brigarem assim, um pouco (risos). A gente se diverte muito. A gente vai pra praia, pedala de bicicleta. As vezes um fica me mandando mensagem, e aí suas amigas de medicina? Me passa o contato delas, e tal... (risos). Aí é sempre assim né... Prima, eu tive uma prima que tipo assim, foi a que eu mais brincava na infância, e eu tive mais contato. Agora ela mora em São Paulo, ela trabalha lá. Ela foi junto com o namorado dela né, ela se formou e foi lá trabalhar, já tem 1 ano e meio que a gente não se encontra. A gente até tentou se encontrar nas férias, mas não deu. Tipo assim, acho que quando juntar todos os primos e conversar assim... porque eu tenho muito primo né, a gente brincava muito, a gente perturbava, a gente era, meu deus velho, a gente fazia muita coisa errada, sério (risos), era muito bom. E você ver como o

tempo passa, como cada um vai para seus lugares. Por exemplo, meu primo agora, que se formou em Engenharia, ele se formou na UFBA, mas agora ele tá trabalhando em Santo Antônio de Jesus. Ele me mandou mensagem dizendo que vai vim pra cá, porque engenharia civil como tá difícil emprego, ele tá indo em vários interiores. Eu tenho uma amiga, uma amiga mais próxima, que eu a conheci no colégio né, que é a pessoa que eu tenho mais contato assim, sem ser da família... deixa eu ver o que mais... tio, primo, pai, mãe... deixa eu ver o que mais... meu pai assim, eu converso... eu sou torcedora do Bahia né, eu confesso que sou torcedora do Bahia (risos), eu sou fanática pelo Bahia, assim... com meu pai assim, quando eu volto de férias, é futebol, política e dança e música. Tipo, meu pai bota um canal, aí tem uma pessoa cantando lá, aí ele adora criticar: ah não, tá cantando errado... aí eu falo: não, você não conhece esse tipo de coisa (risos)... política a gente conversa muito, ainda mais nesse período né, que o jornal só passa corrupção, esse tipo de coisa... e futebol é o que a gente mais conversa né... a gente torce pelo mesmo time, ele é torcedor do Bahia. Minha mãe é torcedora do Vitória (risos), e a gente tá lá conversando sobre o Bahia, aí ela vai lá e se intromete assim, dá o palpite dela (risos).

Deixa eu ver o que mais... minha mãe assim... eu me espelho na mulher que eu quero ser, que é a minha mãe. Ela me ensinou várias coisas assim, várias coisas... como lidar com ansiedade, como lidar com o ser humano... assim, você saber controlar a sua emoção. Assim, as vezes você tá com um momento de raiva, mas se você pensar um pouco, respirar um pouco... você não deve tomar determinadas atitudes... ela sempre me orienta assim... tá precisando de alguma coisa, tá passando alguma dificuldade... assim, mais do lado pessoal né... do lado amoroso (risos)... pode falar?

EU: Claro, pode falar sim.

DANDARA: Assim... como eu fui sempre fui muito tímida, eu não consigo me relacionar assim... tipo, tá numa festa e me relacionar, beijar a pessoa. Eu preciso ter um contato, um tempo com a pessoa, conhecer a pessoa, pra ir poder me relacionar. E atualmente eu tô apaixonada por uma pessoa, mas até agora não teve nada... mas eu acredito que seja recíproco, porque quando a coisa não é recíproca não é muito boa, mas eu espero que daqui a um tempo, um determinado tempo né, flua. Deixa eu ver o que mais... eu gosto muito de animais também, adoro cachorro, adoro gato, adoro ouvir música... aff, música me relaxa muito. Eu tô estudando, eu tenho que ouvir música. Principalmente, as vezes quando eu tô ansiosa, eu tenho que ouvir música.

Aqui em Jequié, praticamente eu só faço estudar assim... festa, as vezes eu vou pra festa assim, com minhas colegas que tem carro e tal... como tem o deslocamento, as vezes volta tarde... eu prefiro ir de carro com elas. Mas é assim... bem assim... tipo, 2 vezes no ano. Assim, teve a festa do “Meio Médico”, a calourada, a festa de calourada de outros cursos... assim, bem raro. As vezes a gente marca de se encontrar na casa de alguém... marca de assistir um filme... mas praticamente eu fico em casa assim...

EU: Suas amigas aqui em Jequié são as amigas da sua turma?

DANDARA: Sim... assim, são minhas amigas do curso... eu até conheço pessoas de outro curso, que eu participei de um projeto. Conheço algumas pessoas de enfermagem, mas de amizade mesmo, só do curso. Agora assim, você tocou em um ponto interessante, como veio muita gente de fora... por exemplo, só daqui de Jequié são 3, a maioria é de fora, então a maioria não tinha nenhuma relação com ninguém aqui, então isso aproximou a gente, sabe? Tipo assim, vamos supor, se eu tivesse lá em Salvador... eu moro em Itapuã lá... aí outra pessoa que é de Medicina mora lá no Cabula, pra gente se encontrar, só se a gente fosse mesmo amiga, mas aqui não... no prédio onde eu moro agora atualmente, moram 5 pessoas de medicina, então a gente tá precisando de alguma coisa, a gente vai lá, no apartamento da outra, a gente conversa... então o fato da gente não ser natural daqui, aproximou muito a

gente. Muita gente sente saudade... chega um momento que ta tanto estresse, que a gente acaba se unindo assim.. Deixa eu ver o que mais... tem mais alguma coisa?

EU: O que você pensa em fazer depois que terminar o curso?

DANDARA: Assim... eu to no 4º ano agora né, eu aprendi muita coisa durante o curso. Acho que também pela necessidade né, de lidar com a saúde de uma pessoa... recair sobre você, que depois que você se formar, você vai ter uma responsabilidade, porque agora você tem um preceptor, você tem um tutor, então você ta “protegido” né, entre aspas, mas eu sempre penso assim, eu sempre tenho que melhorar mais, eu nunca acho que eu to 100%, por exemplo, eu estudei um assunto, mas mesmo assim eu acho que eu não sei aquele assunto totalmente, e eu sempre tento manter que eu preciso melhorar, e que depois que eu me formar eu vou precisar mais ainda melhorar. Assim, depois que eu me formar eu pretendo passar na residência, eu queria logo escolher uma especialidade... o que me encanta é a clínica. Eu ainda não tive muito contato com cirurgia, talvez no internato eu me encante por cirurgia, mas no momento eu me encanto pela clínica, e eu pretendo fazer residência médica. Eu pretendo fazer em vários outros lugares, e não só aqui na Bahia, a depender das minhas condições também... fazer em outros estados também... e escolher a minha especialidade... eu ainda não decidi, eu penso em várias especialidades, parece que tudo me encanta um pouco, mas eu já exclui algumas.

Trabalhar no caso, quando você ta fazendo residência, você já é médico, você já trabalha.... você ganha uma bolsa, mas eu nunca pensei assim, em dinheiro...

EU: No caso agora você não trabalha né? Como você faz pra se manter aqui?

DANDARA: Meus pais. Meu pai é aposentado né, ele é policial militar aposentado e minha mãe ta em atividade, é servidora pública, e eles que sustentam né...

EU: E qual foi a sua motivação pela escolha do curso de medicina?

DANDARA: É... Eu sabia que era algo relacionado à saúde, então... cuidar das pessoas. Mas assim, sabe aquela coisa que você não se vê fazendo outra coisa? Era tipo isso... quando eu sair do Ensino Médio, eu não pensava em outro curso, eu só pensava em medicina, só em medicina.

EU: E no seu caso... enquanto autodeclarada negra, você já sofreu alguma situação de racismo durante a sua vida? Ou o que você pensa sobre isso?

DANDARA: Assim, eu nunca sofri racismo. Mas eu já vi colegas sofrendo né, racismo. Eu acho assim, que todas as formas de preconceito... assim, tem o racismo, tem a homofobia, tem a xenofobia... outras formas né, de preconceito. Eu não me revolto, eu não fico tão... como é que eu posso dizer... revoltada com aquela pessoa que ta praticando, porque eu acredito que é uma pessoa que não tem conteúdo, não tem conhecimento, que não tem sabedoria de vida. Mas eu acho que, tipo, o racismo, a homofobia, são assuntos, são temas que, pra mim, na minha opinião, vai continuar pra o resto da vida, mas eu acho que vai continuar pra o resto da vida, mas vai ser importante pra gente, pra evoluir, assim no sentido de ter algo a ser superado, porque quando o ser humano se acomoda, por exemplo, se acomoda em algo... não tem o motivo pelo qual lutar por aquilo, acho que a vida seria um pouco sem graça. Assim, por exemplo, pessoas que lutam contra o racismo, pessoas que lutam contra a homofobia, eu não vejo como pessoas sofridas, não vejo assim, no sentido... como eu posso dizer?! Eu vejo as pessoas fortes, assim... é pouco do que eu penso assim... eu sinto mais pena da pessoa que comete do que aquela que ta sofrendo. E você ter esses temas pra ser discutido, eu acho importante. Seria muito sem graça se não tivesse algo, se não tivesse conflito, algo pra ser lutado... acho que não teria sentido na vida. É um pouco até paradoxal. Eu até assistir um filme nas férias, que é um filme que ele mostra que na vida não tem o bem e o mal... dentro da pessoa sempre vai ter um bem e um mal, e por exemplo, você ta em um grupo, mas aquele grupo nunca vai ser 100% confiável. Por exemplo, partido político. Aquele partido tem pessoas boas e tem pessoas ruins.... eu acho que o paradoxo tem que existir... esses conflitos.

Claro que eu não to dizendo que tem que continuar assim... que tem que aumentar... eu não quero dizer que tem que acabar, porque não tem como acabar, tem que ser realista. Eu acho que o racismo nunca vai acabar, ou a homofobia nunca vai acabar... a xenofobia, sempre vai ter algumas pessoas com aquele tipo de pensamento, porque o ser humano é complexo, você não tem como acabar tudo, a manter todo mundo feliz... acho que o que tem que se pensar é que, não, eu vou fazer disso aqui uma superação na minha vida, uma experiência de vida, uma sabedoria... acho que é isso, eu penso assim, mais ou menos.

EU: E você tem mais alguma coisa assim, pra falar da sua vida? De alguma coisa que você considere importante, ou que você esqueceu de falar?

DANDARA: Provavelmente tem né, no caminho eu devo me lembrar (risos), mas acho que é só isso mesmo.

EU: Obrigada Dandara por sua colaboração

Dom Pedro I, 25 anos, autodeclaração: Branco

Dom Pedro I: Bom... meu nome é Felipe. Eu tenho 25 anos. É... bom... acho que poderia iniciar falando um pouco da minha infância, de quando eu comecei a estudar... sobre a alfabetização.

Se eu não me engano, entrei na escola com 5 anos de idade, aí pra alfabetização... aí depois eu fui fazer a primeira série, com 6 anos. É... então eu fui... nessa época eu estudava em escola pública, até o 4º ano de colégio mesmo, até que no 5º eu comecei a estudar em escola particular, que era na mesma cidade, na cidade de Santana, que é a cidade onde eu nasci, onde meus pais moravam... meus avós... moravam porque hoje a minha mãe hoje mora em outra cidade, mas meu pai mora lá, e minha família por parte de mãe e por parte de pai ainda mora lá em Santana. É...

Então eu estudei numa escola pública até a 4ª série, e a partir da 5ª série eu comecei a estudar em um colégio particular, junto com meus primos. Meus primos sempre estudaram junto comigo, tinha eu acho que 5 primos numa sala. Cidade muito pequena, todo mundo tem um certo grau de parentesco. É...

Sempre tive boas amizades na escola, no colégio também sempre fiz... tenho bons amigos que até hoje eu tenho contato assim... Convivo um pouco menos porque eu acabei saindo de Santana com 13 anos, e aí meio que a gente se afastou um pouco, mas ainda assim, quando eu vou lá ainda vejo uns e outros dos amigos de infância lá.

É... e aí eu fiz do 5º ao 2º ano ... ao 1º ano de colégio nessa escola particular lá de Santana, que era o Educandário Diocesano lá de Santana. É... depois eu fui pra Brasília. Acho que eu tinha 13 anos, se não me engano, ou 14... aí eu fui pra Brasília. Estudei 1 ano lá em Brasília, em escola particular. Lá em Brasília eu fiz o 2º ano e, de Brasília eu voltei pra Bahia, mas não pra Santana. Fui pra Serra do Ramalho, que é uma cidade onde minha mãe mora.

Meus pais, eles se separaram acho que quando eu tinha 6 anos de idade, e aí minha mãe iniciou um novo relacionamento com outro homem, com meu padrasto. E aí ela casou, e aí ela foi morar nessa cidade onde ela mora hoje, em Serra do Ramalho, que é uma cidade próxima de Santana. É região oeste da Bahia.

E aí eu voltei... quando eu tinha 13 anos eu fui pra Serra do Ramalho. Aí... 14 anos, aliás. Lá em Serra do Ramalho eu comecei a fazer o 2º ano de colégio, é... numa escola particular também, que ficava em outra cidade próxima, aí eu ia com um grupo de colegas, de amigos, que estudava nessa mesma escola. É... os pais da gente pagavam um transporte pra gente ir pra essa cidade vizinha, porque lá em Serra do Ramalho não tem escola particular e aí a gente ia... ia de manhã e voltava à noite. Era turno vespertino, aliás, então ia depois do almoço e voltava à noite. Umas 7hs da noite a gente estava em casa de volta.

E aí nessa época eu não pensava muito no que eu ia fazer de faculdade... quando alguém me perguntava eu sempre falava qualquer curso aleatório. E aí, depois disso, eu fui pra... depois disso eu concluí o 2º ano lá né, e o 3º ano também... lá em Bom Jesus da Lapa, que era onde tinha esse colégio. E aí, com 18 anos eu fui fazer um concurso numa cidade vizinha lá, que era da prefeitura de Bom Jesus da Lapa. Eu passei. Era um concurso pra prefeitura... aí eu passei, e comecei a trabalhar, era pra técnico auxiliar de educação médica, lá do SAMU, que na linguagem popular é o telefonista do SAMU.

Aí eu fui... não tinha muito contato assim, com a área da saúde... eu fiquei meio com medo porque era regime de plantão, tinha que trabalhar 24 horas e tal... aí eu ia.

Nessa época minha mãe me deu uma moto, e aí eu ia dessa cidade que eu morava, que era Serra do Ramalho, até Bom Jesus da Lapa. Trabalhar quando eu estava escalado pra trabalhar. E aí eu voltava para a minha cidade no dia seguinte, porque geralmente era 24 horas.

Aí eu tava muito cansado de ter que ficar indo e voltando de 4 em 4 dias mais ou menos, que era a minha escala, aí eu fui morar em Bom Jesus da Lapa. Aí fiquei um tempo lá em Bom

Jesus da Lapa, morando sozinho é... e nesse meio período foi que eu conheci uma menina, Michele o nome dela, que aí eu me relacionei com essa menina, e aí é... acabou que eu fui pai com 19 anos mais ou menos... deixa eu ver... não, 20 anos. É... acho que foi. Ela tá com 4 anos... ela é do dia 20 de julho... ela nasceu em 2013... acho que foi 20 anos.

Aí quando ela nasceu, meio que eu me desesperei um pouquinho né... normal, na vida (risos). Aí minha mãe me deu uns sermões assim, mas minha mãe sempre quis ter uma menininha e ela não teve menina, ela só teve filho homem, e aí ela acabou que foi como se fosse um presente pra ela, porque o resultado de que eu ia ser pai, o resultado do exame saiu no dia do aniversário dela. Aí ela falou, “ahh”... ela ficou super feliz assim... ela me deu uns sermõezinhos, mas ficou feliz lá.

Aí ela ficou: “Vai ser menina, vai ser menina!”, e alguns meses depois fez o exame e era menina, e ela ficou mais feliz ainda (risos). Aí nessa época eu me desesperei um pouquinho, aí comecei a pensar mais na faculdade né, eu tava trabalhando, ganhava um... acho que na época era um salário e meio mais ou menos, em 2012, aí eu comecei a ver que um salário e meio não ia dá pra manter, apesar de que eu não... eu me relacionei um certo tempo com a mãe da minha filha assim, mas não tinha nada sério assim... a gente não tinha tipo, é... nada tão sólido, sabe? E aí eu fui pensar mais na faculdade assim, porque né, uma hora ou outra esse salário não ia dá pra manter ela... um salário e meio assim... aí eu comecei... a minha mãe sempre me ajudou financeiramente também, com Manu – Manuela o nome da minha filha. Quando ela nasceu a minha mãe arcou com os exames e tudo mais, e depois eu fui pensando em fazer faculdade até que eu passei... lá no SAMU eu comecei a me interessar pela área de saúde, aí eu passei em Enfermagem na UNEB, e aí quando eu passei em Enfermagem na UNEB de Guanambi eu fui fazer a matrícula, é... mas depois acabei não indo cursar. Aí comecei a pensar em Direito, aí passei em Direito na Federal de Campina Grande e na Federal da Paraíba. Aí eu fui lá em João Pessoa fazer a matrícula mas também não fui cursar (risos). Eu ia só pra garantir a vaga e não ia, enfim... aí eu passei em alguns outros cursos e até que eu consegui passar aqui na UESB. Eu peguei o resultado um dia antes do aniversário de 1 ano de Manu, foi dia 29 de julho de 2014, aí em Agosto eu já comecei a estudar aqui na UESB. Aí eu vim, é... eu vim pra fazer faculdade aqui, aí antes de vim pra faculdade eu já estava lá em Serra do Ramalho de novo, porque Manu tinha nascido e tal e aí a mãe dela, a família da mãe dela também é lá de Serra do Ramalho, e aí eu acabei voltando pra lá. E aí eu tive que fechar o concurso. Fechar não, abandonar mesmo, porque não tinha... acho que pra conseguir fechar lá acho que são 3 anos, e eu tinha 2 anos e meio eu acho. Aí eu acabei fechando e vim pra cá fazer a faculdade, em Agosto de 2014.

E nesse período que eu tenho vivido aqui em Jequié, minha vida é basicamente estudar, sair vez por outra, uma festa com os amigos e tal... as vezes fazer uma viagem... de quando eu tô aqui eu já fui umas 2 ou 3 vezes na praia eu acho. Em Conquista eu fui umas 2 vezes, deixa eu ver... e nas férias eu sempre tô lá em Serra do Ramalho, que é pra ver os amigos que eu mais tenho contato, com quem eu passei a minha adolescência, e em Santana eu vou pra ver meus primos, porque meus primos também moram fora, mas na época das férias todo mundo se junta... mas agora não tá batendo mais porque as férias da UESB estão meio desregulado né... eu tô de férias em setembro e aí não tem ninguém lá... aí eu vou pra Serra do Ramalho, que é onde o pessoal assim... meus amigos, muitos tão trabalhando lá... alguns não optaram por fazer faculdade e trabalham. Aí sempre que eu vou lá eu vejo eles, e aí minha filha hoje mora em Goiânia, mas a mãe dela nessas épocas, a mãe dela traz ela e... deixe-me ver... traz ela pra eu ver ela e... o que mais, meu Deus?!

E aí morando aqui em Jequié, acho que é basicamente isso... estudar, sair com o pessoal, com os amigos fazer um lanche e tal, ir pra uma festa, sair pra beber uma cerveja as vezes, dá uma volta de carro na rua...

EU: Quando tu falou... acho que foi com 13 anos que tu disse que saiu de Santana pra ir pra Brasília... foi isso?! Tu foi pra fazer o que, pra estudar?

Dom Pedro I: Sim... foi... pra estudar.

EU: E quem morava em Brasília?

Dom Pedro I: Meus primos por parte da minha mãe moravam lá. Uns faziam cursinho para passar em concurso, outros trabalhavam... eram todos mais velhos, já eram todos noivos ou tinham namoradas, sabe... o mais novo que tinha lá é... eu era o mais novo e depois de mim tinha um... na época ele tinha uns 22 anos, e na época eu tinha 13. Deixa eu ver... não, não... não era isso tudo não. Ele tinha uns 18 e eu tinha 13... 13 pra 14. É que não lembro muito bem não. Tem problema não né?!

EU: Não, não... E você ficou quanto tempo lá?

Dom Pedro I: 1 ano, aí depois de um ano eu fui pra Serra do Ramalho... com 14, 15 anos. Aí passei a minha adolescência toda lá, até passar na faculdade, e de lá eu vim pra cá.

EU: E depois você começou a trabalhar... começou a pensar no seu futuro depois que sua filha nasceu né?! E você fez cursinho pra poder passar?

Dom Pedro I: Ah, sim... eu fiz um tempinho de cursinho lá em Guanambi, no Expert, e estudava muito em casa também.

EU: Se você quiser falar dos seus pais, de profissão, etc...

Dom Pedro I: Bom... a minha mãe, ela é formada em letras, ela se especializou em Psicopedagogia. Aí hoje ela, eu acho que é coordenadora pedagógica do município, psicopedagoga, diretora de um colégio lá também... trabalha o tempo todo assim. Minha mãe é uma mulher assim super dedicada ao trabalho, as vezes eu acho que até demais, porque ela se estressa muito, e eu falo com ela pra desacelerar um pouco, mas não adianta. É... meu pai também é muito dedicado ao trabalho dele, porém, meu pai em questão de escolaridade ele não concluiu nem o Ensino Médio. Ele vive do que meu vô fazia e ensinou pra ele. Ele trabalha com gado de corte, criação de gado de corte... nelore, essas coisas... e a única coisa que eu digo pra ele, que eu brinco com ele é que ele sabe fazer, sabe?! Que é criar o gado dele ali, vender, e aí ele sobrevive disso e de alguns imóveis que ele tem na cidade assim, que ele recebe aluguel, etc. É...

EU: Seu pai mora em Santana?

Dom Pedro I: É...

EU: E no caso seu avô ele era fazendeiro?

Dom Pedro I: É... o pessoal fala fazendeiro. Ele era fazendeiro, ele mexia com um cristal que tinha fios de ouro e é encontrado na Chapada, porque a família do meu pai é de lá. Aí ele tinha umas terras que ele extraia essas pedras. Aí ele fez um dinheiro legal assim, com esse cristal, e aí ele foi pra Santana criar gado, mas ele é da Chapada Diamantina. Novo Horizonte, o nome da cidade.

EU: E você tem irmãos?

Dom Pedro I: Tenho. Com minha mãe e meu pai eles tiveram... eles foram o primeiro relacionamento assim, de anos. Relacionamento que eu digo, é questão de casamento. E aí eles tiveram dois filhos, que eu sou o mais velho e depois de mim tem Emanuel. Ele tem 18 anos... ele completou acho que mês passado... não... em setembro, 18 anos.

Aí depois que os meus pais se separaram a minha mãe se casou novamente, só que ela não teve mais filhos. E aí meu pai se casou com uma outra mulher e teve outra menina, Giovana o nome dela. Hoje ela deve ter uns 10 anos. Aí meu pai se separou de novo e casou de novo com a terceira mulher, e aí teve mais um filho, que é Gustavo, tem 2 anos eu acho.

EU: E esse seu irmão... no caso, do casamento de seus pais é só você e Emanuel... E ele faz o que?

Dom Pedro I: Emanuel?

EU: Sim...

Dom Pedro I: Ele terminou... Ele vai terminar o Ensino Médio.

Deixa eu ver o que mais... qualquer coisa você me orienta... (pausa)

Enfim, a minha intenção é concluir a faculdade. Eu penso em ficar um tempo trabalhando aqui por Jequié... porque tem alguns amigos... o dono do prédio onde eu moro, ele brinca comigo as vezes assim, dizendo que vai arrumar um emprego pra gente ai... pra galera que mora no prédio. Tem eu, duas colegas minhas e tem mais um rapaz que mora comigo, que faz Medicina também. E aí ele fala que a gente vai se formar e que ele vai arranjar emprego pra gente na região. E eu acredito nisso.

EU: Mas por que ele fala isso?

Dom Pedro I: É porque ele tem muita amizade com o prefeito assim... ele é um pouco influente eu acho... na cidade... tem muita amizade com médico... ele tem, inclusive um professor meu que é médico e que hoje é prefeito de Itagi, eu acho... que é Olival, ele tem muita amizade e tal... ele brinca assim, mas eu boto uma fé na brincadeira dele, porque ele tem muita influencia assim, eu acho...

E aí eu penso em ficar um tempo aqui, na região... trabalhando e depois fazer residência. Porque eu tenho vontade de fazer cirurgia plástica, mas aí eu vou tentar fazer cirurgia geral um tempo, que demora... são 3 anos agora... e aí lá pra quando eu tiver uns 40, sei lá, uns 30 e poucos, eu tentar fazer cirurgia plástica... passar 11 anos estudando.

EU: É tipo especialização né?

Dom Pedro I: É... só que aí pra cirurgia plástica você tem que ter pré-requisito, que é cirurgia geral. Aí vão ser mais 6 anos estudando... aí eu não vou conseguir ficar 12 anos estudando assim...

EU: E aqui em Jequié você mora com quem? Como que é?

Dom Pedro I: Eu moro... é eu e mais um colega, que é amigo meu. E aí eu divido Ap com ele, que é Mário. Ele é do 2º ano.

EU: Mas tem mais pessoas de Medicina no prédio?

Dom Pedro I: Tem mais duas colegas minhas, da minha turma.

EU: E como você faz pra se manter aqui? Porque você só estuda né?! E aí no caso quem te ajuda nos gastos que você tem aqui?

Dom Pedro I: Minha mãe, meu pai e minha avó materna. É... eles tem dia certo. Cada dia um manda um dinheiro pra mim, num dia certo do mês assim... aí são eles que me mantêm assim, basicamente...

EU: E a sua filha?

Dom Pedro I: Minha filha é minha mãe que auxilia, mas a família materna também auxilia né... a família da mãe da minha filha, também ajuda... a mãe da minha filha trabalha e também ajuda. E minha mãe tá sempre ajudando também, no que precisar também... nunca deixou de auxilia sabe? Porque ela... a mãe da minha filha, tem uma relação muito amistosa... a minha mãe tem uma relação muito amistosa com a mãe da minha filha e ela entende assim, que eu to estudando, que eu não posso e tudo mais... e aí é minha mãe que ajuda... ela não pressiona. De certa forma é uma coisa fixa, minha mãe sempre manda. Não tem valores estabelecidos perante a Lei, mas a minha mãe sempre manda, sempre tá ajudando da melhor forma assim... (pausa).

Bom... então... sobre também a questão que eu esqueci de falar, do meu avô, e acho que é importante citar... do meu avô materno... é... eu nunca conheci ele assim... eu conheci ele pessoalmente, mas já depois dos 18 anos, que ele foi visitar minha mãe. Mas ele... pelo que o pessoal me conta, minha mãe me conta, minha vó me conta... ele saiu de casa quando a minha mãe tinha 11 anos e aí ele foi embora pra uma cidade do Goiás, e aí ele foi morar lá, e casou de novo, teve outra família, teve outros filhos lá. E aí ele foi simplesmente um pai super ausente assim, com a minha mãe e aí como eu disse, ele só apareceu depois que a minha mãe já tava adulta, com filhos... e eu tava com 18 anos a primeira vez que eu vi ele. Então eu não

tenho assim um contato com ele sabe?! Ele até, quando viu a gente, ele falou pra gente ir visitar ele, mas pra mim é como se fosse um estranho assim... e aí minha vó teve só uma filha né, que foi a minha mãe. E aí a minha vó casou de novo também, só que não teve mais filhos também.

EU: É meio “incomum” ter só um filho né... porque essas famílias de antigamente né...

Dom Pedro I: É... isso... o lado ruim é que você não tem primos assim, da sua idade... mas comigo aconteceu um pouco diferente, de uma forma inusitada, porque a minha vó, a mãe da minha mãe, ela é a filha mais velha dos meus bisavós, então por ela ser a filha mais velha, minha mãe tem quase que a mesma idade que as irmãs da minha avó. E aí os filhos das irmãs da minha avó, as minhas tias-avós tiveram filhos que são mais ou menos da minha idade, tem uns que tem 24 anos, tem uns que tem 25, e aí acabou que a gente se relaciona como primos de primeiro grau, mas é de segundo... mas é como se fosse de primeiro. Na verdade minha mãe é prima deles. Mas aí são esses primos que eu falei que estudei junto, então são eles... e aí acabou que eu não senti tanta falta assim... já na família do meu pai, minha vó teve seis filhos né, meu pai e mais cinco, e aí tem bastante netos assim... todos basicamente da mesma idade. Duas meninas, e o resto tudo homem... então tipo, a gente é muito amigo assim...

Esses dias eu tava em Salvador também, fui sair um pouquinho com eles lá em Salvador... a maioria mora em Salvador, acho que só dois estão morando em Brasília estudando... todos estudam e...

Acho que em relação a estudo também é... em relação a minha turma também, eu sempre tive uma boa relação com todos da turma. Acho que é uma turma bem unida assim... eu nunca presenciei nenhuma discussão... discussão assim, sempre tem uma discórdia e tal, uma divergência de opiniões, mas nada tão gritante que não possa ser resolvido ali naquele momento. A gente sempre busca resolver tudo no diálogo assim... tudo que a gente vai resolver na sala tem votação... tem que tá todo mundo ciente e tal, então acho que é uma turma com uma relação bem amistosa assim, entre cada integrante sabe?! E... acho que é isso.

EU: Ok. Muito obrigada D. Pedro!

Pedro Álvares Cabral, 21 anos, autodeclaração: Branco

Pedro Álvares Cabral: Então... meu nome é Flávio, tenho 21 anos. Minha convivência familiar assim, sempre foi boa, só que tive algumas dificuldades. Meus pais se separaram ainda quando eu era muito novo, minha mãe me teve quando tinha ainda 14 anos. Meu pai tinha 17, então é considerado gravidez na adolescência né...

Eu comecei a estudar aos 4 anos, em escola de rede pública. Estudei toda a minha vida em escola pública. Conclui o Ensino Médio com 17 anos e daí eu entrei no cursinho pra tentar passar no vestibular de medicina, e passei 2 anos lá.

É... o que mais me motivou a fazer medicina... hum... eu não sei nem explicar muito bem assim o que foi, mas desde criança eu falava que queria ser médico, e aí o que mais reforçou essa vontade foi a falta de... como é que eu posso dizer?! As pessoas não acreditavam muito que eu seria capaz de conseguir, entendeu? Isso aí me motivava bastante, porque eu sempre pensava que eu poderia fazer a diferença. Que eu poderia batalhar, estudar, e conseguir passar... que não era uma coisa impossível. Daí eu entrei no cursinho e comecei a estudar. Estudei bastante durante 2 anos.

Eu nunca fui muito de sair, de ir em festa... então eu passava mesmo a maior parte do meu tempo estudando. E aí eu consegui passar no vestibular. O que mais eu posso dizer?

EU: Você pode me falar dos seus pais, dos seus avós...

Pedro: Então... na verdade o meu pai, quando engravidou minha mãe, foi meio que forçado a se casar. Então eles foram morar juntos, mas seria uma coisa que não ia dar certo de qualquer forma... por serem novos. E daí eles se separaram. Eu nem me lembro minha idade, mas eu era recém-nascido ainda.

Então eu nunca cresci num âmbito familiar de ter pai, mãe... meus avós também se separaram quando eu era bem novo... eu deveria ter uns 4 anos quando meus avós se separaram, e eu cresci com eles: com minha mãe, com meus avós... dentro da mesma casa.

O meu avô ele sempre trabalhou como motorista. Minha vó dona de casa. Meu pai atualmente ele é engajado na política, hoje ele é vereador. E minha mãe ela mora em outro estado, ela mora no Espírito Santo. Ela foi embora por conta do esposo dela, que trabalha lá. Aí ela tem outra família... meu pai também tem outra família.

Eu tenho 2 irmãos, um por parte de pai e outro por parte de mãe. Um com 13 anos e outro com 11... o que mais? (Pausa)

EU: E os seus avós paternos?

Pedro: Meu avô paterno... ele morreu quando eu era criança, não tenho nenhuma lembrança dele. E não sou muito próximo à minha avó, a mãe do meu pai. As vezes eu visito e tal, mas não é aquele vínculo, como é com a parte da minha mãe, entendeu?!

EU: E no caso os seus avós maternos estão morando no Espírito Santo também ou não?

Pedro: Não, não... moram em Apuarema.

EU: E quando você vai pra lá você fica onde?

FLÁVIO: Eu fico na casa da minha avó... da minha avó materna. (Pausa)

EU: E o que você pensa em fazer depois que terminar o curso de medicina?

Pedro: Depois que eu terminar o curso... o que eu penso atualmente é entrar na residência. Então o quanto antes eu puder entrar na residência, pra mim é melhor. Quando entrar na residência eu pretendo fazer cirurgia geral, e depois de um tempo fazer um sub-especialização, daí eu já não sei qual a área eu vou me sub-especializar, mas eu penso bastante nisso.

EU: E como é que você faz pra se manter aqui?

Pedro: Meu pai e minha mãe eles me mandam dinheiro todo mês e esse dinheiro que eu uso pra pagar aluguel, fazer compras de supermercado, essas coisas... tudo vem deles.

EU: Você falou que fez cursinho né, pra passar no vestibular... era público ou particular?

Pedro: Isso... era particular.

EU: E assim, de modo geral, a questão da escola... de quando você começou estudar, como que você era assim, como aluno. E a sua relação também, tanto na escola quanto na sua família, no caso da sua mãe né, e seus avós, já que você disse que foi criado por eles... me fala um pouco mais...

Pedro: Na escola eu era considerado um bom aluno. Nunca tive dificuldade de aprender nenhum conteúdo. Quando foi chegando mais no Ensino Médio fui ficando um pouco mais relaxado... mas aí depois que eu terminei o Ensino Médio, que eu entrei no cursinho, eu passei a estudar mais, focar de verdade.

Minha relação com a minha mãe, ela sempre me incentivou muito a estudar... ela sempre foi de ta pegando no meu pé, cobrar notas...

EU: E o seu pai?

Pedro: Já meu pai nunca foi muito... nunca se importou tanto com isso. Então ele sempre me deixou mais a vontade... ele era a última pessoa a saber dos problemas.

EU: E sua mãe trabalha com o que agora lá no Espírito Santo?

Pedro: Atualmente ela trabalha num clube. Ela trabalha como agente administrativo. (Pausa)

EU: Como você considera a sua relação com os colegas de sala, com a sua turma...?!

Pedro: Então... eu tenho uma relação boa com todos. As vezes acontece alguma divergência, principalmente em relação à opiniões diferentes, mas acredito que nada que possa prejudicar a relação.

EU: Te perguntei isso porque eu escolhi medicina por ser curso considerado “elitizado” né... então assim, eu queria entender como que esses estudantes brancos, no caso inicialmente seriam somente os brancos... como que é essa relação... se existe algum sentimento de superioridade...

Pedro: Olha... isso aí eu nunca percebi assim, dos meus colegas... relação de superioridade... tanto em questão financeira, quanto intelectual, e racial também. Acredito que não tem, pelo menos do meu ponto de vista eu acredito que não, que não tem nenhuma divergência quanto a isso.

EU: Já que você não falou muito sobre você, vou te fazer uma última pergunta pra finalizar e depois se for necessário você aceitaria fazer a entrevista novamente?

Pedro: Sim, aceito. Tranquilo.

EU: Então... o que você entende por racismo? Você se considera uma pessoa racista.

Pedro: Eu acredito que o racismo ele acontece quando uma pessoa acaba ferindo a integridade do outro por conta da sua cor. E eu não me considero uma pessoa racista. Não me considero.

EU: Você foi bem objetivo né (risos).

Pedro: Fui objetivo né (risos).

EU: Não tem mais alguma outra coisa que você queira falar não? Momentos assim da sua vida... que você se sentir a vontade pra falar também. Coisas que te marcaram assim, alguma situação que você vivenciou na sua vida... em qualquer parte da sua vida. Não seria uma situação específica (nem ruim e nem boa), mas coisas que tenham a ver com a sua história de vida. Coisas que foram importante pra você...

Pedro: Acho que a fase da minha vida que mais me marcou foi a fase que eu tava no cursinho. E o fato que mais me marcou também foi quando eu passei no vestibular. Eu não consigo pensar em nenhuma outra coisa não... não consigo pensar agora.

EU: Você fez cursinho onde? Na sua cidade?

Pedro: Não, eu fiz cursinho aqui em Jequié. Eu moro aqui já há algum tempo.

EU: Então você veio pra cá antes de passar no vestibular... Por que? Você já estava visando medicina aqui?

Pedro: Sim, também. Eu tinha o objetivo de passar numa universidade pública. De preferência uma estadual. Eu não pensava na Federal porque eu nunca pensei em morar na capital, então eu preferia uma das três, tirando a UNEB, eu tinha a pretensão de passar na UESC ou na UESB (daqui de Jequié ou de Conquista), mas aqui seria melhor pra mim porque é mais perto da minha família.

EU: Mas quando você veio pra cá você ficou só fazendo cursinho?

Pedro: Só fazendo cursinho. Passei 2 anos só fazendo isso.

EU: Acho que é isso mesmo... muito obrigada Flávio!

Pedro: Por nada. Será que eu consegui ajudar? (risos)

Isabel, 23 anos, autodeclaração: branca

PRINCESA ISABEL: Meu nome é Juliana Miranda, tenho 23 anos. Eu me autodeclaro branca. Eu sou filha... meus pais... não sou filha única. Eu tenho 2 irmãos, 2 irmãos mais velhos... um tem 26 anos e o outro tem 24. Eu sou de Serrinha e meus pais vieram de outra cidade, eles são nascidos na zona rural, assim como os meus avós também. Não tive contato com os meus avós paternos... meu avó paterno é pardo, minha avó paterna é branca. Meus avós maternos são brancos... mas eu também não tive muito contato porque eles faleceram assim que eu tinha pouca idade, mas eu tenho uma família muito bem estruturada... nossa condição social é muito boa.

Eu sou de Serrinha né, estudo aqui em Jequié tem 4 anos (pausa), não sei, mas mais ou menos isso (risos). Então... eu sempre estudei em escola particular, meus pais me deram todo o suporte financeiro, emocional... um suporte social possível que eu poderia ter. Sempre tive uma condição regular assim, de questão de nunca ter trabalhado na infância... eu sempre brinquei, nunca tive nenhum problema de saúde.

Sempre fui muito estudiosa, desde pequena eu sempre tive gosto pelo estudo, então quando eu fiz o fundamental, fiz o... nunca tive problema na escola, e quando eu cheguei ao Ensino Médio eu não sabia o que eu queria ainda, então eu sempre tive essa dúvida. Queria ficar perto de casa, queria fazer uma faculdade muito próxima... queria passar na UEFS, que é a cidade mais próxima, e queria fazer odonto, mas por influência de terceiros, então algumas pessoas me estimularam a fazer outro tipo de curso, mas por influência de minha cunhada foi odonto que eu decidir fazer. Aí assim que eu me formei, eu passei na UEFS que era o que eu queria, mas passei na UFBA, em Salvador... e aí foi um dilema em minha vida, porque meu irmão passou no mesmo ano pra Geofísica na UFBA, que é o que ele queria. E aí, por meu pai comprar um apartamento em Salvador, eu decidir ficar em Salvador e foi um período muito difícil pra mim, porque meu namorado mora em Feira. Ele é de Serrinha, e aí ele estuda em Feira e ele queria que eu ficasse em Feira, e aí escolher entre um e outro, eu preferi escolher a UFBA, por ser uma faculdade maior, por me proporcionar um amadurecimento maior... por viver sozinha, porque se eu ficasse na UEFS eu ia vim e voltar todos os dias, porque a cidade é próxima. E aí foi uma mudança de vida muito grande pra mim. Eu era uma pessoa muito rotineira, então eu criava uma rotina que era só minha, não tinha muito amigo... era uma pessoa muito pouco desinibida, e só fazia estudar, então quando eu cheguei em Salvador, eu comecei a sair sozinha, a criar minha liberdade, a saber lidar com alguns problemas que eu não sabia... até se resolver sozinha, ter mais responsabilidade... então eu acho que amadureci 80%.

Quando eu fui pra Odonto, no início do curso foi bem difícil lidar com as mudanças porque é cidade grande né, você tá longe do seus pais, longe do namorado... eu morava com meu irmão (menos mal), mas eu tinha muita dificuldade em lidar com o trânsito, o estresse com a cidade... eu não gostava da cidade, só que com o tempo eu fui me adaptando, e aí comecei a gostar de morar em Salvador e tal... só que eu sempre... na minha vida eu sempre tenho uma de que eu nunca me acostumo com o que eu tenho, eu sempre quero ter mais, então eu já queria mudar de curso, eu já tava pensando em fazer outras coisas, não tava tão satisfeita com o meu desempenho, porque assim, meu irmão mais velho ele fez enfermagem e aí ele quis mudar também. Ele conseguiu passar em Medicina em Porto Velho, lá no extremo do país, e aí eu vi ele com tanta coragem... e aí eu decidi tentar outras coisas também. Ele passou, aí ele voltou pra Pernambuco, aí ele fez o vestibular de novo e passou em medicina de novo, em Pernambuco, aí ele veio pra Federal do Vale São Francisco. E aí isso me estimulou, tipo assim... ele sempre falava que eu estudava mais que ele, que ele nunca foi de estudar... que eu ia conseguir... só que eu ainda tinha dúvida entre áreas da saúde e áreas de exatas, era um dilema (risos).

Eu era... eu sou uma pessoa muito confusa, não sei decidir muitas coisas... enfim, eu sou geminiana (risos). E aí eu falei “ah mãe, eu quero continuar”, só que meus pais não apoiavam que eu trancasse, ou abandonasse o curso. Tava no 3º semestre já, e aí eu decidir... porque eu nunca parei de estudar pra vestibular, porque eu fazia Odonto mas nas férias eu sempre estudava, continuava sempre estudando... e aí eu decidi que não era aquilo que eu queria, só que eu fiquei com muito medo, então eu fiz cursinho concomitante com o curso, e era muito puxado. Aí eu ia pra faculdade, aí mudei umas disciplinas pra adaptar, aí começou a ficar muito puxado pra mim, aí eu comecei a refazer vestibular né... comecei a fazer, fazer, fazer... e aí na UEFS eu passei em Civil, porque no meio do ano não tem medicina, então eu botei pra o mais concorrido, e aí eu decidi tentar civil (risos). Aí eu fiz uma semana de civil e foi uma merda, odiei (risos). E eu fiz a matrícula e tranquei odonto. Minha mãe louca, brigou comigo... foi um “auê” em casa porque meus pais achavam que eu ia ficar assim, sem saber o que eu ia querer, que eu precisava definir alguma coisa em minha vida... aí a gota d’água foi civil, porque eu vi na primeira aula que não era aquilo que eu queria, porque a sala era muito suja, muito concreto, muito tijolo... e eu sou uma pessoa muito organizada, muito “cri cri” (risos), e aí eu não consegui fazer.

Meu pai falou que eu tinha a última opção, que ele não ia mais aceitar que eu mudasse... aí eu falei que eu ia fazer a revisão do Mendel, que aí eram 3 meses de cursinho. Aí fiquei fazendo, tranquei Odonto... aí continuei em Salvador só fazendo cursinho, aí estudando sozinha, estudando sozinha, estudando sozinha... e aí eu tentei a transferência interna da UFBA, de odonto pra medicina, porque saiu 5 vagas. Eu estudei junto, pra o cursinho e pra transferência da UFBA junto... e aí eu fiquei com muita expectativa de passar, e fiquei muito próximo, não passei e foi uma decepção na minha vida. Mas fiquei muito próxima, aí eu pai falou: “ah, você ta tentando a primeira vez, vamo lá!”. Aí meu irmão falou (o mais novo), porque ele é bem realista... somos 3, o mais velho faz medicina e o mais novo Geofísica. Eu tenho mais proximidade com o mais novo, porque eu morei com ele... o mais velho saiu cedo, voltou pra casa agora, então ele ta trabalhando... hoje ele já é médico e trabalha lá na minha cidade.

E aí meu irmão mais novo, que sempre me orienta, falou assim ó: “Olha, eu vou te falar, você vai ter que voltar pra o cursinho e focar no que você quer, mas te prepara que eu vou te dar 2 anos pra você passar em medicina”. Aí eu falei “isso tudo?”, eu não agüentava mais fazer cursinho, não agüentava mais aquela vida... aí ele falou: “Medicina pelo menos você tem que ter 2 anos pra passar”. Aí eu fiz os vestibulares, a UESB, UFBA, fiz o ENEM né, que a UFBA entrou no ENEM... UEFS... não fiz UESC. Eu fiz bem pouco, não tinha esse conhecimento... não conhecia Jequié, não conhecia Conquista, não conhecia nada de Feira pra lá. Eu era muito assim... uma colega minha do cursinho me chamou: “oh, borá fazer UESB”, aí eu é... mas não conheço. Aí ela: “A gente vai juntas e faz em Conquista”. Eu nem sabia a diferença de Jequié pra Conquista... aí depois, quando eu fui fazer a inscrição, meu irmão falou assim pra mim: mas Dalila não mora lá em Jequié? Que é uma prima minha, só que mais distante. Falei: É? Não sabia não. Aí ela: é, faz lá... bota pra fazer a prova lá, que aí você fica na casa dela, aí eu fiz a inscrição e a minha colega desistiu de vim, e aí eu fiquei sozinha... aí o irmão da minha prima vinha... a gente conseguiu a última passagem do ônibus. Eu não queria vim, porque a UEFS eram 30 vagas e eu não passei, fiquei na averiguação de redação. Mas minha mãe falou: “Não, você vai... você já pagou... pelo menos pra conhecer a cidade. Vá por ir”... porque aqui são só 6 vagas da ampla, e aí eu vim, fiz o vestibular super tranqüila, acho que foi tudo positivando assim, pra dar certo e aí graças a Deus, eu passei logo de primeira.

EU: Você passou pelo vestibular então?

ISABEL: Sim, pelo vestibular. Pela parte sem cotas... porque assim, eu e meus dois irmãos estudamos concomitante em duas escolas, uma de manhã e outra de tarde, uma pública e uma particular. Porque uma a gente fazia magistério, pra ser professor... porque minha mãe falava

assim: “Se nada der certo vocês vão ser professor!”, então dizia: “eu já vou deixar vocês preparados pra alguma coisa”, entendeu? Só que tipo assim, nenhum dos 3 usou cotas, porque cotas é só de Ensino Médio, então a gente não teve nenhuma atribuição por causa disso.

EU: Vocês estudaram a vida toda assim?

ISABEL: Não, só o Ensino Médio. Os 3 fizeram isso. O Ensino Médio a gente estudou na pública e na particular, uma de manhã e outra de tarde. A pública eram 4 anos, porque era magistério, e a particular eram 3 anos.

Só que assim, quando eu fui pra UFBA, que eu passei assim que eu sair da escola particular, eu faltava 1 ano pra terminar o magistério, só que a UFBA quando eu fui entrou em greve, e aí eu aproveitei os 3 meses do magistério, e aí junto eu fiz a auto escola e terminei o estágio, que era pra dar aula já, e eu já tinha alguma prática. Aí eu consegui terminar, fechei tudo e deu tudo certo.

E aí quando eu vim pra Jequié... nunca esperava passar... oh meu Deus, eu passei ! Inclusive numa colocação que dava pra eu ter passado em Conquista mesmo... meu irmão quase me bateu. Eu não sabia... eu não pesquisava essas coisas de onde era melhor, sabe... eu era muito assim... muito... pra essas coisas eu não era detalhista. E aí eu acabei ficando aqui mesmo. Ele falou que se eu tivesse botado pra lá eu tinha passado, mas...

Aí tipo assim... quando eu vim pra Jequié, foi outra mudança radical em minha vida, porque é muito longe da minha cidade. Eu tenho todo o apoio dos meus pais, minha família ficou super feliz, mas tipo assim... meu namorado... ficou muito complicado a relação. A gente fez 9 anos de namoro um dia desses... ainda hoje é bem complicado. Mas tipo assim, ele me suporta muito, ele é muito flexível. Ele vai formar agora em Engenharia Civil na UNIFACS.

É... então é isso... aí eu vim pra cá, no início eu odiava... odiava aqui, porque o curso PBL, pra mim eu não lidava com esse curso, porque eu vim da UFBA, então eu queria que fosse tradicional, eu vi a qualidade da UFBA e eu vi algumas coisas aqui que eu não gostava, então minha turma me odeia até hoje porque eu falava todo dia da UFBA: “Mas na UFBA não é assim, mas na UFBA não é assim...”. Aí depois do 1º ano, que você se adapta ao PBL, eu comecei a perceber que a realidade aqui me qualificava melhor como profissional, porque eu entendo que a tradicional, ela é uma boa, mas existem alunos e alunos, então eu percebi que a tradicional eu era uma aluna que só estudava pra “vomitar” na prova, e eu percebi que eu sair do curso, passei por disciplinas básicas e quando eu cheguei aqui, que eu repeti, eu percebi que eu não tinha bagagem suficiente, como eu achava que eu tinha, então eu percebi que o método PBL ele me tornou uma aluna melhor, porque a gente estuda pra falar, a gente estuda pra apresentar e a gente tem uma introdução, uma prática, muito mais cedo do que eles têm, entendeu?! Hoje eu vejo que o curso tem muitas deficiências que precisam ser superadas, que ta melhorando muito, mas que eu não trocaria o PBL por uma tradicional de forma alguma. Então eu acho que não há arrependimento, mas eu me sinto muito contemplada em ta aqui, não por causa do curso, mas pela turma, porque graças a Deus eu fiquei em uma turma que os meus colegas são assim, ótimos. A turma como um todo é uma turma muito boa e eu tenho amigos de verdade na turma, que me dão suporte pra encarar alguns problemas e dificuldades que eu venho encontrando aqui na UESB, mas fora isso eu não tenho nenhum problema não (pausa).

EU: Me fala um pouquinho sobre os seus pais, e o que eles fazem?

ISABEL: Meu pai é policial militar aposentado há 7 anos. A gente tem um comércio, um armarinho, uma papelaria (armarinho Juliana)... sou bem famosa na cidade (risos), e minha mãe é professora e vice-diretora há 28 anos... ta perto de aposentar já. Aí meu pai hoje assumiu o comércio porque ele ta aposentado, e minha mãe é dona de casa, faz mestrado, e se vira nos 30... tem 60 horas no Estado, é vice-diretora à noite, é mãe, dona da loja, e não sei como ela faz isso até hoje... e aí ela vem enfrentando agora uns problemas de saúde, justamente por causa da sobrecarga. Ela nunca foi de cuidar de saúde, de fazer exercício... ela

sempre se alimentou bem, mas hoje ela ta apresentando por um quadro de tremor em membro, que a gente ta suspeitando que possa ser Parkinson... e aí ainda tem um constructo emocional, que por enquanto ta bem difícil pra gente.

Meu pai tem uma saúde de ferro, graças a Deus! Ele só tem uma ferritina alta, que nenhum médico descobriu o que é, mas ele faz... tenta parar de beber (risos). Ele não é etilista, mas ele bebe muito aos finais de semana, mas a gente ta controlando ele... mas fora isso não tenho muito... meu irmão formou ano passado, voltou pra casa... ta sem saber o que faz da vida pra especialização, mas ta trabalhando já, ta super bem... porque lá no interior a gente tem muito contato, então tem muito emprego ainda, então ele ta super trabalhando. E meu irmão mais novo ele se frustrou muito com o curso, que ele fez Geofísica e pretendia fazer concurso, aí a Petrobras faliu, e aí esse “rombo”. Ele decidiu mudar de área, então tem quase 1 ano que ele ta estudando pra concurso, porque ele quer ser auditor fiscal. Ele já formou, porque são 3 anos o curso, então ele foi o primeiro a formar, na UFBA. Aí ele se mudou, voltou pra casa porque se ele ficasse em Salvador ele ia ter que fazer almoço, limpar a casa... e aí um primo meu ta morando lá, que ele passou em Medicina também, em Salvador, aí ele faz uma contribuição, mas ele mora lá... porque ele passou na UNIFACS. É um primo meu que já é enfermeiro.

E aí meu irmão mais novo ta super focado... ele estuda mais de 14 horas por dia, não sei como ele consegue (risos). Minha família é super... o mais velho é mais desleixado (risos). Mas ele é super focado, ele só faz almoçar, jantar, comer e fazer exercício, o resto é só estudar o dia todo e dormir. Estuda até a madrugada, acorda cedo... e eu tenho fé que ele vai passar, eu acho que ele consegue.

Mas eu tenho uma super admiração pela minha família, sou muito feliz, não tenho nada a reclamar da vida... inclusive eu acho que a cada dia que passa a gente aprende com a Medicina que não há nada a reclamar frente à vida de outras pessoas que a gente ver. Eu acho que a Medicina tem muito a ensinar.

EU: Então você se identificou na Medicina?

ISABEL: Com certeza! Eu sou extremamente apaixonada... eu, de gaiata, eu faço estágios autônomos, fora né... acompanho médicos, fiz 1 mês de estágio no SAMU. Eu sou apaixonada por emergência, por ajudar quem quer que seja... é lógico que toda profissão que lhe remunera e lhe valoriza, você se sente bem, mas é uma questão de identificação... depois que eu vi que eu não queria a área de exatas, eu já pensei em ser professora, gosto muito de dar aula, então eu penso em ser professora, em fazer mestrado, em dar aula na UEFS, que é próximo ali de casa. E a gente já tem planos de montar uma clínica lá na cidade... a gente quer montar uma clínica, eu e meu irmão. O plano de crianças era montar uma clínica para os 3... o sonho de minha mãe era que os 3 fossem médicos. Meu irmão do meio era o que mais queria ser médico, ele já estudava pra medicina. Colou no teto assim, eu quero ser médico e eu vou conseguir, mas ele não tem... ele não gosta de sangue, ele desmaia, ele não tem intimidade com a área da saúde... ele descobriu depois e minha mãe ficou super frustrada, e até hoje ela fala: Breno deveria ser oftalmo. Mas aí nossa tendência... pelo menos o que eu quero, eu não sei meu irmão, porque ele ta sem saber o que fazer de especialidade, falando que clínica dá muito trabalho (e realmente dá), mas minha pretensão hoje é voltar pra minha cidade, montar minha clínica e ficar com meus pais. Eu preciso retribui o que eles fizeram por mim. Eu quero ficar em Serrinha porque lá já tem muita Policlínica e tal, mas ainda tem emprego... só que antes disso, eu quero me especializar, então eu quero fazer uma residência boa ou em São Paulo... pode ser na Bahia, mas eu quero fazer em um dos melhores hospitais, porque eu acho que... (todos os professores falam isso), hoje o que importa não é a graduação, é a residência, então se você fizer uma boa residência... então eu tô estudando pra residência hoje. Agora eu não sei o que eu quero ainda, porque eu amo emergência, mas não tem residência de emergência. Todo mundo que é clínico geral pode ser emergencista, e aí eu to na dúvida, mas provavelmente eu vou fazer uma área clínica, um cardió, um endócrino, que provavelmente

dê pra eu morar em minha cidade com tranqüilidade, porque eu não tenho a pretensão de ser rica, de ter ostentação de nada... eu só quero trabalhar e cuidar dos meus pais, só isso. nenhuma pretensão de ter um cachorro, de casar, de ter filho, ter uma casa, um carro, e viajar o mundo inteiro (risos). Eu não tenho muita ambição não.

EU: Me fala um pouquinho sobre seus avós (paternos e maternos).

ISABEL: Meus avós paternos eles já tinham falecido quando eu nasci. Meu avô, pela foto, eu considero ele “pardo”. Minha vó... não sei definir minha vó, ela é... ela tem um cabelo que parece uma índia, um cabelão, bem grandão... inclusive o pessoal fala que eu pareço com ela, e ela é... porque a foto é preta e branca, mas ela é branca...

EU: Então você não conheceu nenhum dos dois?

ISABEL: Não, paterno nenhum. Porque meu avô ele tinha uma mulher, que ele teve 6 filhos, aí ele casou com a mãe do meu pai depois e teve mais 5 – minha família é muito grande (risos). Aí meu pai é branco... é... é branco... meu pai é branco, não é tão... ele é um pouquinho mais escuro que eu, mas ele não chega a ser pardo não. E meu pai fala assim, que ele não teve nenhum irmão negro, todos são brancos, porque da família mais velha eu não conheço tanto, e a maioria já morreu também... e da minha mãe, quando eu tinha uns 5, 6 anos meu avô faleceu. Ele era branco dos olhos azuis, ele era branquinho... e minha avó faleceu quando eu tinha uns 14... ela era branca, branca mesmo, também.

Agora na família... é muito misturada assim, não tenho uma definição não. Mas a maioria é branco, acho que não tem nenhum “negro negro” não... tem pardo.

EU: E por que você se autodeclara branca?

ISABEL: Na verdade eu acho que eu sou amarela, tem alguma declaração de amarela? (risos).

EU: Pelo IBGE, amarelo são os asiáticos...

ISABEL: Isso... aí eu fico na dúvida... e como eu sou amarela e não entro no amarelo, eu me classifico branca. Na verdade, a gente meio que não sabe o que é autodeclaração, entendeu?! Eu só declaro pela cor mesmo, agora se tem referência com minha família... ninguém explica isso pra gente. Então eu só penso na questão da cor da pele, não na questão de ancestralidade ou de representatividade nenhuma.

EU: E pela questão socioeconômica?

ISABEL: Não vejo relação não, mas pode ser que tenha né... eu acredito que as classes brancas... e socialmente falando a gente sabe que os pardos e os negros eles têm uma menor condição socioeconômica, mas isso hoje eu acredito que não tenha mais tanta influência, até pela miscigenação né... não sei definir isso... mas acredito que ainda no Brasil existe esse elitismo de raça e economia, tanto que as pessoas que são mais ricas na cidade são brancas e, eu vejo que a escola pública que eu estudei, 90% da sala era negra e tinha uma condição social muito desfavorecida. Na minha sala não existia um negro (na particular). Na do meu irmão tinha um, que era um primo meu, assim, distante, mas eu acredito que ainda exista sim, muito...

EU: Me fala um pouquinho das suas experiências de socialização na família, na escola...

ISABEL: Olha, eu nunca tive nenhuma dificuldade assim... eu, antes eu era menos assim, aberta... mas eu sempre tive amigos, nunca tive nenhum problema de relação social, minha família sempre foi... teve um bom suporte assim... não lembro de nenhum problema assim, de desenvolvimento... eu sempre tenho facilidade de fazer amizade, de entrar em um grupo, de participar das coisas... pelo menos o meu irmão teve muita dificuldade porque ele era gago, então... aí na escola ele tinha um... em casa ele era um furacão e na escola ele era bem quietinho, então ele tinha dificuldade de socializar. Mas em questão de dificuldade não, nunca tive problema...

A minha família é super tranquila... minha mãe é muito... excêntrica não... muito dinâmica assim também, faz muita amizade, conversa muito e meu pai mais ainda... ele tem uma

fluência muito boa, inclusive na loja ele conhece a cidade inteira, porque quando eu fico na loja pra ele todo mundo que chega pergunta “cadê seu pai? Cadê seu pai?”. Ele brinca com todo mundo, conversa... é meio grosso um pouquinho, mas...

EU: E você vai sempre pra lá?

ISABEL: Pra loja?

EU: Pra sua cidade...

ISABEL: Ah, sim! Eu vou 1 vez no mês, quando dá. Antigamente eu ia mais. 1º e 2º ano eu ia a cada 3 semanas, quando tinha feriado, ou então quando tinha uma data, um aniversário, coisas assim... 3º ano eu ia uma vez no mês. Esse ano foi bem complicado, eu to indo assim, a cada 40 dias, porque o curso apertou mais. Serrinha é depois de Feira 1 hora. Pego um ônibus daqui pra Feira e de Feira pra lá... é muito complicado por causa disso, porque o ônibus que sai de Jequié pra Feira é muito tranquilo, é semi-leito, mais confortável... mas de Feira pra Serrinha os ônibus são bem mais precários e aí eu perco muito tempo por causa dessa transição. Tem um ônibus de Serrinha pra Jequié, mas ele pára no apoio rodoviário e é coletivo, aí demora tipo 9 horas de viagem, aí é muito ruim, muito ruim. É uma das coisas que eu enfrentei dificuldade foram essas viagens né, é muito cansativa.

Inclusive minha prima veio morar aqui tem uns 3 meses que ela não vem mais porque ela sofreu um acidente de carro, ela veio ser professora aqui, da UESB, ela passou no concurso daqui como professora substituta de Odonto, pra TCC, e aí esse período eu fiquei indo e voltando de carro com ela. Melhorou minha vida 100% (risos). Ela sofreu um acidente, fraturou uma vértebra e aí ta em recuperação, ta afastada 3 meses. Mas não sei se ela volta mais, porque parece que o contrato vai vencer... provavelmente agora eu vou me mudar, porque eu moro aqui na frente da UESB, como a gente vai pra o internato, no hospital, vou me mudar pra o centro, pra próximo do hospital.

EU: A maioria do pessoal faz isso né...

ISABEL: Quem não tem carro, quem tem acho que opta, por já estar aqui adaptado, por ficar aqui... mas aqui o aluguel é mais caro, bem mais caro do que lá. No centro você acha de R\$ 500,00, R\$600,00, eu já to pesquisando. Aqui eu pago R\$ 700,00, caríssimo!

EU: Mas você mora sozinha então?

ISABEL: Sozinha... porque eu sou uma pessoa... porque tipo assim, é a mesma casa que Dalila tava, quando eu cheguei Dalila tava morando sozinha e pagando R\$700,00, porque ela falou que não dava pra dividir, porque não conhecia e tal... aí eu vim morar com ela e comecei a dividir, pagava R\$450,00 e ela R\$450,00, aí ela foi embora, e eu comprei os móveis dela, porque eu só tinha o microondas, minha cama, um guarda-roupa e minha mesa. E aí meu pai falou assim: “É... vamos mudar de casa né, porque se não fica muito caro. Ele aumento pra R\$900,00, e vai ficar muito caro pra você ficar lá sozinha”, então aí meu irmão queria que eu dividisse, porque meu irmão mais velho nunca teve problema com isso, ele sempre dividiu, e ele sempre pagou tipo R\$200,00, R\$300,00 reais... aí é uma briga lá em casa, mas eu falei “não, mas eu não tenho condições de dividir”, porque eu sou uma pessoa muito chata, muito chata! Eu me conheço... então eu não consigo estudar com perto de mim, com barulho... eu não consigo. Até os grilos da casa eu boto pra fora, porque eu não consigo estudar com barulho. Televisão... que até quando Dalila morava ai, que ela só fazia dormir praticamente, porque o internato você passa o dia todo no hospital... e me incomodava... eu não gosto de depender de ninguém pra almoçar, pra fazer nada, pra limpar a casa... e com casa eu sou estritamente “cri cri”, então eu não gosto de deixar prato sujo, nada sujo, nada fora do lugar. Se você chegar, pode ta o período de prova que for, se você chegar lá ta tudo organizadinho. Até meus colegas falam: “meu deus como Juliana consegue”.

Eu sou possessiva demais, eu sou muito controladora em relação às pessoas, então até hoje eu não sei, eu acho que eu sou... meu namoro só deu certo porque a gente ta longe, porque eu sou uma pessoa muito chata, muito chata! Eu reconheço isso, então não dá pra dividir... aí eu

quero mudar pra um lugar menor porque a casa é grande, tem 2 quartos, tem a parte da frente, tem o quintal... parece uma casa de uma pessoa normal. Minha prima falou “oxente, isso aqui é uma suíte, não é uma casa não” (risos). Aí eu quero mudar pra um lugar menor, e se possível assim, vizinho do Prado. Eu provavelmente vou almoçar lá e tal... quero ficar lá pra pegar plantão à noite, agora que mudou vai ser melhor ainda. E... meus planos são esses...

EU: E no caso, como que você faz pra se manter aqui? Seus pais que te ajudam?

ISABEL: Isso. Eu nunca trabalhei, nunca precisei nem me preocupar com questões de dinheiro. Graças a Deus meu pai ele já paga direto o aluguel pra o dono, ele já tem a conta do dono e deposita direto... e todo mês ele deposita uma quantia pra mim e, por mais que ele deposite tipo, R\$500,00, R\$300,00, ele sempre pergunta “e aí tá precisando de mais?”, aí manda mais... tudo que eu peço assim... curso extra, eu faço curso online; livro... não tem limite, tipo assim... meus pais têm uma condição financeira muito boa hoje. Meu pai é aposentado e ainda tem a loja. A gente tem algumas casa de aluguel pela rua lá, vários terrenos, a gente tem roça... então a nossa condição socioeconômica é muito boa.

Meus pais casaram muito velhos já, então eles construíram a vida primeiro, pra depois planejar, então a minha mãe casou ela tinha, na época era 33 anos... minha mãe casou ela já era uma idosa (risos). Meu pai casou com 35. Hoje meu pai tem 65 e minha mãe vai fazer 56, então eles casaram muito tarde, e aí quando minha mãe casou ela já tinha um carro, já tinha um terreno, já tinha uma casa, e meu pai já tinha, e aí eles só fizeram construir mais ainda, por isso que a estabilidade econômica sempre... assim, quando meu irmão passou em Medicina em Porto Velho, foi mais difícil, porque era particular, e aí meu pai teve que pagar... era “meia”, ele ganhou bolsa, por causa da nota... e aí meu pai tinha que pagar R\$3.000,00 por mês, aí apertou um pouquinho, mas a gente nunca precisou... mas depois ele passou pra pública, e só conciliou as disciplinas, aí ele conseguiu cancelar 1 ano. Era pra ele ter formado com 25, ele formou com 26. Mas ele formou até novo...

Então meus pais sempre ajudaram eu e meus irmãos, a gente nunca teve assim... o problema da nossa família é que estuda demais e trabalha demais. Meus pais não têm lazer, meus pais só fazem trabalhar e dormir... trabalhar e dormir... então a gente sempre reclama disso. Eles tão melhorando aos pouquinhos, mas meus pais não têm viagem, não têm férias, não lembram das últimas férias... porque assim, o problema do armarinho é que o período de maior movimento é em janeiro e dezembro, por causa do material escolar, a gente tem que trabalhar no material escolar e tem que trabalhar na loja, e isso gera muito conflito em casa porque todo mundo tá estressado do ano inteiro, e quer descansar... eu queria estudar nas férias e ninguém deixa, é uma briga (risos), porque todo mundo tem que descer, porque a loja lota, muito cheio. Meu pai não organiza as coisas antes... os empregos não dão conta, aí só dá conta a gente mesmo que é dono, que já sabe como é que faz a lida né... porque é muito difícil trabalhar na loja... é muito item pra se vender, cada lista é um tipo diferente, e tem que ser muito ágil também. Meu pai, meu deus do céu (risos), é uma briga em casa!

Aí hoje... antigamente a gente trabalhava, quando era pequeno. Trabalhava um turno, por exemplo, ficava de tarde... mas depois que a gente passou pra estudar Ensino Médio meu pai já... hoje ele nem me chama mais. Antes eu ia pra casa e ficava “Juliana, fica na loja pra mim”, hoje ele nem me chama mais, agora quando é janeiro e dezembro tipo, não tem férias, meus pais não fazem nada, não aproveitam a vida... o dinheiro que ganha é só pra guardar no banco e comprar coisa, e eu não aguento mais isso (risos)! Eu falo “meu pai, gasta isso”... e eles não planejam uma viagem, e tipo assim, meu irmão morava em Petrolina, uma cidade maravilhosa e eles foram 2 vezes em 6 anos. Uma foi pra formatura forçados, praticamente forçados. E aí a gente sempre briga por causa disso. Minha mãe não entende que o que ela faz é anormal, que ela trabalha demais... ela trabalha demais! Dorme muito pouco... e eu não consigo mudar isso na cabeça deles. Eles trabalham demais, e isso me incomoda (risos)! Você sabe o que é...

Tipo assim, antes eu começar a namorar eu tinha a mesma vida, só que a família do meu namorado é muito mais “pra frente” em relação a isso. Eles saem, eles viajam muito... e aí eu viajo com eles (risos). Se não fosse isso eu ia ser a mesma coisa, entendeu?! Mas aí depois que eu comecei a ver que a vida não era só isso, eu comecei a mudar a cabeça dos meus pais, mas não consigo, porque eles têm condição de fazer uma viagem quando eles quiserem, a hora que eles quiserem... de curtir, sair... e não fazem nada, só ficam lá o tempo inteiro (risos)... dentro de casa, assistindo jornal. Aí eu chamo pra sair e eles não querem. Por isso eu quero fazer diferente. Pelo menos isso eu aprendi que não vale a pena, porque minha mãe trabalhou tanto, pra quê?

Aí tem um conflito na família, porque meu pai tem um filho fora... assim, antes do casamento, antes dele casar ele já tinha um filho, e aí esse filho ele culpa minha mãe, porque ele acha que ela que afastou ele do meu pai. Só que é um problema... porque assim, ele acha que ele deveria ter sido criado junto com a gente, e minha mãe nunca aceitou ele. Ela já casou sabendo que não ia criar ele, entendeu?! Porque ela não aceitava, e aí ele acabou sendo criado com a avó, com o avô. Ele vai lá em casa, conversa com meu pai, já tem até um filho... só que o problema é que ele acha que ele tem posse das coisas, dos imóveis da minha mãe, e aí gera um conflito, entendeu?! Porque tipo assim, tá no nome de meu pai, então ele tem direito. Aí a gente tá passando por alguns problemas. Inclusive ele faz um curso, ele faz Direito, porque ele falou que ele tem direito... ele é policial. Aí, inclusive, meu pai já tinha cedido um terreno à ele... meu pai cedeu um terreno a ele, ele construiu a casa, casou, teve esse filho, brigou com a mulher, separou e deixou o terreno pra mulher, tipo assim... aí ele acha que ele tem direito a mais coisas, só que ele nunca trabalhou pra família, nunca investiu na loja... aí a gente tá procurando algum meio de entrar em um consenso, mas ele é muito... e aí isso vai ser um grande problema pra gente no futuro, eu tenho certeza disso... porque ele falou que ia até a morte, procurar os direitos dele. Só que assim, eu entendo que ele tenha o direito do meu pai, mas minha mãe trabalhou a vida inteira, e ela não tem relação nenhuma com ele e, é isso que revolta ela, entendeu?!

EU: Mas vocês, irmãos, tem uma boa relação com ele?

ISABEL: Não... olha, eu não conhecia ele, porque era meio que um tema não comentado em casa, aí depois que eu conheci. É... eu falava com ele, meu irmão mais velho odeia ele, e sempre foi... nunca aceitou ele por causa que minha mãe tem problemas, e ele protege a minha mãe. Meu irmão mais novo é o que mais aceita ele assim, que mais acha normal, que ele deva participar da família, só que aí depois que ele foi lá em casa e brigou com minha mãe, na frente do meu pai, que gerou um conflito, aí eu me afastei um pouco dele. Mas aí, vejo na rua, falo... não tenho nenhum rancor, nenhum problema assim...

EU: Não sei se você já falou, mas o que te motivou a fazer o curso de Medicina?

ISABEL: Ó, algumas coisas... Medicina porque eu já tinha me definido na área da saúde. Assim... porque na escola eu sempre gostava de matemática... eu sou apaixonada por matemática, então eu sempre achava que ia fazer uma área de exatas, mas aí depois que eu vi a prática, a prática de exatas não me agrada, entendeu?! A engenharia, aquela coisa de tá no sol, guiando obra... pra mim eu não gosto. Então eu decidi a saúde. Odonto eu não gostei porque é uma área muito limitada, e a gente estudava o mesmo tempo, a mesma coisa, e isso me incomodava muito. Dente, dente, dente... e porque você investia muito num curso que não dava retorno assim... então eu comecei a perceber que as pessoas... minha cunhada, que formou e começou a trabalhar, encontrou dificuldades, porque o mercado já tava muito saturado, e aí como eu pensei assim... olha, eu estudo muito, eu gosto da área de saúde, então vou tentar medicina. Meu irmão faz, e no futuro a gente tem planos, então... e todo mundo falava isso: “Juliana, você tem que fazer medicina; você estuda muito; você consegue!”. E aí eu decidi tentar, mas eu tinha medo, porque como eu sou uma pessoa “cri cri” pra limpeza. Eu tinha medo de hospital, eu achava que não ia conseguir pegar numa maçaneta no hospital, eu

achava que eu não ia conseguir examinar um paciente... por causa dessa condição de higiene, sabe?! E isso me incomodava muito, e isso de ser contaminada por alguma doença... eu era muito possessiva em relação a isso. Aí quando eu comecei a ir pra o hospital, eu percebi que não era nada disso, que eu podia tocar no paciente, e que isso não ia me causar nenhum dano, ou examinar um paciente sem ter nojo dele... porque geralmente as condições sociais que estão atreladas às condições de higiene... e eu comecei a tirar esse estigma que eu tinha, entendeu?! E a viabilizar a medicina como uma forma de ajudar as pessoas e ser remunerada bem por isso. E... eu sou apaixonada! (risos)

EU: Como foi pra você chegar onde você chegou e o que pensa para o seu futuro? Acho que os planos que você tem pra o futuro você já falou né...

ISABEL: Ó, sinceramente... eu não to onde eu queria estar, porque eu queria passar na UFBA, eu sempre quis fazer medicina na UFBA, só que como a UFBA entrou pelo Enem, eu nunca fui tão bem assim no Enem como eu fui no vestibular, eu sempre fui uma aluna preparada pra vestibular, então acabou que eu tive esse azar... a UFBA saiu do vestibular. Inclusive eu continuei tentando o Enem quando eu tava aqui... fiz mais 2 anos, e a minha maior nota foi quando eu não tava mais estudando. Foi uma loucura assim... e aí eu botei pra UFBA e pra do meu irmão, lá no Vale, e eu fiquei na classificação, só que aí eu tinha que escolher entre uma e outra, pra 2ª chamada né, aí eu acabei escolhendo UNIVASF, e até hoje não sei porque, e perdi a vaga da UFBA, porque foi chamada a pessoa que tava no meu lugar. Isso foi um baque pra mim, na minha vida (esqueci de falar isso). Aí de uma forma ou de outra, não sei se foi bom ou ruim, porque na UFBA eu ia perder tudo porque aqui é PBL, então eu ia ter que começar do zero. E aí até hoje eu não sei... até hoje eu me olho no espelho e falo: “Deus, o Senhor tem um projeto pra mim, que é aqui... que eu não entendi ainda, mas que um dia eu vou entender”... porque tudo me fez sair de Salvador, tudo que eu fiz pra ficar em Salvador não deu certo, e aí meus pais falam que foi bom, porque Salvador é muito violento, e não gostava de mim lá... e o meu namorado fala a mesma coisa. Quando ele foi me visitar uma vez, ele quase foi atingido por um tiro... foi visitar, e quando ele tava voltando, ele desceu a passarela ali, e aí tinha um policial correndo atrás de um ladrão, aí o ladrão passou por ele e o policial atirou, e pegou no ladrão. Tipo assim, se ele errasse, ia atirar e... entendeu?! E isso foi meio que um baque pra mim, entendeu?! Eu percebi que as vezes a gente quer de uma forma, mas... aqui eu tenho muita qualidade de vida, eu moro em frente a faculdade, eu pego almoço na mulher da frente ali, que eu não preciso fazer almoço, não preciso cozinhar... então aqui eu sou muito feliz, embora a faculdade daqui tenha alguns problemas ainda, e o estágio esteja melhorando, mas eu acho que eu fiquei num bom lugar. E os meus planos pra o futuro eu acabei já falando né?! Eu quero fazer uma residência boa, ser uma boa médica, me especializar e abrir uma clínica em minha cidade, pra fazer tipo uma policlínica... quem sabe um centro médico, quem sabe um hospital no futuro (risos).

E eu quero fazer alguma ação social. Quero abrir uma clínica... porque minha mãe obrigou a gente a fazer isso... falou: “Vocês tem que fazer isso”. Fazer um dia, que é pra gente atender de graça alguém que não tenha condição. Meu sonho, quando eu era criança era criar uma instituição pra pegar cachorrinho de rua... e eu penso em direcionar algum salário, algum lucro fixo, pra alguma ação social, lá na minha cidade... e meu irmão quer ser prefeito (risos). Lá em minha cidade todos os médicos são prefeitos. Dizendo ele que está ganhando popularidade, que está visando novos horizontes... (risos). Eu falei não, eu odeio política, não quero me envolver com política, eu não sou uma pessoa política.

EU: Como você considera a relação com a sua turma? Ah.. você já falou né...

ISABEL: Ah... eu sou muito feliz. A gente não devia comparar né... mas comparando: de todas as turmas eu cai na melhor turma que eu poderia cair. Eu me contemplo muito, porque assim, não só em relação a amizades... as pessoas são muito boas... a gente não tem... tem alguns problemas, mas são com pessoas específicas, que a gente consegue resolver. Mas no

conjunto, é uma turma que estimula, porque todo mundo é bem dentro de casa, todo mundo gosta de estudar. Todos os professores falam: “Ah, essa é a melhor turma que eu já vi”, ou então compara com a primeira, que foi a da minha prima, que falam que a melhor turma. E isso deixa a gente muito feliz, porque a gente ver que algumas turmas... a faculdade pública, ela depende muito da gente pra ser boa também, então a gente tem que tentar mudar a faculdade, e isso a gente ver, pelo menos na minha turma. Quando ta faltando aula, a gente corre ali, encaixa a aula, bota o que ta faltando... e a gente acaba não... acaba não tendo muita deficiência por causa disso. Mas outras turmas a gente já ver que não acontece a mesma coisa. Então é uma questão de força de vontade só... e aí a minha turma é sensacional!!! Eu não tenho o que reclamar. Problema a gente sempre vai ter né...

EU: Queria te fazer uma pergunta mais direcionada... O que você entende por racismo? Você se considera uma pessoa racista?

ISABEL: Racismo... bom... racismo é você formar um conceito que talvez não exista, que a pessoa não... um conceito de minoria né... você sobrepujar sua condição... ser melhor que os outros... sinceramente, minha família ela é um pouco racista, então a gente foi criado na questão de branco... porque meu pai tem uma visão muito racista por causa da polícia, porque as pessoas que eles prendem, as pessoas que criam problemas, as que têm vício de droga, violência, relação com o estupro... todas, a grande maioria, são negras, então ele tem isso muito enraizado na cabeça dele sabe?! A gente tenta tirar, mas as vezes aí ele faz um comentário maldoso: “Ah, enfim é negro... enfim é isso... enfim é isso...”. Só que eu não sou muito favorável, eu condeno qualquer tipo de racismo, mas as vezes, sem querer a gente acaba cometendo algum tipo de racismo, e com relação a isso eu sou bem sincera... as vezes a gente julga uma pessoa que ta na rua porque ela é negra, ou porque ela não ta se vestindo bem. Ou então você julga uma pessoa menos intelectual, sua capacidade cognitiva menor, por causa da sua condição racial, infelizmente... mas eu tento não... eu tento me controlar e fazer com que meus pais pensem que isso é diferente. Minha mãe não tem problema nenhum não.

EU: E tem mais alguma coisa assim, da sua história de vida, algum período importante da sua vida? Alguma coisa que te marcou? Que você queira falar, ou que você tenha esquecido, sobre a sua história de vida...

ISABEL: Pausa...

É... assim, eu acho que tem duas coisas que eu considero: a primeira é que minha infância foi muito feliz. Eu tenho de lembrança assim... porque minha família tem casas próximas assim, então eu tenho uma família que mora na vizinha, e entre uma casa e outra é o terreno, então a sempre um conglomerado, então eu sempre tive boa relação... eu tive muitos primos... eu era uma moleque-macho, porque eu gostava de jogar futebol, não gostava de boneca. Eu sempre brinquei com meus irmãos porque são mais velhos, aí a gente jogava bola na rua... sempre imaginava... eu lembro que as vezes eu parava, desde criança, pra pensar: “Nossa! Como a minha vida é perfeita... como eu tenho tudo!”... e como aquilo me marcava por ser diferente com outras pessoas né... como a gente via muitas crianças sendo subjugadas por causa das suas condições....

Quando eu fui professora de magistério, eu percebi uma realidade que eu nunca tinha percebido: Aquelas crianças na escola, abandonadas... aquela violência que eles sofriam... e isso me assustou um pouco, porque quando a gente pensa é fácil, mas a gente vai pra realidade é outra... e como a escola pública é diferente da particular! Como a escola pública é muito diferente, e não prepara o aluno pra vida, ou pra vestibular, ou pra pensar e raciocinar de uma forma que ele queira mudar sua realidade, e isso acho que foi o que mais me impactou assim, a minha vida assim... e como a gente consegue mudar as coisas... eu acho que existem condições que me ensinaram que eu posso ser o que eu quiser ser, só quando eu quiser ser. Então, algumas mudanças de vida... por exemplo, eu nunca achava... tudo que eu faço na vida eu acho que é pior que a de todo mundo. Por exemplo: se eu to aqui, eu acho que a faculdade

é pior... que as pessoas tão sempre melhor do que eu... por exemplo, a escola era particular, mas era uma cooperativa, então meu pai pagava tipo R\$200,00, era bem baratinho, porque era reunião de pais que montaram uma escola, elegeram um diretor, e não era a melhor escola da cidade. A melhor escola era a que meu namorado estudava, e a mensalidade era super alta, então eu sempre achava que eles estavam melhores, que eles tinham professores melhores, que eles iam passar no vestibular e eu não ia... e eu sempre tinha essa negatividade, só que isso me fazia estudar, pra mudar isso, entendeu?! E eu acho que quando a gente compara, hoje por exemplo, um colega meu que veio de uma escola particular de Salvador, que passou de primeira no vestibular, com a maioria das pessoas que têm na sala, que vieram do interior, que estudaram em escola pública, ou particular que não eram tão boas (como algumas colegas minhas), eu considero que eu venci na vida (risos), porque a minha escola não era tão boa, embora fosse particular... e eu tentava mudar a escola, e isso é bem presente em mim... eu tentava mudar a diretoria, os professores... tentava melhorar as coisas... eu acho que por onde a gente passar, a gente tem que fazer isso: tentar deixar um rastro de mudança, ou de querer mudar alguma coisa.

EU: Isso que você falou de que ficava reclamando da sua realidade e pensando na realidade do outro, que era melhor e tal... mas e hoje em dia, quando você pára pra pensar, que você ver que realmente reclamava, mas que tinha pessoas em situações piores... então você acha que isso seria um privilégio? Tipo, você é privilegiada por ter coisas que outras pessoas não têm...

ISABEL: Com certeza! Hoje eu percebo que quanto mais a gente tem contato com a prática, que a gente ta muito, muito, muito além do que muitas pessoas têm... que a gente reclama muito, muito... muita injustiça né... a gente tem muita pouca gratidão, porque eu nunca devia ter reclamado de nada, sempre... eu antes de ir pra Salvador era uma pessoa muito estressada, eu me preocupava com tudo, eu brigava com todo mundo, e Salvador me fez mudar. Um ônibus que eu pegava, eu pensava: não vou me estressar, porque vai demorar, vai encher, vai lotar... e aí eu fui mudando a minha perspectiva e percebi que eu era uma pessoa muito chata... de reclamar de tudo, de reclamar da vida. Meu irmão do meio a pessoa mais positiva do mundo, e ele sempre fala que eu sou o “anion” e ele é o “cátion” (risos)... que ele puxou toda positividade da família, porque meus pais são negativos, meu irmão mais velho é negativo, eu sou super negativa... eu acho que tudo sempre vai dar errado, e meu irmão não, ele sempre pensa positivo. E a medicina me fez mudar, entendeu?! Porque as vezes eu paro pra pensar em casa, “meu Deus, por que eu to reclamando? Eu tenho comida, eu tenho casa, eu to fazendo o curso que eu quero, meus pais me apóiam...”, então eu tenho tudo que eu preciso ter e as pessoas que eu vejo no hospital não têm nada, não têm dinheiro pra comer, não tem dinheiro pra comprar remédio, ou ta com uma doença que limita ela fazer alguma coisa que possa melhorar sua qualidade de vida... e isso me toca profundamente.

EU: Então você acha que a medicina te ajudou também nesse sentido?

ISABEL: Com certeza! E vai me ajudar cada vez mais... vai me mudar como pessoa, vai me tornar uma pessoa cada vez melhor. Eu espero isso dela (medicina).

EU: Então é isso... muito obrigada Isabel pela sua colaboração!

Safi, 21 anos, autodeclaração (cor/raça): Parda

EU: Bom, o meu método é História de Vida na Psicologia Social, então eu queria que você me contasse um pouco da sua história de vida até ingressar no curso de Medicina... O que você se sentir a vontade pra falar. Você pode falar do seu percurso de vida, mas não somente o de escolarização, mas da sua vida de um modo geral.

SAFI: Então... eu sou de Irará, uma cidade perto de Feira de Santana. É uma cidade pequena, são uns 29.000 mil habitantes. Aí eu sempre estudei a minha vida inteira lá em Irará, que era um colégio particular, porém como era uma cidade pequena, era um colégio particular típico de uma cidade pequena. Não era nada que se compare aos grandes colégios de outras cidades não. Eu terminei o Ensino Médio com 17 anos. Nisso eu prestei vestibular, aí eu passei aqui com 17 e comecei a cursar aqui em Jequié com 18 porque eu faço aniversário no meio do ano. Eu morei a vida toda com os meus pais. Somos eu, meu pai, minha mãe e minha irmã. Moramos na mesma casa. Mas assim, os meus familiares mais próximos também são de Irará. Que no caso seriam as minhas tias, que tiveram uma influência direta na minha criação... sempre foram muito próximas de mim. São as minhas “mães auxiliares”, digamos assim, e as minhas duas avós. Meu avô materno... eu convivi com ele até os 6 anos, que foi quando ele faleceu, aí eu não me lembro tanto quanto eu gostaria. E meu avô paterno eu não conheci, ele morreu antes de eu nascer. Minhas avós faleceram esse ano, uma em abril e a outra em junho. E aí eu era muito próxima a elas duas, principalmente à minha avó materna (aquela que eu te falei que era negra do cabelo liso).

Então... eu nunca passei por muitos problemas ao longo da minha vida não. Graças a Deus as coisas sempre foram muito tranquilas. A minha mãe é professora aposentada do Estado, e o meu pai é autônomo, ele tem um bar.

É... sim... em relação às coisas, sempre ocorreram de forma muito tranquila lá em casa, mas que eu me lembre assim, de eventos que me marcaram... quando eu tinha 12 anos, a minha mãe teve câncer de mama, só que graças a Deus ela descobriu no estágio inicial, aí ela só precisou passar por radioterapia, não precisou fazer a quimio. E já então 8 anos, e ela tá curada, em nome de Jesus!

EU: Amém.

SAFI: Quando eu tinha 16 anos também eu passei por um momento muito complicado, porque uma das minhas tias, que eu falei que é muito próxima de mim... na verdade, a vida toda dela, ela teve depressão, só que aí quando chegou nesse momento ela teve uma crise muito forte, teve surtos psicóticos e tal, então foi o ano de 2013 todo ela tendo surtos, só que só no fim do ano que a gente teve o diagnóstico de fato, que ela era bipolar. Aí quando teve o diagnóstico certinho, teve o tratamento, aí ela melhorou. Hoje ela tá bem melhor, graças a Deus. Mas aí em 2013, minha irmã mora em Salvador...

EU: Sua irmã é mais velha ou mais nova?

SAFI: Ela é mais velha que eu 1 ano e meio. Aí eu também sou muito próxima da minha irmã.

EU: Qual curso ela faz?

SAFI: Ela faz Direito, em Salvador.

Então... nós somos muito próximas. Aí nesse ano de 2013 ela passou em Salvador, aí ela teve que ir, e eu fiquei em casa, estudando. E aí foi nesse ano que a minha tia ficou muito mal, e lá em casa, embora eu seja a mais nova, eu sempre fui meio que a mais centrada, digamos assim. Aí as coisas sempre, de alguma forma ou de outra recaíam sobre mim, aí foi nesse ano que eu também tive muita responsabilidade lá em casa, tanto em relação à minha mãe e à minha tia, quanto à minha vó também porque ela não podia se submeter àquela situação. Mas aí

melhorou... porque foi o grande trauma, digamos assim, da minha vida. Mas aí também depois disso eu amadureci bastante.

Aí em 2014 as coisas melhoraram de novo, ela já tava melhor. Foi quando eu passei e vim pra cá pra Jequié. Eu vim em agosto. Aí no início do ano, como eu tava em casa, eu continuei estudando porque o meu objetivo era ficar perto de casa, na UEFS ou em Salvador, que é pertinho de Irará também. Mas se fosse na UEFS era melhor porque eu não ia precisar me mudar.

EU: Então você sempre quis Medicina?

SAFI: Então... (risos). Assim, eu decidi fazer Medicina de fato no 2º ano. No 1º eu tinha uma ideia, mas não tinha certeza. Aí no 2º ano que eu tive certeza do que eu queria, aí eu comecei estudar muito. Aí o meu 2º e 3º anos foram muito intensos assim... porque eu estudava muito sozinha. Porque como eu te falei, o meu colégio era de cidade pequena tinha muitas dificuldades assim... então eu tinha que compensar o que eu não tinha na sala, estudando só em casa. Aí foram 2 anos muito complicados.

Aí eu queria Medicina, mas diferente de outras pessoas que diziam assim: “- Ahh, eu nasci sonhando... em cuidar de boneca...”, não... foi uma escolha meio racional assim, e também porque eu não me vejo fazendo outra coisa. Só tinha Medicina. Ou, por mais irônico que pareça, eu gostava muito de literatura, aí eu pensava em letras também. Eram dois polos bem opostos assim, mas acabei vindo pra Medicina.

Aí eu fiquei estudando em casa em 2014, porque eu queria passar perto de casa pra não ter que me mudar, porque foi um processo bem difícil pra mim... quando eu vim pra cá, porque como eu morei a vida toda com os meus pais, chegar aqui foi muito difícil pra eu me adaptar assim, com essa questão emocional. Mas aí aos poucos eu fui amadurecendo e vai aceitando as coisas, digamos assim.

Eu moro em Jequié com uma amiga minha. Deus é tão bom, que eu conheço essa minha amiga desde a 5ª série, aí a gente é amiga desde a 5ª série, desde os 11, 12 anos. Aí eu passei aqui, ela não tinha passado ainda, mas eu vim me matricular e tal, aí uma semana antes de eu me mudar ela passou, aí a gente veio morar juntas. Há 3 anos, e graças a Deus a gente se dá super bem.

EU: Ela faz Medicina também?

SAFI: Ela faz fisioterapia.

É... deixa eu ver, o que tem que falar... ahhh, então. Eu cheguei aqui, eu moro num apartamento alugado, meus pais é quem provém as despesas que eu tenho aqui em Jequié. Eu não vou pra casa com muita frequência. Na verdade, no 1º ano como era mais leve eu até ia. Aí dava pra ir uma vez no mês. Aí no 2º ano foi ficando mais difícil... ia a cada dois meses. Até que esse ano eu só fui pra casa 4 vezes. E eu só fui 4 vezes na verdade porque foram 4 eventos que não estavam programados: um a minha vó faleceu, aí eu tive que ir encima da hora. Aí depois eu voltei, aí a minha outra vó ficou internada, doente...

EU: Foram muito próximos então.

SAFI: Sim, foi muito de repente. A minha vó materna foi de forma muito inesperada. Tipo assim, eu ia pra casa na quarta-feira porque era feriado de semana santa, eu acho. Só que ela faleceu no domingo, e eu tive que viajar na segunda. Foi no dia 9 de abril. Aí eu fui pra lá, fiquei um pouquinho em casa porque eu não tava com muita condição de voltar pra cá. Aí quando eu voltei também não voltei muito bem. Eu fiquei meio “bugada”. Aí minha mãe veio, passou um tempo aqui comigo até eu me estabelecer de novo. Aí em junho eu fui pra casa no meu aniversário, e voltei. Eu fui no dia 13, aí minha vó ficou doente dia 23, aí eu tive que voltar de novo (minha outra vó no caso). Tive que voltar de novo porque chegou até a mim então que ela tinha falecido, mas na verdade ela não tinha falecido ainda. Tava só internada.

Aí eu fui dia 23 e voltei pra cá dia 26, pra Jequié, porque eu tinha aula. Aí dia 29 eu fui pra casa de novo porque ela tinha falecido. Aí esse ano eu só fui 4 vezes, e ainda assim porque

não tive muito controle. Esse ano tava muito complicado aqui na faculdade, pra conciliar e ir pra casa, porque a gente não tem aula na sexta normalmente, porém na segunda a gente tem aula 7 da manhã, e em Irará como é cidade pequena, não tem ônibus direto pra cá, aí eu tenho que ir pra Feira e de Feira eu vou pra Irará. E no domingo é difícil o acesso de ônibus de Irará pra Feira, aí eu não to indo muito pra casa por conta disso.

EU: Então só ficou os seus pais lá então? Só moram os dois?

SAFI: Na verdade minhas avós não moravam comigo não. Moravam só eu, meu pai, minha irmã e minha mãe. Só que como Irará é cidade pequena, minha vó morava com minha tia, e a minha outra vó morava com os meus dois tios. E essa outra avó que faleceu depois, ela já era bem independentezinha, ela não tinha muita restrição de vida, apesar da idade. Ela tinha 89 anos.

Já vó Nézia, que tinha 96, ela era bem nenêzinho, porque ela já não andava mais sozinha. Ela tinha comportamentos assim, típicos de idosos mesmo. Ela era bem nenêzinho assim, da família.

Mas assim, em relação à minha vó também, ela teve um papel muito importante na minha criação, porque a minha vida toda era assim, dia de sábado eu almoço na casa de vovó. Eu tenho 21 anos, até eu vim pra cá pra Jequié... eu vim pra cá com 18... foram 18 anos de todos os sábados indo ficar com a minha avó, todos os sábados. E aí a minha inserção na igreja também foi por conta da minha vó, porque eu acompanhava ela na missa e tal... deixa eu ver... se eu for falar da minha vida eu vou passar a maior parte do tempo falando de vovó (risos).

EU: Você estudou a sua vida inteira em escola particular?

SAFI: Foi, a vida toda no mesmo colégio.

EU: Até o Ensino Médio?

SAFI: Foi... até o Ensino Médio, a vida inteira. Porque como era um colégio pequeno, então foram basicamente os mesmos colegas, os mesmos professores. A minha mãe era professora da rede estadual, mas ela também era professora desse colégio que eu estudava.

EU: E ela está aposentada agora...

SARAH: Já. Do colégio estadual já, mas ela continua no colégio particular. Até porque é só ela e meu pai, aí ela fica em casa muito tempo sozinha. Então é até bom pra ela, pra ela não ficar muito tempo só.

Aí em casa hoje eu tenho uma gata, que eu adotei aqui em Jequié. Não sei se isso é relevante mas...

EU: Não... pode falar!

SAFI: Eu adotei aqui em Jequié uma gata, em maio de 2016, só que como eu moro com Ari, é complicado você inserir um animal numa rotina que já tá toda estabelecida. É meio falta de noção. Aí “Kiubi” mora com meus pais. Aí minha mãe é louca pela gata. Ela mora com meus pais em Irará. Eles gostam mais dela do que de mim, na verdade (risos). E tem um cachorro também. O cachorro da gente foi adotado. Ela já foi adotado grandinho, porque o dono dele não tava podendo criar ele, porque ia viajar e ia deixar “Pepe” na rua e tal, aí meu pai trouxe pra casa. De início a gente teve resistência com ele, porque meu pai nunca deixou a gente ter cachorro, aí do nada ele aparece lá com um cachorro e a gente aceita. Só que hoje o cachorro também é a paixão da vida da gente. Aí ele já tá com a gente desde 2014. E hoje são eles dois. Deixa eu ver o que mais...

EU: E assim... a sua relação com o pessoal da turma, das pessoas de Jequié de um modo geral?

SAFI: Aqui em Jequié basicamente as pessoas com quem eu me relaciono são os meus colegas, e os amigos de Ari que são de Fisioterapia no caso. Aí eu tenho contato com eles por conta dela. São as pessoas que eu tenho contato. De outros cursos assim, eu conheço algumas pessoa por monitoria, que acaba criando um laço e tal. Eu fui monitora do outro semestre de

Patologia, que era Odonto, Fisio e Enfermagem. Aí eu sair de Patologia, aí agora eu tô com outra turma de enfermagem. Então com pessoas de outros cursos é por conta disso.

E em relação ao pessoal de Medicina também, que basicamente eu tenho contato pela convivência. E é o mesmo curso, a mesma área, então a gente acaba se aproximando mais. Minha turma, graças a Deus, é muito tranquila. Muito mesmo. Quando eu passei aqui eu tinha muito receio do que é que eu ia encontrar, das pessoas de medicina, porque quem tá de fora acha que o curso de Medicina é de determinado jeito, a gente antes de entrar aqui também achava que seria. E realmente é. Só que aqui na UESB de Jequié pelo menos... a minha turma ela muito tranquila. Agradeço muito a Deus pela turma que eu tô. A gente tem um relacionamento bom. São pessoas muito legais.

Tambuzi, 21 anos, autodeclaração: Pardo

EU: Bom... é o meu método é a História de Vida, na Psicologia Social, como já havia dito, e eu queria que você me contasse um pouquinho da sua história de vida até chegar ao curso de Medicina.

TAMBUZI: Mas aí o que eu falo? O que você quer saber? Por onde eu começo?

EU: Você pode me falar, assim... sobre a questão financeira, de como foi pra você estar aqui hoje, se tem algum negro na sua família, porque você se declara pardo... são questões assim, só pra te dar um norte mesmo, do que você pode falar... como foi a sua relação com as pessoas na escola, desde quando você entrou na escola (no fundamental I e II, no Ensino Médio)... no curso de Medicina, como que você considera as relações entre seus colegas... sua relação com as pessoas da sua casa, da sociedade assim, de um modo geral... como foi a sua criação, se você sempre teve vontade de fazer Medicina... mas assim, você pode ir falando... o que se sentir a vontade pra falar, não que você tenha que responder ao que eu coloquei aqui, porque foi só pra te dar um “norte”.

TAMBUZI: Ok. Bom... eu nunca tive questão se eu tive negros na família. Eu não conheço ninguém que se declare negro na minha família. Sobre a questão do pardo foi porque tava na minha certidão, e eu nunca pesquisei, pra falar a verdade, sobre isso... mas eu sempre coloco porque eu sei que literalmente branco eu não sou, mas também tem um pouco de influência, é... por isso que... mas é a questão da certidão mesmo... eu nunca pensei sobre isso, eu nunca parei pra refletir sobre isso... a única vez que eu parei pra colocar, foi em vestibular. Então eu sempre colocava... era meio que automático. Tudo que eu vou preencher eu coloco “pardo”.

E em relação à minha história de vida... bom... eu nasci em Salvador, estudei lá a minha vida toda. Estudei em colégio particular a vida toda. É... problemas de criação, de... nunca tive. Nunca tive assim... eu fui uma... é pra falar da história toda mesmo?

EU: Você pode falar tudo que você se sentir a vontade pra falar sobre a sua história de vida.

TAMBUZI: Não... criança eu fui... era muito reservado. Tinha minhas amizades, mas gostava de ficar no meu canto, lendo...

EU: Você sempre gostou de ler então?

TAMBUZI: Sim... gibi. Muito! Eu era viciado (risos). A turma da Mônica era minha paixão... é até hoje (risos). E aí, eu sempre fui muito quietinho, na minha. E aí acho que foi a partir dos 9, 10 anos, é... uma coisa curiosa... 9, 10 anos que eu comecei a... desde pequeno eu sempre, é... eu sempre andei muito com meninas, então com 9 ou 10 anos eu comecei a descoberta da minha sexualidade, e aí... mas nunca fui...

EU: Então com essa idade você já tinha definido a sua sexualidade... é isso?

TAMBUZI: Não... não tinha definido, mas a gente tava meio que encaminhado... na verdade desde pequeno né (risos), mas 9, 10 anos eu já tinha... já começava aquilo dos grupinhos, e... são pessoas que eu ando até hoje, inclusive. E aí foi... (pausa)... e aí eu comecei a ir... aí depois tive Ensino Fundamental II. Foi tranquilo também. Nunca tive problemas com nota, em relação ao colégio, nunca fiquei de recuperação... sempre fui bom aluno. Meus pais não tiveram problema em relação a isso.

É... com Ensino Fundamental... no início do Ensino Fundamental II, foi tranquilo, mas eu era uma pessoa caseira, e aí como eu tava terminando... eu comecei a sair... e aí tem um momento da vida que você começa a experimentar tudo (risos)... é... (pausa).

EU: Foi no Fundamental II?

TAMBUZI: É. Foi no fim do Fundamental II, início do Ensino Médio, que é aquele período de descobertas e tudo... uma adolescência normal eu tive... nunca tive problemas com meus pais...

EU: Você é filho único?

TAMBUZI: Não. Sou o caçula de 2 meninas. São 2 meninas, e eu.

EU: E suas irmãs, elas fazem o que?

TAMBUZI: Uma irmã minha é publicitária, mas não trabalha com a área... e a outra... minha irmã é fonoaudióloga, trabalha e mora aqui comigo, inclusive. E aí ... no Ensino Médio começou alguns conflitos que eu tinha em relação ao vestibular. Eu queria fazer... pensei inicialmente em fazer alguma coisa na área de matemática, porque sempre tive maior destaque. E aí eu sempre pensava em algumas coisas... aí chegou o primeiro ano, e eu era... eu sempre fui muito indeciso. No meu terceiro ano, eu fiz orientação vocacional duas vezes, e nunca cheguei a nenhum resultado. A única área que eu vi que não dava pra mim, era a área de artes. Todas as outras eram bem compatíveis... quando você fazia aquela pontuação... então assim, minha dúvida foi muito... (pausa)... foi um turbilhão na minha vida.

Aí no segundo ano do Ensino Médio, eu prestei vestibular, é... e achava que queria Direito, na verdade eu não queria Direito, eu queria uma coisa mais ligada à Matemática, só que os meus familiares falaram que o Direito tava em voga, é... eu não sinalizava que queria Medicina, e aí os meus familiares queriam que eu fizesse Direito... porque meu pai é economista, e ele falou que eu não deveria seguir essa área de contábeis, administração... eles falam que nunca tinham... que eu fazia o que eu quisesse, mas... “não, você tem que ser mais independente...” (pausa).

EU: Tinha que ter uma profissão melhor?

TAMBUZI: Não... não era ter uma profissão melhor. Mas a questão é que eles tinham medo de... do meu jeito. Mesmo eu sendo assim, uma pessoa tranquila, eu tinha... eu tenho um jeito muito... não de querer dar ordens, mas de querer administrar as coisas. Eles achavam que se fossem uma profissão que eu tivesse que ser subordinado à alguém, ia ser muito difícil no ambiente de trabalho. Eu tinha que saber me virar. E aí por isso que eles tinham um certo receio.

É... outra coisa que eu acho importante frisar, é que eu fiz acompanhamento psicológico durante toda... fiz terapia dos 7 aos 12 anos, depois voltei...

EU: Por quê?

TAMBUZI: Olha, no início a minha terapia foi por conta um pouco de não adaptação à escola... foi quando eu comecei. Depois minha mãe me colocou no sentido de me achar um pouco diferente, porque eu era muito na minha, eu não tinha tanto... (pausa). Não era nem amigos, mas eu não... eu meio que... eu tinha um comportamento meio rebelde, assim... acho que hoje a minha mãe entende que não era tão rebelde, que eu só não ia fazer as coisas sem uma justificativa pra fazer essas coisas.

E eu sempre fui muito de... não é de querer mandar, mas... também de querer mandar um pouco (risos)... mas de... querer ter um norte. Eu não gosto de dividir trabalho... esse foi um quesito que eu não gostava na escola. Eu sempre... mesmo sendo, fazendo parte da galera da bagunça... só que eu sempre tinha foco. Eu nunca... eu nunca me deixei levar. Eu sempre tive um objetivo bem claro: eu não quero fazer cursinho, então não quero ficar... eu quero passar no vestibular e quero numa faculdade pública.

É... então eu sempre tive meio que foco, e aí os professores... meus pais eram chamados porque falavam que eu bagunçava e prejudicava meus outros colegas (risos), mas minhas mãe... isso aí não foi tão importante, mas... eu não sabia as vezes lidar em grupo, com trabalho em grupo também. Eu sempre tive... na verdade até hoje eu sempre tive muito estresse com irresponsabilidade. Eu não sou uma pessoa organizada, mas eu cumpro o que eu prometo. Então sempre foi...

EU: Então você sempre faz as coisas no seu tempo, digamos assim?

TAMBUZI: Não é nem no meu tempo... se você me dá um tempo determinado, eu vou fazer, eu vou entregar aquilo. Não importa se é mal feito ou bem feito. Mas eu vou entregar, porque eu assumi essa responsabilidade. E eu tenho muitos problemas com prazo... eu acho que foi mais um questão que eu tive mais problema no Ensino Médio, no Ensino Fundamental...

porque tinham aqueles trabalhos em grupos, e querendo ou não numa escola particular não existe... cada um faz o que quer. Aqui por exemplo, eu tenho muito menos problemas com trabalho em grupo porque as pessoas estão focadas, tem objetivo, então vão... todo mundo cumpre as coisas certinho e, era isso que eu sentia falta na escola. E era um dos meus motivos de estresse... preferia fazer as coisas sozinho, e aí dava reação aos meus colegas, e as professoras chamavam minha mãe... então isso sempre foi um problema em minha vida. Mas voltando a... (pausa)... à questão do vestibular, sempre tive essa indecisão, e aí no terceiro ano eu prestei pra Direito, aí passei. Aí fiz um semestre, e odiei, muito! (risos).

EU: Fez um semestre onde?

TAMBUZI: Na UFBA de Salvador.

É... odiei. Não suportava ir, e aí... eu joguei a nota no SISU, pra cá, pra Jequié. Porque pelo menos alguma coisa que... eu estava com desejo de sair de Salvador, porque eu não estava gostando da vida lá, eu não gosto de vida de cidade grande, devido ao trânsito... pegava ônibus... então minha casa tem que andar muito pra chegar no ponto de ônibus, então ali era... uma hora do meu dia tava perdida no trânsito... eram pequenas coisas que me estressavam. Uma hora pra ir, uma hora pra voltar. Então... eu... eu queria... eu preciso ter um tempo pra mim, aqui eu tô me distraíndo... eu to perdendo o foco, só to querendo saber de farra, e aí eu joguei a nota pra cá e passei, e aí eu vim.

EU: Então você nem fez cursinho?

TAMBUZI: Não... não... com a mesma nota que eu entrei em Direito eu entrei aqui.

É... aí eu vim. Minha irmã já morava aqui, por isso que foi um dos motivos por eu ter jogado a nota pra cá... e aí, eu comecei o curso... é... mais alguma coisa?

EU: Você falou que seu pai é economista... e a sua mãe?

TAMBUZI: Minha mãe é assim... minha mãe foi bancária muito tempo. Ela é graduada em Pedagogia, mas nunca exerceu a profissão. Mas ela foi bancária. E hoje em dia meus pais são aposentados. É... meu pai ainda trabalha, mas ele é aposentado (pausa).

EU: E como que você considera assim, a partir da sua formação... de como a sua família te orientou, e tudo mais... na escola. As questões de preconceito, de racismo, dentro da universidade ou até fora mesmo, se você já presenciou alguma situação...?

TAMBUZI: Olha, eu sou uma... eu acho até muito... (pausa). Não existe... é porque eu tive um colégio que era meio anormal... eu achava... não, isso aí é meio que clássico, assim... até os meus próprios colegas, falam... minha amigas que são negras falam. Era um colégio meio anormal para o padrão, porque... ainda mais curioso, porque a minha turma, eram pessoas de classe média, com mais negros, é... sendo que era um colégio de pessoas... um colégio “elite”, digamos assim... então foi uma turma meio diferenciada.

É algo engraçado porque eu sou uma pessoa... eu sou bem... nesse sentido eu sou bem militante até... só que é difícil você perceber o racismo quando você não sofre ele. Isso eu tenho plena consciência. É... eu não sofro... eu não vou sofrer porque, óbvio, eu não tenho a aparência, mas eu sei que eu pratico quando... mas as vezes eu fico pensando: será que é uma questão de racismo ou uma questão de desigualdade social e de classe social, entendeu?! Porque as vezes eu acho que não é nem em relação à pessoa ser negra. Claro que as pessoas mais pobres são pessoas mais negras, isso é uma questão clássica... que a população... questão brasileira né... mas... eu tenho medo... quando eu tenho medo de ser assaltado, quando eu tenho medo de sofrer algum tipo de ameaça, eu sempre tenho um certo receio a partir de pessoas mais humildes, a partir de suas vestimentas e... é realmente um preconceito. E eu faço isso... não sei se pela... por ter nascido em cidade grande, por ter sido orientado pra isso, mas... é uma coisa que infelizmente está inerente à minha pessoa.

Em relação à racismo mesmo...?! Eu já vi casos... com minhas amigas... não que eu tenho presenciado, mas ela me contaram... eu soube por outras pessoas. E é uma coisa... eu acho uma coisa muito boa... que vem, não só de mim... mas a maioria das pessoas da minha

geração, ou a maioria das pessoas do meu convívio... é que isso é uma coisa que é combatida... uma coisa vista com maus olhos... então... tá sendo positivo. Hoje em dia os comportamentos racistas não são mais tão tolerados, principalmente pela população mais jovem. Só que, por exemplo, eu tenho avós em casa que são... uma avó minha que é filha de índia e... uma tia-avó minha... no caso, minha avó também é, mas elas são filhas de índia. A avó delas era índia, e são pessoas de pele mais enegrecida e têm racismo... é... (pausa)... expressivo assim. Não ficam falando toda hora... tentam não julgar, mas quando é pra dar alguma opinião... as pessoas não levam em consideração porque são pessoas que já tem uma certa demência, já são pessoas mais velhas... então eu acho que ainda existe um respeito, só que eu acho que isso não deveria ser tolerado, mesmo com essas pessoas. E não é questão de respeitar por ser mais velha, é questão que é algo que tem que ser combatido, e ponto. Independente da idade, você não pode deixar perpassar certas coisas porque... daqui a pouco a pessoa vai morrer, não vai mais viver em sociedade... e a nova geração tá vindo... então... (pausa).

EU: E você acha que você tem privilégio por estar fazendo o curso de Medicina?

TAMBUZI: Sim. Eu estou no curso de Medicina porque eu tive privilégios durante a minha vida, e eu consigo levar o meu curso porque eu sei que tenho privilégios devido à situação dos meus pais. Não tenho dúvidas! Eu não tô... eu não passo dificuldades, eu tenho um padrão de vida muito acima das pessoas que estudam aqui, mas não por... porque meus pais realmente tiveram condição, então se eles batalharam, eles conseguiram... hoje estão numa situação mais estável... não sou uma pessoa que sou rica, mas eu sei que eu tenho privilégios que tem gente aqui que tem que trabalhar muito mais pra conseguir levar o curso. E as vezes eu sei que reclamo de barriga cheia, porque são coisas que não me preocupam tanto, no momento.

EU: Muito obrigada Tambuzi por falar um pouco da sua história de vida. Acho que é isso... obrigada!

Taiwo, 25 anos, autodeclaração: Pardo
(Afirma que ele entende o “ser branco” como o estilo europeu)

EU: Bom... como já havia dito, eu gostaria que você me contasse um pouco da sua história de vida... o que você se sentir a vontade para falar!

TAIWO: Bom... é... meu nome é Tiago, tenho 25 anos e agora vou falar um pouquinho sobre a minha história né... bom... é... eu comecei o colégio com 3 anos de idade numa escola particular aqui do município, e eu estudei desde os 3 anos até os 14 nessa escola.

É uma escola elitizada né... é uma escola mais tradicional, e... fiz muitos amigos nessa escola. Os amigos que eu tenho hoje em dia são de lá... as amizades mais fortes que eu tenho são de lá, e foi uma escola que foi muito importante pra mim, na minha formação. Agora algumas coisas que eu percebia nessa época foi a questão do racismo né, que sempre tava presente... tinha alguns colegas negros, que sofriam de racismo, ganhavam apelidos por conta disso, e isso na década de 90, principalmente... e... foi uma das coisas que me marcou né... que mesmo a escola sendo elitizada, você ter essa questão da pessoa sofrer bullying por conta de questão racial mesmo... e aí eu fiquei dos 3 até os 14 nessa escola, e a partir dos 14 eu mudei pra outro colégio... um colégio particular, pra fazer o Ensino Médio, aqui também da cidade, aí fiquei dos 15 até os 17 nessa escola. E também foi uma escola muito importante pra mim... e no Ensino Médio eu aprendi muito. E aí depois disso...

EU: Uma escola particular também?

TAIWO: Isso... e aí, depois disso, é... eu passei em Direito, né... só que eu não tava sabendo muito o que é que eu ia fazer no vestibular... passei em Direito e fui cursar lá na UESC. Aí fiquei lá durante 1 ano na UESC, só que durante o curso eu vi que eu tava meio que no lugar errado, e aí eu decidi sair depois de 2 semestres. Voltei pra cá, pra Jequié, fiz um cursinho particular aqui na cidade durante 2 anos, e aí depois desses 2 anos que eu consegui passar aqui na UESB né... passei em 2014. Aí entrei aqui em Medicina, e aqui já tô indo pra o 4º ano agora né... aqui eu tô... é uma parte da minha vida que eu tô tendo muito contato assim, com as pessoas que eu não... sempre fui mais reservado, sabe?! Aqui eu to tendo mais... mais... contato social mesmo. E aqui eu vejo que não tem tanto essa questão (mesmo sendo uma universidade pública, você ver que tem uma mistura muito grande né), diferentemente das outras escolas particulares, principalmente Medicina, que é um curso que é considerado mais elitizado... você vê que, pelo menos aqui na UESB, você vê que as pessoas de classes sociais diferentes, elas se misturam mais né... tem uma relação mais próxima, uma relação melhor. Porque nas escolas particulares hoje em dia, a gente ver que tem muita exclusão social, questão socioeconômica mesmo. Aqui na UESB a gente não tem isso né, pelo menos no nosso curso... não... na minha turma pelo menos, você não vê episódio de racismo, exclusão... isso não tem né.

E com relação à minha família, minha irmã ela também estudou nas mesmas escolas que eu... eu tenho 25 anos e ela tem 22... aí em 2014, depois de fazer 1 ano de cursinho, ela passou em Medicina também, na UNEB. E eu também acho que a nossa história de vida, em escola particular a vida toda foi fundamental pra ela ter conseguido passar, e passar rápido, como ela passou também. E aí tá lá... tá no 6º semestre na UNEB, e meu pai e minha mãe... meu pai é bancário né... ao longo da vida dele toda trabalhou no banco e minha mãe, professora do município... só...

E com relação à questão da negritude no Brasil, eu vejo que tem um preconceito deles com relação a eles mesmos né, com relação à própria condição de ser negro né... o que a gente ver na rua muitas vezes, são casais em que é um negro e um branco... é difícil você ver um casal em que as duas pessoas são negras né... Então, tá crescendo agora esse Movimento de

autoafirmação da negritude e tal, mas eu vejo que ainda existe um preconceito que nasce até dos próprios negros com relação à condição deles de ser negro.

E com relação à composição do curso aqui, eu vejo que essa questão socioeconômica, ela tem influência sim, até na entrada na universidade... porque a minha turma são 23 pessoas, e só tem 3 negros né... é um curso considerado elitizado e então a maioria esmagadora são de pessoas brancas né... e isso tá presente também em outras turmas né, sem ser a minha...

EU: É, eu percebi...

TAIWO: É uma maioria absoluta... é negra... então isso são reflexos...

EU: A maioria é de pessoas brancas.

TAIWO: É... desculpe... a maioria absoluta é branca, então isso são reflexos, acho que da condição socioeconômica né... é uma questão do passado né, no Brasil, que já vem se perpetuando... que as pessoas brancas, elas acabam dominando a questão das vagas nos cursos, tendo privilégios né... nesses cursos que são considerados mais elitizados, como por exemplo, Medicina, Odonto... a gente ver muito isso também.

EU: Então você... fazer uma pergunta direta aqui... você se considera privilegiado por estar nesse curso?

TAIWO: Sim. Sim. Eu me considero.

EU: Muito obrigada Taiwo, por me contar um pouquinho da sua história de vida.

